ANNO XXV — N.° 32
Rio, 8 de Agosto de 1931
— PREÇO: 1$000 —

un air embaumé

Perfume

RIGAUD 16 rue de la Paix PARIS

E. CHARLES VAUTELET, Agent — 20, Rua do Mercado — Rio de Janeiro

Se V. S. soffre noite e dia de dores rheumaticas, ou se apenas sente os primeiros symptomas de dores que podem ser causadas por desordens nos rins, inicie HOJE MESMO este tratamento.

UM UNICO REMEDIO PARA
DORES MUSCULARES

OFFERTA GRATIS DE EXPERIENCIA DE UM TRATAMENTO COM 40 ANNOS DE EXISTENCIA!

"Essas terriveis dores nos musculos e nas juntas, podem revelar desordens nos rins."

Diz-se, não sem fundamento, que o rheumatismo é a tragedia da vida moderna. Os que deixam passar por alto os seus primeiros symptomas, podem chegar a verem-se impossibilitados de se dedicarem as suas tarefas ou distracções predilectas e até prostados na cama. As crianças tambem padecem de rheumatismo com frequencia.

O DESCUIDO DE SUA SAUDE, PODE TER GRAVES CONSEQUENCIAS

Se V.S. se descuida do que tem toda a apparencia de ser symptomas de rheumatismo, como seja a inchação das juntas, pontadas, dores agudas ao longo das pernas e dos braços ou nas cadeiras, talvez esteja em caminho de perder sua saude. Portanto, quando insistimos com V.S. a experimentar em sua casa ou durante suas occupações, o que as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga podem fazer-lhe, fazemol-o com a maxima confiança.

AS PILULAS
DeWITT
PARA OS RINS E A BEXIGA

O Remedio Que Mostra Effeito Em 24 Horas.

AS PILULAS DE WITT PARA OS RINS E A BEXIGA SÃO UM REMEDIO MARAVILHOSO PARA O EXCESSO DE ACIDO URICO NO SANGUE.

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. M 8)
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço ....

....

O CONTO BRASILEIRO

AMOR E GLORIA

Por JOSÉ MARIA SENNA

LAURO e Maria Helena fizeram, de subito, uma pausa na animada palestra que entretinham havia meia hora.

Estavam os dois sentados confortavelmente, em volta de pequena mesa arredondada, collocada no alpendre do restaurante existente no alto da Independencia, o adoravel recanto de Petropolis.

Era por uma fria manhã de domingo do mez de julho.

Em derredor, o vento, que sibilava incessantemente, fazia fremir o capim, bordura, e farfalhar a folhagem das arvores; automoveis immoveis aguardavam os matutinos excursionistas que, tiritando de frio dentro de seus agazalhos, se não fartavam de contemplar a tela que aos seus olhos fascinados se patenteava.

De um lado, altos morros azulados; do outro, arvores finas e compactas, de galhos emmaranhados.

Lá muito em baixo, a planicie fluminense estendia-se inerte, como que entorpecida de somno. Mais além, a bahia de Guanabara, á flor de cujas aguas estagnadas Paquetá boiava... Para a direita, era a ilha do Governador, uma larga e irregular faixa de terra, que parecia nascer do canto direito da baixada. Para a esquerda, o vulto negrejante das serras de Nictheroy.

Ao fundo, á direita, uma procissão de montanhas com o Corcovado á frente, carregando o Christo Redemptor. E ao pé dessas montanhas, de costas para ellas, olhando para o mar, os palacetes de um trecho da Avenida Beira-Mar; bem em frente, o Pão de Assucar, atraz do qual, fechando a tela, cahia a cortina do céo.

Maria Helena, apertando, uma de encontro a outra, as pequeninas mãos enluvadas, deixou pairar um olhar distrahido pela paizagem.

Lauro, discretamente, examinou-lhe os contornos do corpo elegante e appetitoso como um fructo maduro que se deseja e que se não póde colher.

Uns olhos negros e grandes illuminavam-lhe o rosto, de linhas gregas. A bocca era breve e contrahia-se-lhe a miudo, no gesto, que lhe era habitual, de morder os labios.

Formosa e rica, Maria Helena tinha, certamente, innumeros apaixonados. Não obstante, permanecia solteira.

Lauro conhecia-a de ha muito. A m a v a - a até, porém em segredo. E' que entre elles se erguia, interpondo-se, o seu sonho de gloria, illusorio quiçá, mas absorvente.

Lauro tinha a opinião, erronea talvez, de que a Gloria só se entrega a quem a ama exclusivamente. Egoisticamente. E para possuil-a, elle, Lauro, não media sacrificios, não conhecia o desanimo e renunciava ao amor das mulheres.

O silencio que cahira havia pouco, promettia prolongar-se, quando Maria Helena, voltando-se para Lauro, o interrogou:

— Você acredita na felicidade?

— Conforme... — disse Lauro.

E explicou:

— Depende da fórma pela qual comprehendemos a felicidade. Della o que pensa você?

Maria Helena sorriu, e respondeu:

— O velho systema: neutralizar uma pergunta com outra.

Houve nova pausa.

De repente, Maria Helena desfechou á queima roupa esta coisa inacreditavel:

— Você, Lauro, quererá casar-se commigo?

Lauro, si estivesse de pé, certamente teria cahido com o choque. Tartamudeou:

— E'... E'... E' brincadeira, pois não?

Maria Helena mordeu, nervosa, os labios e retrucou:

— Nunca falei mais seriamente. Escute: Você sabe que sou rica... Demais até — accrescentou, meneando, com tristeza, a fronte pensativa.

E proseguiu:

— Tenho recebido muitas propostas de casamento. Recusei-as todas, porque em todos os pretendentes notei, não amor ou amizade, e sim o interesse. Unicamente. Ora, você, dos meus intimos, foi sempre o predilecto. Nunca percebi nos seus olhos ou nos seus actos o minimo interesse pela minha fortuna. Sonhador, poeta eternamente enamorado da arte, você vive num mundo differente do real. O dinheiro, servindo-me de alheio pensamento, você o traz na cabeça; não no coração. Este, eu sei!, só palpita pela Gloria, esta esmeralda fugitiva do bandeirante allucinado. Quero-o, pois, para meu companheiro de jornada. Seriamos dois *raidmen* em busca, um da gloria, o outro da felicidade.

Lauro sorriu com scepticismo, e perguntou:

— Julga que commigo encontraria a felicidade?

Sim. Tenho essa convicção. Você é bom e nobre.

— Agradeço-lhe o elogio. Mas sinto dizer-lhe que você se engana. Um sonhador, como eu, nunca poderá fazer feliz uma mulher. Elle vive muito dentro de si, muito para o seu sonho. A dôr é a sua fiel amante; o estylo o seu verdugo. E a felicidade, para elle, consiste na propria dôr feita inspiração. Já vê que...

Calaram-se. Maria Helena, friorenta, fechou sobre os seios o rico "manteau" que vestia.

Lauro, vagarosamente, tirou do bolso a cigarreira, bordada a ouro, e, abrindo-a, estendeu-a a Maria Helena:

— Fuma?

Maria Helena retirou um cigarro; Lauro outro. Riscou um phosphoro. Maria Helena curvou-se sobre a chamma com o cigarro nos labios. A fumaça bailou no ar.

Apparentemente tranquilla, depois de ligeira pausa, ella interrogou:

— Recusa?

— Apenas não creio na sinceridade de sua proposta — respondeu Lauro.

— E' verdade! A mulher que inverte o seu papel na eterna comedia dos sexos, só por brinca-

(*Conclue na pag. seguinte*)

Influencia do ambiente: a casa de um famoso director cinematographico...

NOSSA SENHORA DOS PRAZERES

NA tarde de um dia que fôra um encanto, a Virgem sahira a visitar a risonha villa de Soure. E eu fui vêl-a passar, na doce esperança de que ella me visse...

Nossa Senhora dos Prazeres! Que felicidade conhecêl-a, quem até hoje só tem conhecido Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Tristeza, Nossa Senhora da Melancolia!

Vêr o rosto radiante de Nossa Senhora dos Prazeres é uma ventura para os olhos que até agora só têem visto o rosto de Maria lavado de lagrimas e pleno de angustias...

O seu itinerario estava marcado por um tapete de folhas verdes, e Ella vinha sobre um throno de lyrios, pairando sobre todos, com os braços erguidos para o céo, como a nos dizer que só do alto virão os prazeres ineffaveis que procuramos em vão sobre a Terra.

Alguem, ao meu lado, dizia em silencio uma prece e contava silenciosamente a sua Dor. Deixava dizer tudo o seu coração...

E falava, e pedia, e supplicava o remedio para a sua magoa, para a sua decepção, para a sua amargura, para o seu orgulho apunhalado, para o desespero da sua saudade!...

Pedia, pedia tanto...

Quanto a mim, creio que nada pedia, além de que Ella consentisse que eu pudesse ouvir o sino repicar alegremente, como estavam os outros ouvindo, quando aos meus ouvidos elle dobrava a finados...

Mas... Ella passou — com os braços abertos como num adejo, o rosto illuminado pelo sol poente, os olhos cheios de luz e de vida. Palpitavam na cadencia da marcha as dobras do seu manto azul; parecia viver e parecia sorrir, mas sorrir para os outros e tão afastada, e tão distante, e tão alheia a mim e a esse Alguem que ao meu lado supplicava!

E no retorno, quando recolhia ao templo, no patamar da igreja a Virgem voltou-se para todos os lados, como para abençoar e acolher nos seus braços todos aquelles entes que lhe supplicavam tantas e tão diversas coisas, como para dizer que lhes ouvira e deferira as supplicas...

Mas, então, por que motivo o seu gesto não abrangera a minha alma e o seu olhar estivera tão desviado de mim?

Era, pois, destino que eu só tivesse o olhar de Nossa Senhora da Tristeza e voltado para mim o rosto de Maria pleno de angustias?!...

Voltei-me para esse Alguem que ao meu lado tanto supplicava: — era a minha sombra...

SUZANA DE ALENCAR GUIMARÃES

AMOR E GLORIA

(Conclusão)

deira! Ha, a mulher, de sempre se conformar com a passividade. Ha de sempre dizer não e não, quando o homem diz: eu quero! e seu coração, alvoraçado, responde sim, sim e sim! Só ao homem cabe o ataque; defender-se é a missão da mulher. Você, Lauro, julga, talvez, que este nosso encontro é obra do acaso, não?

— Certamente.

— E admirar-se-ia si lhe dissesse que aqui estou porque você para aqui veiu, não?

— Claro!

— Pois foi! Eu sei que você me ama, Lauro. Inutil é negar. Tenho certeza. Vê: foge os seus dos meus olhos interrogativos. Tem medo?

— Não...

Alegre, Maria Helena affirmou:

— Tem. Você me ama, ama e ama. Agora estou plenamente c o n v encida. Bem me disse a cigana!

— A cigana?

— Sim. Leu-me hontem as mãos. Disse-me que eu amava e era amada. Porém, era necessario que lutasse para a conquista de meu enamorado. Uma rival poderosa m'o disputava.

Maria Helena fez uma pequena pausa, e continuou:

— Não titubeei. Tratava-se de minha felicidade. Soube que você estava em Petropolis. Saltei para o meu carro, ás primeiras horas da manhã de hoje, e disparei por essa magnifica e linda estrada de rodagem que liga o Rio a Petropolis. E agora...

Lauro repetiu, como o éco:

— Agora...

— Que decide você?

— A sua rival é mais forte do que você, Maria Helena.

— Acha?

— Sim. O homem que se casa morre para a gloria. Ella não admitte partilha: ou tudo, ou nada.

— Engana-se. Ás vezes até, póde a mulher auxiliar o homem a alcançal-a. Um exemplo: Flaxmann, o grande pintor, a quem sir Joshua Reynolds disse um dia:

"— Consta-me que vos casastes; si assim é, estaes perdido para a arte, meu caro Flaxmann."

"Flaxmann voltou triste para a casa. Contou á mulher o que lhe havia dito o presidente, exclamando:

"— E eu quizera ser um grande artista!"

"— Pois serás um grande artista — replicou a esposa".

"— Mas como?

"— Trabalha e economiza — respondeu a generosa moça.

"E, ajudado pela esposa, Flaxmann trabalhou infatigavelmente. E venceu. Executou, além de outras obras primas, o quadro celebre: "S. Miguel Archanjo prostrando Satanaz".

— Não, Maria Helena! Hoje, não! Um dia... Quem sabe!

Maria Helena não insistiu. Subiu para o carro e, já com o motor funcionando, exclamou:

— Ha de ser meu, juro! Até breve!

E partiu numa nuvem de poeira, deixando Lauro entre alegre e arrependido.

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000

Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.

Representante na Europa: E. Bourget & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: 2-0377 — Administração: 2-4136 — Caixa Postal 67

RIO DE JANEIRO

: : : A ULTIMA VISITA : : :

— Deixe meu casaco, Martha. Você o terminará amanhã. Prefiro que mude os forros do sobretudo de meu marido. Mas, que tem você? Está chorando?

— Preferiria não falar-lhe disto. Faz hoje quatro annos que meu pobre filho...

— Perdeu um filho?

— E de que maneira, senhora! Casei-me aos vinte annos com um primo a quem não amava. O infeliz morreu seis semanas depois de nos termos casado, deixando-me com um filho que nasceu oito mezes depois.

"Meu marido contrahira uma pneumonia no enterro de sua tia, que lhe deixára como herança um armazém. Encarreguei-me do estabelecimento, e dediquei-me ao cuidado de meu filho.

"Quando elle ficou maiorzinho, botei-o na escola, onde, desde logo, se tornou um dos alumnos mais applicados. Até os dezoito annos, meu filho não se esquecia de dar-me satisfações. Mas, em casa de um de seus amigos, teve a desdita de conhecer uma mulher, esposa de um negociante da localidade.

"Um dia, declarou-me, sem preambulos de especie alguma:

"— Preciso, sem falta, de oito contos de réis, mamãe.

"Perguntei-lhe para que os queria, e elle contou-me a historia de seus amores, dizendo-me que o marido de sua amada estava na imminencia de quebrar e que lhe era preciso salvál-o da ruina.

"Como era natural, neguei-lhe a quantia solicitada. Meu filho indignou-se deante de minha decisão, e se poz a chorar como uma criança.

"— Vou pedir os oito contos a meu padrinho — disse-me.

"Seu padrinho era um toneleiro de oitenta annos de idade.

"Meu filho sahiu precipitadamente. E em vão o esperei até onze horas da noite... Depois, fui deitar-me um pouco inquieta, recordando que outras vezes não viera dormir em casa. No dia seguinte, pela manhã, não havia regressado ainda. Apanhei a cesta para ir ás compras, e ao chegar ao mercado ouvi uma conversação entre dois vendedores de legumes.

"— Sim — dizia um delles: — o pobre velho não deve ter opposto resistencia.

"— O assassino havia de saber que o toneleiro era muito rico.

"Não sei, minha senhora, como naquelle momento, não cahi morta de repente. Puz-me a tremer, e não sabia que fazer nem que dizer.

"Afinal, voltei para casa sem ter feito as compras. Ao entrar no quarto de meu filho, vi Henrique lavando o sobretudo em um balde cheio de agua.

"— Que fizeste, meu filho?! — perguntei-lhe, horrorizada.

"Elle não me respondeu.

"Aconselhei-o a fugir. Mas não podia sahir da localidade por nenhuma estação.

"Como andava bem de bicycleta e tinha vendido a sua, sempre por causa daquella maldita mulher, dei-lhe dinheiro para que comprasse outra.

"Elle abraçou-me e sahiu, deixando-me sozinha.

"No dia seguinte, dois policiaes bateram em minha casa, perguntando por meu filho. E, com a de-

: : : DE TRISTAN BERNARD : : :

vida autorização do juiz, procederam a uma rigorosa revista em todos os compartimentos. Nada encontraram, e eu lhes disse que Henrique partira para uma viagem havia tres ou quatro dias.

"Suppuz que meu filho houvesse ido para longe, fugindo, assim, a qualquer perigo que o ameaçasse. Mas voltou á localidade na semana seguinte. Não podia viver sem ver aquella mulher. Um garoto que o vira na rua onde morava a esposa do commerciante annunciou-o á policia, e dois agentes, immediatamente, o agarraram.

"Eu não havia dito nada ao advogado de defesa acerca dos amores de Henrique com Carlota, a esposa do negociante, a qual não havia dado signal de vida durante a prisão de meu filho.

"O causídico foi á capital solicitar o indulto, e, depois de ter visitado o Presidente da Republica, regressou á localidade sem ter conseguido seu intento."

— Deve ter sido numa época horrivel para a senhora.

— Horrivel, minha senhora! Nem gosto de recordál-a. Aproximava-se o momento fatal. Na vespera, eu vira meu Henrique e desejava tornal a vêl-o na noite anterior á sua execução. Sabia perfeitamente que não se poderia entrar no carcere fóra das horas do regulamento. Mas conhecia o alcaide, senhor Bellot, e dirigi-me á sua residencia, afim de solicitar-lhe uma licença especial. Elle m'a negou, a principio, allegando ser terminantemente prohibido. Mas, afinal, se apiedou de minha dôr e me disse que o acompanhasse na visita de inspecção: assim, eu poderia, detendo-me um segundo, dar um beijo em meu filho.

"Penetrámos nos corredores do sombrio carcere, onde apenas se viam as lampadas, collocadas a longas distancias umas das outras. M. Bellot levava na mão sua lanterna, que só alumiava um pavimento.

"Subimos ao segundo andar e paramos deante de uma porta.

"— Ahi está elle — disse-me o alcaide, que chamou meu filho pelo seu nome e sobrenome. — Dê-lhe um beijo pela janella.

"Adivinhei, então, que Henrique se achava junto á janella.

"O infeliz me disse, em voz baixa:

"— E's tu, Carlota?...

"Ao mesmo tempo apoiou seu rosto contra o meu e beijou-me apaixonadamente."

— Pobre mulher! Deve ter tido um desgosto atroz ao se convencer de que elle só pensava na outra, não é assim?

— Nada disso, minha senhora. Eu era tão feliz, tão feliz naquelle supremo instante! Comprehendi-o em seu beijo. Confesso que tive medo de que notasse seu engano. Assim, fiquei satisfeita de saber que o senhor Bellot me obrigava a retirar-me immediatamente. E aquella ultima noite, que tanto me aterrava, que não julgava poder passar viva, dormi por espaço de muitas horas. Ao despertar, senti um desfallecimento espantoso ao lembrar-me de que tudo havia terminado. Depois, pensei que meu filho havia morrido feliz e trabalhei silenciosamente até o entardecer, occupada em coser um traje apenas começado, que terminei por completo durante o dia.

— Eh, palerma! Segura-me aqui os oculos; não vês que se vão quebrar?...

INOFFENSIVA (Capital) — Não serve a sua collaboração. Desculpe, sim?

MARROEIRO (Ceará) — O sr. teve muita graça. Os seus versos reflectem um espirito sadio, fino, gracioso. Mas, descuidado. Admiro-me de como podendo tornar perfeitos os decasyllabos de "Mademoiselle passadista", não os aprimorou. O mesmo se dá com "D. Gloria".

Naquella esquina minha alma já [fez
e
P'ra vel-a alegre um castello bo- [nito

são dois versos imperfeitos, sem rythmo, sem harmonia.

Que pena! O sr. podia e sabia fazel-os perfeitos.

ROSA MARIA (?) — Quando recebo, como agora, uma carta prosaicamente escripta á machina, vacillo entre dois juizos: ou ella pertence a um marmanjo, um cavalheiro de mau gosto, ou a uma senhorita de attitudes varonis, mais homem do que mulher, negação de bom gosto, da graça, da harmonia, da feminilidade, em summa.

E, por um desdobramento de idéas, começo a vêr a creatura complicada com um par de oculos no nariz, uma carranca forte, assignalada por espêsso busto,, cabello *á l'homme*, recta, angulosa, pisando duro, num andar de andarilho, que viajasse com destino ao mundo da lua.

Uff!

Que juizo devo fazer da sua missiva? E' difficil uma resposta exacta, precisa, racional. A verdade é que ella é portadora de um texto interessante.

Escreve v. ex:

"Do "Mundo da Lua" ao Yves — Yves. Sou assidua leitora da secção "Saibam Todos" do Fon-Fon e como tal uma das suas admiradoras. Bem sei que a minha humilde homenagem pouco importa a você, mas é sincera e espontanea.

Yves, venho fazer-lhe uma consulta; poderá dar uma resposta a essa pequenina Rosa que de tão longe se dirige a você? Pode? Sim?...

"Est-ce qu'un couer de vingt ans peu aimer

"un de quarant?Union Hereuse?"

Aguardo anciosa a sua resposta, a valiosa opinião de um espirito superior. Multissimo grata lhe fica a — "*Rosa Maria*".

Só pela sua consulta v. ex. merece uma resposta assucarada.

Comecemos, pois.

Pode um coração de vinte annos amar um de quarenta?

Vamos por partes.

— I E' preciso saber o sentido que dá, no caso, ao vocabulo *amar*... Ha tantas fórmas de amar...

Si o "coração de vinte annos" está cheio de sonhos, de aspirações de fantasias, e curte as penurias amargas de uma vida sombria, que lhe não permittem gozar a alegria de viver, e o "coração de quarenta" lhe poderá proporcionar tudo aquillo que elle deseja e cobiça, penso, que o primeiro poderá *amar* ao segundo. Mas ahi o lindo verbo é empregado de modo "condicional" — embora no "infinitivo" (?) — Absurdos da grammatica do coração e da vida.

— II Psychologicamente falando, não ha idade para o coração amar Ha paixões precóces, como a da duqueza de Borgonha, si não me engano. (Escrevo de memoria, e "currente calamo"...) Na India ha creanças, isto é, meninas que se casam aos nove annos, embora esse consorcio seja puramente formalintico. E entre algumas tribus de tziganos bulgaros as uniões se dão, geralmente, entre aquella idade e os quinze annos.

No caso, entrará o amor? Pode ser que sim, pode ser que não.

Théodore de Bauville tem uma pagina magistral, num dos seus livros de contos, — "Dames et Demoiselles" — onde nos apresenta uma garota de sete annos, loucamente apaixonada por um primo de trinta.

Ha uma série de episodios curiosos, através os quaes ficamos vendo que o amor póde ferir, indifferentemente, o coração do velho e da creança. E, mais tarde, quando o primo, alheio ao amor infantil da parenta, desposa uma bella senhorita, e procura-a beijal-a, com ternura, ella o repelle com esta phrase resoluta:

— Sáe! Tu casaste com uma outra mulher!

Saibam

— III A meu vêr, a idade pouco influe sobre o amor. Ha jovens intrinzecamente velhos; e velhos...

Já leu os contos de Perrault? E' lá que se encontra "La Barbe Bleu"... Esse famigerado trucidados de mulheres é um exemplo de que ha homens de quarenta annos que estão em condições de *amar* e podem ser *amados* por um "coração de vinte annos"...

De resto, o amor é um sentimento complicado. Não é por outro motivo que os antigos o representam cégo e fazem delle um deus discreto, ligeiro e poderoso.

MUSA NOVIÇA (S. Paulo) — Como leitora, eu lhe quero muito bem. Mesmo porque é paulista. Mas como poetisa, não quero bem nenhum.

Por que? perguntará com uma carinha de chôro.

Direi a razão: porque v. ex. como rimadora de versos é um desastre poetico.

A sua carta é deliciosa; e por ella se vê, claramente, quantos annos está longe da poesia.

Eis aqui a sua missiva:

"Presado Senhor Yves. Respeitosos Cumprimentos. Desejosa de sêr um dia, humilde collaboradora do conceituadissimo "Fon-Fon" do qual sou ha muito, assidua leitora, venho por ésta, apresentar-me, e apresentar alguns dos meus obscuros trabalhos, na expectativa de que merecerão a sua mui honrosa attenção.

Actualmente collabóro para a não menos conceituada "Vida Domestica", mas sempre receiosa de commetter alguma "gaffe" cousa vulgar, para os principiantes, si bem, que desde a edade de 10 annos, venho "arranhando" algumas "quadras" e "sonetos" de pés e mãos mais ou menos "quebrados"!...

Como diz o dictado: "Quem não arrisca, não petisca"... e é por isso que me arrisquei a escrever-lhe, sabendo o quanto é severo, em questão de "metrica"...

Como já disse, ha muitos annos que componho versos, porem mistificados, ha bem pouco tempo... pois julgava a "metrica" um "bicho de 7 cabeças"!...

Assim mesmo não tenho a presumpção de dizer que sou "poetisa", pois reconheço a insignificancia dos meus versos e da sua metragem, que francamente dizendo, é o que mais me amofina... Junto a ésta, envio-lhe dois sone-

todos ...

tos e uma poesia sem metrica, das que se compõem actualmente.

Peço-lhe encarecidamente não reparar nos mesmos, mas sim, informar-me se a metragem dos mesmos está bôa, regular, etc., afim de melhor me orientar para o futuro.

Absolutamente certa da sua indiscutivel delicadeza, subscrevo-me com todo o respeito. De P. Sa. A As. e Obrgda.

P. S. Peço-lhe por obsequio, quando responder-me, não usar o meu nome e sim o pseudonymo abaixo: — "Musa Noviça".

Ao lêr este trecho maravilhoso: "Junto a esta envio-lhe dois sonetos e uma poesia sem metrica, das que se compõem actualmente", vem-me á memoria a historia daquella noiva que deixou o noivo louco, no dia do casamento. E' que elle foi, pouco a pouco, lhe descobrindo os defeitos physicos. A moça era coxa e cega de um dos olhos. Depois elle notou que o seu braço direito, como os dentes, eram postiços. Um dos pés era de borracha. A orelha esquerda tinha perdido um pedaço. De sorte, que ao revelar-lhe ella, que era tuberculosa, o noivo ficou doidinho varrido.

Ora, v. ex. declara que a sua poesia não tem metrica. De accordo com a escola moderna... Mas depois de examinal-a com attenção verifiquei serem tantos os seus defeitos que, afinal, da producção propriamente dita, só se aproveita... o papel.

Não é parecido com o caso da noiva a historia dos seus versos? Bem, até sabbado. Sim?

JOGOUFER (Espirito Santo) — O sr. é positivamente um homem destituido de espirito pratico. Ou por outra — é demasiado theorico: perde tempo á tôa.

Escreve o sr.:

"Yves. Saudações. Pela primeira vez (que já vae longe), lhe enviei junto a uma carta, o diminuto resultado do meu labor intellectual — Inuteis Lamentos e Dialogo Interno —, resultado esse, infimo, bem reconheço, mas que não merecia o seu silencio, pois você deve saber, que o silencio é, ás vezes, peior do que a critica... Pela segunda vez, como não recebera resposta de especie alguma, tornei a escrever-lhe, pedindo alguma resposta pelo "Fon-Fon", e enviando tambem um pequenino trabalho (outra vez porque, ainda não desanimára). Foi em vão, e estou quasi a acreditar que o é ainda, que procurei (e procuro), todos os sabbados, no "Fon-Fon", a resposta desejada... "Que diabo, pensei eu, será que o Yves não ligou a minima importancia ao que lhe mandei?..." Veja bem, que quando se pergunta, á alguem, alguma cousa, e esse alguem não responde, a *gente* fica bastante decepcionado; não concorda? Ainda mais, eu, que tenho, digo-lhe com franquesa, grande admiração pelo seu talento, fiquei bastante descontente... serio! Eis porque, insistindo, torno a pedir que você me faça a fineza, de dizer, se o que eu escrevi, presta ou não presta, visto que do contrario ficarei sem saber, se realmente elles têm algum valor, ou se foram como tantos outros, acabar de encher a sua cesta, já tão transbordante!..."

Ora, vê-se bem que o sr. não facilita as coisas.

Si ha duvidas quanto ao recebimento da sua correspondencia, uma ou duas vezes, era o caso de, na terceira, o sr. fazer nova remessa dos trabalhos que julga extraviados.

Tinha graça que eu fosse, como o sr. pensa e pode fazer, procurar no meio de centenas e centenas de cartas, a correspondencia que deveria trazer o pseudonymo de "Jogoufer".

Não é possivel, meu caro. Preciso de ganhar a vida e, só com o sr., teria de perder um tempo precioso.

O que lhe asseguro, de antemão, é que, si a sua missiva não era de ataque, de insolencias, cujo troco não lhe pudesse dar por esta secção, ella, de certo, teria tido resposta. E' essa a minha obrigação.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON-FON — 8-8-931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

— Previno-o de que o banhar-se aqui, lhe vae custar cinco mil reis de multa.

— Perfeitamente. Então, tire, do meu bolso, não cinco mil reis, mas cincoenta, porque estou me suicidando...

Quando um consulente fica sem resposta, é pelos motivos seguintes:

I — Falta de cortezia, linguagem pouco decente, etc; II — Endereço errado. Isto é, cartas em cujo endereço não se lê o nome de Yves; III — Collaboração, sem o respectivo esclarecimento do interessado, dizendo o que deseja.

Portanto, é facil ver o caso em que está a sua correspondencia.

BEATRIS FERREIRA (Pernambuco) — Prezada collega. A sua cartinha de agredecimento — o que é raro — pelas palavras que escrevi a proposito de seu poema *Asas*, me trouxe o grato consolo de saber que tenho amigos no meu Estado. (Ninguem é propheta na sua terra...)

Quanto a inveja que corveja em torno a sua obra é coisa que só lhe ha de servir de estimulo. Não se cobiçam senão as bôas coisas. E o raio só attinge as culminancias. E' sabido. A prova de que o seu livro tem valor está justamente em ser apedrejado pelos nullos, os vulgares, os despeitados e incapazes.

Ouça uma opinião: não lhes dê confiança. E muito menos resposta. O silencio, nesses casos, é mais efficaz, de que todo um discurso de desafôros, uma réplica de catilinárias e doestos.

E si pretender responder, sirva-se de meu processo: responda com bom humor, sem escrever o nome dos seus detractores.

A sua photo... Que pena! Não deu bom *cliché*. Este sahiu quasi negro. Mande-me uma photographia melhor. Antes de fazel-o, indague, por ahi, de pessôa entendida, si ella dará bôa reproducção em papel couché.

E creiu na sympathia do seu confrade e conterraneo.

GOTTAS...

Mede-se o valor de uma vida pelo numero de victorias do espirito sobre a materia.

* * *

O instincto animal deve submetter-se ao instincto da alma.

* * *

Após a luta desses dois instinctos, a paz será tanto mais profunda e duradoura na alma que se quer elevar, quanto mais radical fôr a victoria do instincto da alma sobre o instincto animal.

* * *

A sabedoria está *sempre* em conflicto com o instincto e, *muitas vezes*, com a razão.

* * *

Razão é justiça; sabedoria, amor.

* * *

O homem de razão julga com justiça. O sabio ama e perdôa. Jesus foi mais que um justo: foi sabio.

* * *

A sabedoria é o sentimento do infinito. O amor, a sua mais bella fórma.

* * *

Perfeição é justiça, verdade, rectidão, amor.

* * *

As almas perfeitas são como possantes pharóes a clarear a estrada que as almas obscuras hão de um dia trilhar.

* * *

Não ha alma, por mais obscura e decahida, que se não possa rehabilitar.

* * *

Existe em todas as almas um sitio que o peccado e o crime não poderão nunca attingir.

* * *

A virtude é um dever. Não se deve esperar recompensa por haver praticado um acto de virtude. O premio da virtude está em nós, na satisfação de haver cumprido o dever. E não ha alegria, felicidade, amor, que valham essa satisfação.

* * *

Não ha actos inuteis de virtude ou de bondade, assim como não ha pensamentos elevados e nobres inefficazes. Os que o são apparentemente, abrem em nossas almas esteiras de luz.

A maior virtude é a que não espera compensação.

* * *

O interesse de recompensa como que mancha a pureza da virtude.

* * *

O heroismo é a culminancia da virtude

* * *

Pobre virtude, a que precisa da approvação e applauso do mundo!

* * *

O mal como que comprime, restringe, limita a intelligencia. O bem a dilata, a desdobra, abrindo-lhe mais vastos horizontes.

* * *

E' mais facil desdenhar do que comprehender. E é mais commodo tambem.

* * *

Contentar-se com pouco, limitar seus desejos e ambições, é ser mediocre.

* * *

A consciencia é edificada pelas paixões.

* * *

A humildade é, muitas vezes, falta de sinceridade para com os outros e de lealdade para comsigo mesmo.

* * *

Nunca se é mais rico do que quando se abrem as mãos para dar.

* * *

Não basta pensar; é preciso realizar.

* * *

O genio é essencialmente creador: não imita, não copia, crêa.

* * *

Toda a acção é um passo que se dá para deante ou para traz, segundo é ella bôa ou má.

* * *

Na morte tudo acaba... e tudo começa para a eternidade.

* * *

O nosso destino é o céo. O céo é a felicidade. E o caminho da felicidade é a perfeição.

* * *

Nada é pequeno ou grande. Tudo tem a extensão que a nossa sensibilidade lhe dá.

REGINA RIZZETTI.

O DESHERDADO

SYLVIO BLASCO deixou o hospital numa radiosa manhã de primavera. Transpoz a porta de sahida, e a realidade brilhante do sol deslumbrou-lhe os olhos, cansados de contemplar, dias e dias, a parede árida e o tecto branco da sala. Caminhou sob a sombra das arvores enfileiradas junto ás pedras do calçamento. E emquanto fugia sua melancolia, seus ouvidos recebiam, jubilosos, o ruido das folhas verdes, transparentes de luz, que uma brisa monotona agitava levemente. A poeira da rua, tambem inquieta, se elevava em curtas espiraes.

Slyvio apertou seus labios exangues, respirando com fadiga pelo nariz, fino e pequeno.

De novo deante da vida. Seus olhos negros deixaram que fugissem, definitivamente, as visões daquelles dias tristes, interminaveis, de atormentada reclusão, que ainda pareciam inquietál-o. E teve a impressão de que não seria capaz de voltar novamente ao scenario mundano, onde o homem, esbanjando e n e r g i a s, affronta a voracidade vital dos dias, dos mezes e dos annos.

Haviam-lhe dito que elle estava curado. Mas elle sabia que isso era uma piedosa mentira. Sua enfermidade era incuravel. O mal continuaria devorando-lhe o peito enxuto. Graças aos medicos, conseguira deter sua obra destruidora.

Outra vez na rua... Mas, por que não se alegrava? Tentou uma falsa alegria, e, sem querêl-o, novas visões desfilaram-lhe pela retina, occupando o logar das outras. Continuou caminhando. E ao rythmo daquelles passos timidos, sua imaginação parecia ficar prisioneira entre os espinhos de esperanças de um caminho de felicidade que palmilhava. Começou a sonhar como outras vezes: tonificar-se-ia, comeria muito, mesmo contra sua vontade. Procuraria noiva. Formaria seu ninho no campo, entre arvores e flores de matizes diversos. Teria uma casinha de tecto vermelho e um bello cão de guarda, para que ninguem entrasse nella. Emfim... Mas esse sonho fugiu, assustado. Voou, como os passaros, ao ouvir um vehemente accesso de tosse que lhe purpurejou as faces pallidas. O esgottamento de suas exiguas forças fel-o fechar os olhos.

Recuperou o alento. Em voz baixa sussurrou ao lenço que lhe enxugava as lagrimas: "Por que serei tão tolo? Eu sou, apenas um espectador da vida: tenho olhos para ver e coração para chorar."

*

NO dia seguinte, se apresentou a seu emprego. Depois de cumprimentar seus chefes e seus collegas, um continuo veiu dizer-lhe que o gerente queria falar-lhe

Uma hora depois, Sylvio Blasco estava de novo perambulando pelas ruas.

Em seu cérebro offuscado retumbou, com éco interminavel, a voz do homem obeso, sem pescoço, cuja cabeça parecia repousar sobre os hombros: "Esta resolução é devida a seu estado de saúde... Aqui tem este

dinheiro, e trato de procurar uma collocação onde tenha bom ar. O senhor é um perigo para seus companheiros de trabalho." E ao evocar isso, sua mão humida machucava o enveloppe que encerrava os tres mezes de seu ordenado.

Caminhava cheio de angustia. Suas idéas estavam fixas. Seus olhos, ao contrario, se libertavam ante o espectaculo; fugiam deitando-se com o rosto das mulheres bellas que passavam a seu lado, deixando uma esteira perfumada... Olhava, olhava... Depois do espanto, a tristeza. E um sabor amargo nos labios. As lagrimas subiam-lhe do coração...

Decorreu um mez. Outro mez...

Sylvio Blasco não quiz chegar ao recanto obscuro de sua provincia, onde só encontraria os parentes que o haviam acolhido quando ficára orphão. Preferiu continuar na cidade.

O dinheiro e melhoria que havia conseguido foram, pouco a pouco, separando-se delle.

Caminhava pelas ruas centraes, detendo-se deante das vitrines, agora mais vistosas do que habitualmente. As festas de Natal, fim de anno e reis enchiam-nas de alegria e tentação. Elle ficava admirando-as. Só então sabia que existia. Esquecia-se de sua pessôa. Era um espectro. Contemplava-se uns segundos sobre o crystal. Só então via seus olhos morrendo dentro de seus circulos negros. A tosse, de vez em quando, estremecia-lhe a silhueta minguada.

Caminhava de novo. Mas o cansaço e a falta de forças o faziam parar. Estava em frente de uma vitrina repleta de brinquedos. Olhou-os. Seu cerebro apagado teve um brilho de luz longinqua. Dentro daquelle resplandor viu sua infancia sem brinquedos. Nunca os teve. Seus protectores obrigavam-no a trabalhar como um homem...

Esteve assim, pensativo, durante muitos segundos. Despertou-o um garoto, que, na impaciencia de ver os brinquedos da vitrine, lhe deu um empurrão. Sylvio olhou-o desoladamente. Viu que o pequeno era outro desherdado, um orphão, talvez, que começava a crescer. Tinha o rosto sujo, a roupa andrajosa e os pés descalços.

"Mas, terá brinquedos" — pensou Sylvio. E tirou do bolso o pouco dinheiro que ainda lhe restava.

— Vae comprar o brinquedo que quizeres, pequeno! — disse ao menino, entregando-lhe o dinheiro.

— Procurava forçar um sorriso nos labios.

O menino ficou espantado, mas sahiu correndo para dentro do estabelecimento.

Sylvio Blasco afastou-se, tristemente, por entre aquellas pessôas alegres, carregadas de embrulhos, que se comprimiam no local, mostrando no rosto o regosijo de suas almas...

Havia dado alguns passos, quando um accesso brutal de tosse o derribou... Formou-se perto delle um circulo de curiosos. Trémulo, suffocando-se, elle levava aos labios tragicos o lenço, que ficava côr de purpura.

Pouco depois, no leito da ambulancia da Assistencia, seu rosto enfraquecido parecia sorrir com o gesto de um santo...

De Annibal Ravagnan

D E S T I N O

ANNA Maria tinha dezoito annos e uma grande roda de admiradores. Como toda moça que se preza e frequenta o "mond-chic", fumava cigarrilhas inglezas e bebia "cocktails" com a mais requintada elegancia parisiense. Dotada de fórmas flexuosas e bem proporcionadas, revolucionava o coração e o instincto dos homens que della se acercassem. Conhecia tdas as platéas e frequentava todos os clubs elegantes. Nas praias, dava a nota faceira da sua desenvoltura. No vae-e-vem da rua do Ouvidor, no "footing" da Avenida, nas casas de chá, a sua figurinha de moça mundana jamais deixaria de contribuir para o brilho e o relevo desses centros da moda. Era vista em toda a parte. Ora no "guidon" de uma "barata" azul "pervanche", acompanhada de um amiguinho ou de um cãosito felpudo e branco com coleira de prata e guisos pequeninos, ora no "golfinho", no Corcovado ou no Pão de Assucar nas tardes estivaes, em Petropolis entre as hortensias e os ares puros daquella cidade serrana, sempre com a mesma elegancia e a mesma maneira de attrahir. Em torno da sua figura de menina-moça esvoaçava todo um enxame de pretendentes aos seus dotes physicos e... financeiros. Sim, porque, note-se, Anna Maria era filha unica de um grande capitalista, o qual não poupava o mais insignificante desejo da doidivanas, fazendo-a, desde criança, caprichosa e exigente.

Creada sem os desvelos de uma mãe, educada na mais ampla e perniciosa liberdade, habituada a ser obedecida e raramente obedecendo, o seu espirito, que poderia ser o mais cordato e meigo, era o mais estouvado e traquinas. A's vezes, perdia a compostura e se deixava dominar pela riqueza, numa ostentação revoltante. Não era, porém, má de coração. A sua origem e o modo pelo qual era tratada contribuiam fortemente para que se deixasse levar pelo sopro da grandeza, humilhando os menos abastados, tão naturalmente que parecia intencional.

O pae, que lhe dedicava uma verdadeira paixão, por vezes lhe fazia umas tantas observações carinhosas a respeito do seu modo de vida, chamando-lhe a attenção para o futuro, mostrando-lhe a grande conveniencia de um casamento que a amparasse, fazendo-lhe ver a sua idade avançada e, consequnetemente, a perda da sua protecção no caso da sua morte.

Anna Maria parecia ouvil-o muito attenciosa, mas, quando elle terminava, ella, dando de hombros, retrucava:

— Ora, papae, deixemos o futuro em paz! A minha vida é a melhor do mundo, e eu não quero toldar o céo da minha felicidade com um casamento por conveniencia. Os homens, até aqui, não me preoccuparam mais que um momento. Acho-os banaes, ridiculos ác vezes. Uns viciados e dominados pelo oiro se acercam de mim, lamurientos como um cão faminto ou como uma mariposa pela chamma que a devora, implorando-me com os olhos languidos uma migalha da nossa fortuna; outros, "prestes a estourar de amores", como um perú cheio de vento, vêm, supplicantes, pedir-me um sorriso, essa coisa que brinca nos meus labios para tudo e para todos, indifferentemente futil. O papae é ainda muito moço e forte para pensar em coisas funestas.

E, dando um beijo na testa do capitalista, eclipsava-se gorgeando em busca do seu mundo predilecto, como um passaro a cantar, esvoaçando alegremente entre ramos cheios de orvalho, numa manhã azul cheia de sol.

* * *

Tantas vezes vae o cantaro á fonte...

Havia festa no palacete do banqueiro Leonel Dias, á avenida Vieira Souto.

Os salões, pejados de luzes, flores, musicas e mulheres bellas, essas quatro coisas que dão ao mundo a nota alacre da vida e da alegria, estavam litteralmente cheios.

As damas mostravam os collos assetinados ornados de diamantes luminosos como pequeninas estrellas em céo de gaze, e os homens as gollas de seda negra dos "smokings" ao ultimo corte de Londres.

Anna Maria ostentava, envaidecida, um rico vestido rosa pallido, ultima creação de "Jean Patou". Ornava-lhe o busto airoso um collar de perolas e uma barrete de brilhantes sustinha graciosamente o ramalhete de flores naturaes á cintura delgada. Toda ella resplandecia belleza e mocidade. Estava vaporosa como uma borboleta nova.

A casa do capitalista estava cheia de convidados e, como sempre acontece nesta bôa cidade de S. Sebastião, uma infinidade de pessôas desconhecidas disputava os primeiros logares, sem a minima cerimonia, como si, á força do habito, fossem já intimos da familia. Eram amigos improvisados, "caronas", como se diz na gyria, levados por aquelles que receberam honrosa e pomposamente o doirado cartão de convite.

O capitalista, após a formal apresentação, deixando-os á vontade, ia com os velhos amigos para a sua rodinha de "poocker", sem jamais se lembrar do nome do ultimo que lhe fôra apresentado.

Ia a noite em meio. As danças recrudesciam e em cada olhar o "champagne" punha um brilho lascivo.

Anna Maria, deixando-se levar pelo seu temperamento frivolo, sahia dos braços de um para logo cahir nos braços de outro. Em torno da sua silhueta de menina rica e bonita, toda uma avalanche de rapazes lhe disputava a preferencia e os sorrisos.

Quando ella começou a sentir-se fatigada pela ininterrupção das danças e das attenções que os deveres de dona da casa lhe impunham, lembrou-se, fugindo assim ao cansaço, de improvisar uma "hora de arte", o que foi acceito incondicionalmente.

Tocou-se piano. Declamaram-se poesias. Cantaram-se trechos italianos, canções regionaes e sambas cariocas.

Anna Maria notára, havia muito, que, num dos vãos de uma janella, meio occulto pela cortina de damasco verde-gaio com franjas de oiro, um joven, de bella apparencia, lhe acompanhava os minimos movimentos, sem, comtudo, ousar

De Gilberto Veiga

approximar-se della, solicitando-lhe um "fox" nervoso, uma valsa languida, ou um tango dolente.

Por mais de uma vez, sentiu desejo de interpellar aquelle solitario rapaz. Por fim, disfarçadamente, chegando á janella:

— Venho pedir-lhe que recite alguma coisa.

O moço desculpou-se. "Não tinha nada de côr. Era demasiado esquecido. Que lhe perdoasse a indelicadeza, embora involuntaria."

Em volta dos dois jovens logo se formou um circulo de pessôas, cada qual mais empenhada na acquiescencia do rapaz, no intuito exclusivo de ser agradavel á filha do capitalista. E punham este numa roda de fogo vivo e inevitavel. Impossivel esquivar-se ao assédio. E lá se foi elle dizer um soneto. Disse-o muito bem, aliás. Versos de Bilac. Foi applaudido e cahira nas graças de Anna Maria, que, notando a sua pouca desenvoltura e o deslocamento daquelle meios faustoso, o convidou, ella propria, a dançar e a divertir-se. Elle não se fizera rogado. Todavia, mantinha-se dentro de polida discreção, parecendo medir o valor do centro onde se encontrava em relação ao seu. Pesando as palavras que dizia, sem ultrapassar as liberdades recebidas.

Dentro em pouco, Anna Maria e Paulo Lima eram velhos amigos. Ella, acostumada, embora, a fazer o que bem entendia, sentia a necessidade de cohibir os modos levianos que lhe eram peculiares, ante a gravidade sympathica do mancebo.

Elle, aos poucos, se foi sentindo contente com aquella distincção e aquella fidalguia de tratamento. Era a primeira vez que ia a uma festa tão importante. Fôra levado por Julio Guimarães, seu collega de imprensa e amigo da casa. A principio, negára-se formalmente a acceitar o convite. O collega, porém, o convencera, afinal.

Paulo era retrahido por temperamento. Rapaz de bons predicados, quer physicos, quer moraes, mas de pouco recurso financeiro, achou-se, naquelle meio onde brilhava o que havia de mais selecto na alta sociedade, embaraçado e desejoso de ir-se embora. A delicadeza, porém, o reteve. O amigo havia-o apresentado como um jornalista culto e talentoso e, usando da intimidade que gozava naquelle centro aristocratico, o deixára para ali esquecido, emquanto se divertia a seu modo.

Anna Maria attendia a este e satisfazia áquelle, voltando-se de quando em vez para o rapaz, cercando-o de considerações e agrados, o que não só molestava a sua roda de admiradores e levantava em torno "daquelle namoro" intrigas pequeninas, mas ainda encorajava o moço a dar maior expansão ao seu espirito medroso.

A festa terminada, cada qual tomou seu rumo e ninguem mais falou da preferencia de Anna Maria pelo "rapaz desconhecido". "Coisas de um momento" — murmuravam.

Na alma de Paulo, porém, aquella festa soberba ficára como um longo sonho de opio: vivo e apagado ao mesmo tempo. Procurava dar maior colorido ás imagens fugidias, ás maneiras e ao tratamento que lhe dispensára a filha do banqueiro. Sentia por ella uma irresistivel attracção, attracção essa que repellia com denodo, por se achar em nivel inferior em materia de recursos e ainda por não conceber como um homem da sua envergadura pudesse amar uma moça tão futil, tão leviana, como lh'a pintavam. Mas, o coração, que não tem categorias, se ia deixando prender gostosamente por aquella doidivanas.

Tres dias após a reunião em casa do capitalista, quando Paulo pensára tudo haver passado, um telephonema de Anna Maria veiu pôr em fogo o seu cerebro de moço. Recusára-se ao encontro por ella marcado, para ceder com o correr da palestra.

E assim, o "Odeon" foi o palco da sua primeira confidencia de amor.

Trocaram palavras de ternura. Falaram do seu futuro, dos seus desejos. Elle dissera da conveniencia de não mais se verem, muito embora tal conveniencia apenas lhe vagasse nos labios.

Ella demonstrou-lhe o absurdo de tal hyothese, para dois corações que se desejam e dois entes que se anseiam.

* * *

Certa noite, Paulo, muito vexado, se apresentou em casa do pae da sua eleita.

Ia solicitar a mão desta em casamento.

O banqueiro, homem de costumes frivolos, punha os deveres sociaes acima das coisas do coração e, após ouvir-lhe a pretenção, enrugando a testa, negou a pé firme o seu consentimento.

A joven dissera ser do seu desejo. "Era o unico homem que a havia prendido e ao qual dera o seu coração virgem." Nada! O capitalista obstinára-se. "Queria um genro á altura da sua categoria. Não faltavam por ahi homens dignos della e de sua fortuna". Elle, que houvera enriquecido á custa do suor alheio e com transacções menos licitas, recusava um optimo rapaz, só porque era pobre!

Com a recusa, á semelhança do fruto prohibido, o amor e o desejo cresceram nos dois corações namorados, empolgando-os, dominando-os, obsecando-os.

Encontravam-se furtivamente. E nesses momentos enleiavam-se, bebiam nos olhos um do outro toda a amargura das suas descrenças e da impossibilidade do seu amor. Alimentavam, porém, a esperança de que, com o correr dos dias, o capitalista viesse a pensar differentemente. Puro engano!

Certa noite, o pae de Anna Maria mostrou-lhe duas pasagens destinadas á França. A moça sentiu um soluço na garganta e nos olhos o calor de lagrimas ardentes. Abafou-as, porém.

Fallou a Paulo da resolução inabalavel de seu pae. Animou-o, esperançou-o com o seu amor e a sua constancia.

Dias após, um magnifico palacio fluctuante fazia-se ao largo, levando, no seu bojo luxuoso, a filha chorosa e o pae contente por evitar semelhante disparidade.

Em Paris, Anna Maria não não era a mesma. Si ia aos theatros por insistencia de seu pae, via e ouvia

(Cont. na pag. seguinte)

(continuação) DESTINO

tudo com um indifferentismo, um alheiamento, que começava a impressionar o capitalista. Nos "boulevards" passava como uma sombra, de olhos mortos para a vida e para o movimento colorido e incessante. Sentia-a apathica, cansada, melancolica. Não era, positivamente, aquella garota carioca, mundana e frivola, que zombava de tudo e de tudo sabia tirar partido.

As noites em claro, as lagrimas silenciosas, a morte lenta de todas as suas doiradas illusões, os pensamentos emergindo gradativamente em tragedias horriveis roubaram-lhe o sangue das faces e dos labios e o brilho dos seus olhos negros.

Advieram-lhe uma febre continua, uma tosse impertinente e secca, e o seu corpo, de linhas harmoniosas, ia se transformando numa mumia branca como um lirio fanado. Suas mãos alvissimas e bem cuidadas pareciam transparentes. O pae desdobrava-se em cuidados. Ella, porém, jamais deixára transparecer a origem dos seus males. Jamais falára em Paulo. Parecia que elle nunca existira. Emquanto isso, a molestia combalia impiedosamente o seu organismo já debilitado. Os medicos improficuamente procuravam salvar aquella creatura angelical que caminhava para a morte com um sorriso resignado á flor dos labios descorados.

Certa manhã, pedira ao pae para regressar. Este, condoido no fundo da alma pelos seus padecimentos, satisfez-lhe os desejos incontinente, na esperança de que os ares patrios fariam voltar-lhe a saude e a alegria.

De regresso, foram habitar um "bungalow", na Tijuca. A moça, porém, não melhorava; ao contrario, mirrava dia a dia como uma flor que perdeu o tronco que a creou.

E, numa noite balsamica, Anna Maria, jungida ao leito de dôr, sentia-se morrer. Sentia que a sua materia cedia á morte que a espreitava. Então, chamando meigamente o pae, pedira que queria despedir-se de Paulo. O velho, que

---

VISITANDO UM CEMITERIO

NUMA tarde melancolica, transpuz a entrada de um cemiterio. O sol, escondido, havia pouco, por trás dos pincaros azulados das serranias, lançava no anil do céo, lá para o occidente, longos raios côr de sangue. Era a hora triste da saudade, o momento torturante das recordações.

Relanceei o olhar por sobre os sepulcros alvos, encimados por cruzes que abriam os seus braços, em supplica, como que a pedir preces para as almas daquelles que já haviam emprehendido a viagem ás plagas mysteriosas do além-tumulo.

Por sobre as tumbas estendiam-se os braços verdes e tremulos dos cyprestes, baloiçados pelos ventos brandos da tarde.

Tentei os primeiros passos por entre as columnas antigas, com alvas placas marmoreas, em que se viam esculpidos os dados biographicos daquelles que alli dormiam o somno derradeiro.

Cobrindo uma lapide tosca, um manto de verdura se alongava, estrellado aqui e alli de saudades brancas. Sob aquella lage humilde, repousava o corpo angelical de uma virgem, que morrêra noiva, quando a vida mais lhe sorria, decorrendo sua existencia por entre perfumes enebriantes de rosas e doces anhelos. E a Natureza, a mãe carinhosa, talvez por temer que dentro do sepulcro o seu corpo sentisse o frio cortante, quando a madrugada derramasse gottas de orvalho, estendêra aquelle lençol de folhas viventes, como um abrigo protector.

Lá para mais longe, se erguiam os pequeninos tumulos das criancinhas puras que abandonaram a vida, antes que sorvessem a taça da amargura.

D E S T I N O (conclusão)

Julgava a sua filha esquecida inteiramente daquelle affecto, ouviu-a, surpreso, e correu a mandar chamar o rapaz.

O moço chegára tremulo de emoção e de medo. Anna Maria, vendo-o, tentou erguer-se, mas cahiu pesadamente sobre as almofadas, sem forças, exangue. O rapaz, desvairado, esquecendo os preconceitos, ajoelhou-se junto ao leito e beijou-lhe os labios com soffreguidão, como chamando-a á vida e ao seu amor.

Anna Maria, a traquina, a doidivanas de outros tempos, cerrando as palpebras docemente, exhalou o ultimo suspiro na bocca do seu eleito.

* * *

O tempo correu um pesado reposteiro no passado, e a vida continuou...

O capitalista, inconsolavel, maldizia a sua obstinação, o seu erro de homem egoista e fátuo. Perdera o contrôle dos negocios e andava arruinado, quasi sem meios de vida.

De Paulo não tivera mais noticias. Sabia que, após a morte da filha, o rapaz deixára o jornal onde Este, no emtanto, procurando abafar a sua infinita dôr nas bordas das taças, la cavando um tormento ainda maior: descera até o ultimo degráu da desgraça sem ganhar o pão de cada dia.

rada nem vacillação. E, algum tempo depois, bebado inveterado, era visto num banco de jardim publico, de roupas rasgadas e sapatos rotos, barba por fazer e faces inchadas e baças. Nos olhos, pairavam as chammas da idiotice e na bocca dois sulcos profundos attestavam a precocidade da sua velhice e a aproximação do seu fim. A morte farejava-o de perto, mostrando-lhe a hediondez das suas garras e a crueldade do seu funesto mistér. E elle, inconscientemente, olhava os céos azues e profundos, indifferente a tudo que o cercava, como si a morte lhe fosse um premio da Providencia, ansiosamente esperado.

A. Marrocos de Araújo

Lancei então o olhar ás regiões ceruleas, e tive a impressão de estar vendo, aninhadas no céo, as suas almas immaculadas e brancas como o arminho.

Encaminhei-me para o logar reservado a recolher os restos mortaes das creaturas pobres. Nem um vulto branco de sepulcro se elevava. Semeados á êsmo, viam-se montículos de terra negra. Aqui e alli se aprumavam cruzinhas de madeira com nomes esculpidos. Ao contrario das bellas corôas, que decoravam os tumulos dos ricos, apenas, espalhadas sobre o solo, havia muitas rosas murchas. Esses enfeites singelos eram a homenagem sincera que os pobresinhos prestavam aos seus mortos queridos.

Já as sombras do crepusculo envolviam o campo santo. Estava terminada a minha romaria de saudade.

Da larga porta, deixei, mais uma vez, o meu olhar cahir sobre a morada dos mortos.

Rememorei então a torrente de lagrimas derramadas sobre todos os entes queridos, que alli dormiam eternamente.

Recordei as scenas pungentes a que aquelles cyprestes sobranceiros já haviam assistido, na sua mudez; quando á terra baixaram os corpos queridos de paes dilectos, de mães extremosas, de noivas idolatradas.

E somente quando as primeiras estrellas palpitaram no firmamento, abandonei o triste cemiterio, com a alma martyrizada por uma immensa e cruciante saudade, como si houvera emprehendido uma viagem a um mundo habitado pelas almas candidas e bôas das pessôas amigas, que já transpuzeram os humbraes da morte...

FLORES DE MARAVILHA

O menino affirmou que não queria ver a horta nem o jardim; que estava cansado de olhar os caminhos desertos do parque, as arvores desfolhadas, os quadros de legumes symétricos, monotonos...

— E que queres ver, meu filho? — perguntou-lhe a mãe, angustiada.

— Quero ver a rua.

— Mas, si aqui não ha ruas!

— Então o campo, o caminho onde passam as pessôas e brincam os meninos.

— Tambem não ha gente: os vizinhos são pobres.

Luiz Maria ficou perplexo, e, depois de uma breve meditação, expoz:

— Os pobres não são gente?... Pois si o padre José diz que são filhos de Deus e nossos irmãos.

A mãe, por sua vez, meditou, e, um pouco inquieta, exclamou:

— Deve ser verdade...

— Então, quero ficar no salão que dá para fóra... Si passarem meninos, os chamarei para brincar... Sozinho me sinto tão aborrecido...

— Mas, pensas que no salão podem entrar esses meninos descalços e maltrapilhos?... Não é possivel: mancharíam os tapetes com seu corpo sujo, quebraríam teus preciosos brinquedos de Natal...

Luiz Maria baixou, entristecido, sua cabeça morena, e suspirou:

— Estou farto de brinquedos.

Depois, em seus olhos desolados, brilhou uma gotta crystallina de pranto.

A dama abraçou-o com transportes de apaixonada ternura, promettendo-lhe:

— Descerás ao salão, meu encanto. Ficaremos alli o tempo que quizeres. Mandarei accender a estufa e brincarei comtigo. Queres?

A tudo o pequeno enfermo respondeu sim com visivel alegria, e, aproveitando a benevolencia de sua mãe, propoz:

— E si passarem meninos, mesmo que sejam maltrapilhos, tu me deixarás falar com elles pela janella?...

— Sim, sim — respondeu ella, satisfeita de vêl-o animado. — Farás o que quizeres.

O salão foi preparado, e o menino alli ficou installado com sua grande bagagem de brinquedos.

Perdia-se o gosto entre tantas preciosidades: automoveis, globos, cavallos, um trem, uma bicycleta, uma embarcação... Todos os parentes tinham enviado seu presente de Natal ao herdeiro enfermo, ao filho unico dos condes de Villegas, ameaçado de morte por uma estranha consumpção e um prematuro tédio da vida.

A ultima prescripção dos medicos fôra favoravel a uma temporada de repouso, no campo. E os condes partiram immediatamente para a sua propriedade de Cildad, na montanha.

Os colonos e arrendatarios, indo offerecer seus serviços á condessa, lhe haviam dito, com devota convicção:

— O menino ficaria bom com as flores da Virgem.

— De que Virgem?

— Aa do Porto, que se venera no alto do pico Jano.

— E que flores são essas?

— Umas flores muito preciosas, brancas e azues como o manto da imagem. Um ramo dellas collocado sobre o coração é o bastante para curar as melancolias e a ponta de febre e todos os males reconcentrados que os medicos não descobrem...

Um pouco incredula mas curiosa, perguntou a condessa:

— São muito caras essas flores?

— Não se vendem. Recolhem-se em torno do santuario. Mas ha tão poucas, que é muito difficil encontral-as. Sobretudo neste tempo.

— De modo que duram todo o anno?

— Sempre... Pois si são flores de maravilha...

— E sêccas, não servem?

— Precisam ser louças, senhora condessa. Só servem colhidas de pouco e com as cores bem vivas.

A condessa sorriu um pouco trocista, e Luiz Maria, que ouviu muito attento a pittoresca narrativa, ficou meditativo. Recordava que o padre José lhe havia contado historias de muitas curas feitas pela Virgem com processos candidos e simples, como o que diziam os bons lavradores de Cildad.

A cadeirinha de Luiz Maria fôra collocada perto da janella do salão, que se abrira todo, a pedido do menino. Chamados por sua mão descolorida, dois servojanes fa-

— Um dictador é o de que necessita este paiz!
— Conhece-se logo que não és casado...

De Concepcion Espina

laram com elle da calçada, em voz baixa e prudente.

Do fundo do compartimento, a mãe, cheia de angustia, velava o filho, emquanto elle perguntava aos garotos montanhezes:

— Que sois vós?

— Somos... *servojanes*.

— E que é isso?

— Ora... pastores...

Luiz Maria ergueu até as montanhas escuras seus olhos, fatigados pela luz, e depois contemplou com admiração a robustez daquelles meninos, talvez de sua propria idade.

Elles mergulhavam no salão em penumbra os olhares ávidos, affeitos ás fragosidades do monte, e ficaram attónitos vendo o luxo daquella casa. E para perguntar tambem alguma coisa, disseram:

— E que és tu?

Luiz Maria ficou indeciso, e, um pouco envergonhado, respondeu:

— Eu sou... nada. Estou enfermo!

Vendo-o com a fronte inclinada em dolorosa attitude, a mãe correu, solicita, para elle.

— Que tens, meu amor?... Que queres, filho de minha alma?

O menino vacillou um momento antes de responder:

— Eu queria... dar-lhes isso.

E assignalava os brinquedos, olhando os pequenos pastores.

A dama, para cumprir aquelle desejo, consentiu.

— Pois lhes daremos alguma coisa. Por exemplo: este trem...

Luiz Maria moveu a cabeça:

— Não, não... Quero dar-lhe tudo. Estamos em Natal, e elles não têm brinquedos...

Como a mãe não parecia muito disposta, elle supplicou:

— Anda! Deixa que elles entrem!

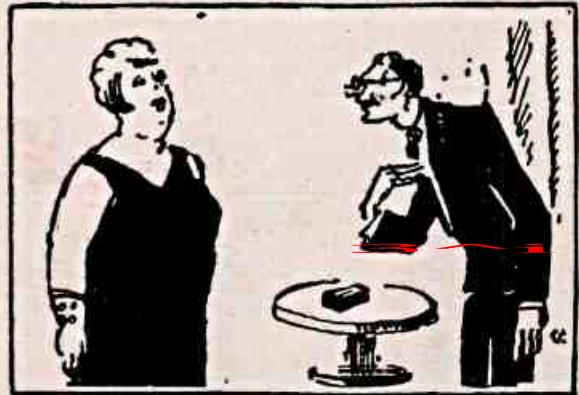
A condessa, por fim consentiu, e os meninos entraram, pisando nas pontas dos pés os tapetes.

Illuminava-se o semblante do pequeno enfermo, que, cheio de alegria e bondade, e com grande doçura na voz, repetia:

— Levae tudo... Eu vos quero dar!...

Os favorecidos, sem se escusar, com a simplicidade propria de sua condição, levaram os preciosos presentes, e a condessa, vendo-os tão fortes e cheios de saude, tão firmes na vida, chorava amargamente a um recanto do salão, emquanto que os pequenos montanhezes, penetrados de agradecimento, diziam a seu amigo:

— Tambem te daremos alguma coisa nossa: queres um cordeirinho?... Queres mel?... Queres maçãs?...

O enfermo a tudo respondia que não.

— Nada do que temos te agrada?

— Sim: vossa alegria, vossa saude...

No grande contentamento dos pequenos zagaes, essas palavras cahiram como uma sombra. Elles se afastaram tranzidos de compaixão.

* * *

Começava o tardio amanhecer daquelle Natal, quando chamaram a condessa, que repousava perto de seu filho.

— Senhora: uns meninos da localidade trazem um presente para o patrãozinho e dizem que precisam entregar-lho agora mesmo.

— Enlouqueceram? — perguntou, impaciente, a dama.

Luiz Maria, porém, com sua voz mais queixosa, interveiu:

— Por Deus, mãe, deixa-os entrar! São pastores amigos do Menino Jesus, e talvez me tragam de sua parte algum bem.

— Está delirando — suspirou a condessa.

E sahiu, dando permissão para que os montanhezes entrassem. Mas voltou dentro em pouco, cheia de inquietude, e foi encontral-os junto ao leito do filhinho enfermo, com as pobres roupas molhadas pela neve dos caminhos, pois durante toda a noite, á luz nitescente da lua cheia, andaram pelo alto do pico Jano, em torno da capella de Nossa Senhora do Porto.

Surprehendida pela radiosa expressão de seu filho, perguntou a condessa:

— Que te trouxeram?

— A alegria, a saude... Olha! Olha! São as flores da Virgem!...

E sobre seu coração, as flores de maravilha, colhidas pela gratidão daquelles pobres meninos, ostentavam suas rútilas côres, brancas e azues, como o manto da imagem.

Era firme e segura a voz de Luiz Maria, que estendia os braços a sua mãe com um movimento vigoroso e feliz. Sua caridade florescia na gloria de um prodigio: sua fé o salvára...

— Por que não trouxe seu irmão?
— Porque jogámos os dados, afim de vêr qual dos dois viria.
— E foi, então, você quem ganhou?
— Não; eu perdi...

O DEMONIO NOCTURNO

Uma velha recordação passa-me pela mente, disse Valliergue sacudindo a cinza do cachimbo, no cinzeiro. Rio-me agora, porque vinte e cinco annos passaram sobre isso e reservaram-me muitas outras surprezas. No emtanto, raros são os... incidentes que, como este, me causaram tão horrivel impressão! V. achará talvez ridiculo, quando souber; mas calcula que na época em que se passou a minha historia, eu estreava me na rude carreira colonial. Não tinha trinta annos, e affrontava sem bem adivinhar-lhe o feroz poder, os mysterios do Oriente. Chegava, pois a uma povoação annamita, para occupar o meu primeiro posto. Encontrei á soleira da porta da minha residencia, meu predecessor, visivelmente apressado em mudar de ares, pois todas as suas malas estavam afiveladas. Consagrou apenas um tempo infimo em pôr-me ao corrente da tarefa que me delegava, para evitar indagações minhas, que tudo ia no paiz, melhor que eu desejava, e partiu sem mais cerimonias.

Este acolhimento brusco deixou-me afundado numa atmosphera de confusão. Tomei conta do meu "*home*". Era uma especie de bungalow bastante habitavel, afastado da villa cujos rumores esganiçados, eu ouvia ao longe (o mercado estava no auge.)

Auxiliado por dois *boys* silenciosos e deligentes, installei-me o melhor possivel. Arrumámos primeiro o quarto de dormir, peça relativamente fresca, no sobrado, com uma grande janella aberta para o campo. Dei um golpe de vista á paizagem; aqui e ali serpenteavam hervinhas; um arroio sinuava pela planicie manchada de magros tufos de arvores. Pequenos pagodes enfileiravam-se no horizonte. A' minha direita, á margem dos canaviaes, avistei vestigios de monumentos.

O tronco collossal dum budha decapitado, emergindo da vegetação exhuberante. Isso reconciliou-me um pouco com a terra. Você sabe, eu sou um sonhador, gosto de interrogar os traços maravilhosos dos tempos passados. Antes, havia passado longas horas, em Angkor, deante das ruinas fabulosas dos tempos; meditei deante das effigies dos dragões e das chimeras e por mais de uma vez, um arrepio ganhou-me, acreditando vêr animar-se algum dentre elles, na penumbra cheia de reflexos.

Em Angkor, como na India, como em todos os lugares, a Natureza, na luta contra a civilização, foi vencedora. Ciosa, ella quer esconder aos homens indignos, os espiritos que ella lhes havia revelado. Impenetraveis cortinas de lichens, espessas couraças vegetaes protegem e encobrem agora os santuarios abandonados, as plantas invadiram, mortalharam. Auxiliadas pelos ventos e pelas aguas, ellas róem a cantaria e as estatuas, libertam a alma dos deuses prisioneira da pedra.

A noite, vem, a noite inquieta, sorrateira, hostil dessas estranhas regiões, onde o sopro, mais subtil parece, carregado de mysteriosas ameaças. Os gritos, os apellos, os insultos que de dia confundiam-se num alarido, haviam cessado de repente. Um passaro noturno soltava, com intervallos regulares, um grito monotono. Immensa melancolia pairava e tornava mais pesado o calice pendente dos hibiscus. Uma angustia bizarra apoderava-se pouco a pouco de mim, alliando-se á fadiga, á decepção á nostalgia que me abatia. Quasi á hora de me deitar, lancei o olhar pela janella aberta.

A noite metamorphoseava os arredores. Nem mais uma hervinha, mas immensa extensão cinzentada, entrecortada de insolitos estremecimentos.

As arvores formavam amontoados de sombras, acocoradas, espreitando. O riacho traçava labyrintos de estanho liquido e parecia desenhar os caractéres dum poema cabalistico.

O magro crescente da lua arqueava as pontas agudas por cima da matta que devia despertar áquella hora. O budha sem cabeça erguia sua massa enorme e confusa e, sem duvida, presidia ao sabbat.

O vento soprava, trazia-me perfumes seccos, mornos ainda, e fazia curvarem-se sobre a minha janella, os ramos duma arvore fina que crescia perto de minha casa.

Era tarde. Deitei-me, fechando cuidadosamente o mosquiteiro. O somno não veiu. Iniciando uma nova existencia, muitos eram os pensamentos que me assaltavam o cerebro. Estava tão fatigado que uma especie de febre exaltava todas as minhas reflexões, misturava-as e acabou por fazel-as turbilhonar por entre uma somnolencia vaga. Meus olhos estavam aber-

tos, mas deante delles agitavam-se visões perturbadoras e phantasticas. Fixos no rectangulo vagamente illuminado da janella, elles o povoavam á feição dos sopros errantes de imagens modeladas segundo as minhas recordações. Os dragões, as serpentes magicas esculpidas sobre os fustes das columnas dos templos manifestavam-se de preferencia. Esses monstros enlaçavam-se, uniam os anneis e membranas, deslisavam em direcção a mim. Um bater de palpebras escurraçava-os, repondo tudo em ordem. E a noite reinava, no seu silencio maléfico.

Um sussurro passou ao longo do muro, lá fóra. Vi inclinarem sobre a esquadria da janella os ramos da arvore.

O vento, sem duvida...

Mas em vez de se tornarem direitos, conservaram-se curvas; ligeiros estalidos fizeram se ouvir. De repente, uma enorme massa negra appareceu e destacando-se da arvore que a sustentava, pousou sobre o largo parapeito da janella. Livre do peso os galhos subiram roçando de novo o muro.

Sem mexer-me, olhei, suppondo ainda ser effeito da febre; aquillo porém, apparecia-me com mais nitidez que as fantasias precedentes. E quando tentei, evital-a por um esforço de raciocinio, a coisa fixou. Diabo! Que espécie de visita seria aquella? Que enorme passaro? que immundo morcego, teria vindo pelos ramos? Ou então, que demonio?

Meu cerebro estava ainda muito cheio de phantasmagorias, para não pensar logo nisso. Dominado, allucinado, sentindo que o pavor me gelava, fiquei immovel, olhando.

A fórma singular, empoleirada sobre a minha janella, parecia tomar proporções maiores. Eu a distinguia mal, mal, porém pallidos reflexos pareciam emanar della, lançando-se sobre meu corpo.

Sem ruido, saltou para o chão e encontrou-se em plena escuridão. Eu ouvia-a apenas aproximar-se, arrastando-se como as larvas des meus pesadelos. Mas desta vez! Um terror louco apunhalhou-me a garganta contraida e não deu passagem a meus gritos. Mas consegui levantar e, rasgando os cortinados, puz-me fóra da cama. Fugir, queria fugir! Mas... onde era a porta? Perdido, ás apalpadellas, longe, sobretudo da tal janella por onde o outro entrára, procurava; esbarrei numa mesa que virou com ruido, embaracei os pés numa franja, estrebuchei, cahi para frente e minhas mãos encontraram a coisa abominavel!

Era o corpo do sêr mysterioso e a sensação que experimentei foi bem a que esperava, si acreditasse na possibilidade de a experimentar: uma carne molle, viscosa e fluida sobre a qual meus dedos inconscientemente crispados escorregaram como uma serpente, sem agarrar coisa alguma.

Neste momento então, gritei.

O resto foi rapido. De um salto o demonio saltou para o vão da janella, depois para a arvore e desappareceu.

Nesse instante eu vi que elle tinha uma fórma vagamente humana e brilhante.

Um dos meus *boyes* acudia. Com palavras entrecortadas, contei-lhe a aventura. Elle sorriu, como sabem rir os annamitas intelligentes.

— Qual demonio, patrão, disse elle. Gatuno apenas. Aqui elles vêm á noite, inteiramente nús, untados de oleo. Escorregam por entre as mãos dos que os tentam agarrar.

Respirei, um tanto envergonhado deante do meu creado que, ironico sempre, ajuntou:

Os gatunos por aqui não são máos. Certamente, aquelle teve quasi tanto mêdo como o patrão.

MAURICE NOURY

exprime, em automobilismo, o que ha de mais completo em luxo, elegancia, confôrto e funccionamento; por isso é o carro preferido pelas altas camadas sociaes.

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 32

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 8 de Agosto de 1931

A geometria da mentira

ZAIRA havia promettido ir ao baile da embaixada X, e já fizera sciente o seu ultimo *flirt*, dr. Alberto Rosas, de que guardava o leito, "ligeiramente grippada". Era a sua defesa prévia, e uma intelligente mentira.

Nessa mesma tarde, ella recebe uma carta do dr. Alberto Rosas. A principio, como estivesse preoccupada com os preparativos para a festa, que se realizaria naquella noite, a leviana pensou como a musa ingrata de Paul Géraldy: "Ce n'est rien... Je lirai ça plus tard". Logo depois, mordida pelo remorso, rasgou, nervosa, o sobrescripto e leu a perfumada missiva.

O inicio era original:

"As mentiras femininas, Zaira, têm uma perfeita relação com a geometria..."

Ella interrompeu-se. E sorriu maliciosamente com esse ar de mulher bonita, que se considera homenageada, quando ironizada pelos homens.

Como si adivinhasse as attitudes della, dizia o missivista, mais adeante:

"Não rias. A relação a que me refiro está na sciencia das linhas. As mentiras têm uma fórma visivel, possúem uma configuração, uma medida, um volume. A's vezes, são obra de arte. E, quando Oscar Wilde fez o elogio dellas, perguntando: "Afinal, que é uma bella mentira?" e concluiu que éra "em arte que mais a exaltava", quiz significar que ella devia ser uma obra de artista — tal a perfeição que reclamava.

E essa perfeição só se obtem pelo esmero e pelo esforço artistico: — harmonia de linhas, colorido, leveza, scintillação...

Sobretudo, amor, a mentira deve ser linda pela forma.

A estatuaria de Phidias não é senão a mentira vivendo na eurythmia dos seus marmores divinos. Porque o *Jupiter* e a *Minerva*, que sairam do seu miraculoso buril, nunca tiveram existencia real.

Assim, nós podemos dizer que as mentiras femininas estão subordinadas á sciencia das linhas.

Quando uma mulher nos beija hypocritamente e declara, cerrando os olhos: "Amo-te até á morte!" essa mentira é necessariamente espherica. Sente-se que, si ella nos caisse nas mãos, rolaria suave e doce, e, de qualquer modo, seria harmoniosa. (Entre parenthesis: o nosso planeta é uma linda mentira, girando no infinito).

Ha mentiras agudas como punhaes ou alfinetes. Uma dellas? E' quando um homem assegura, com provas irrefutaveis: "Sei que me enganas", e ella, sorrindo, perfidamente, responde, com frieza: "Que infamia! Duvidar da minha sinceridade!"

Ha outras que são oblongas, quadrangulares, obtusas, hexagonaes...

Exemplo de uma mentira obtusa, nos labios de uma Eva: "Só me casarei por amor. O dinheiro não me tenta. Nem me compra."

Uma mentira chata: "Tu és o meu primeiro amor!..." E' chata, porque vulgar; e ao alcance de qualquer comediante barata. Não exige esforço de imaginação.

Está na intelligencia de todas as costureiras, mais ou menos dengosas.

Si uma mulher nos affirma: "Jamais te esquecerei", penso que essa inverdade pode ser classificada como — triangular. Sim, em cada vertice do triangulo cabe uma palavra:

"*Jamais*

te *esquecerei*."

Zaira não proseguiu a leitura. Atirou-se ao fundo de uma poltrona confortavel, e, pondo os olhos no tecto, procurou, mentalmente, a fórma rara e esquisita da mentira com que havia de argumentar quando respondesse ao dr. Alberto Rosas...

BASTOS PORTELA

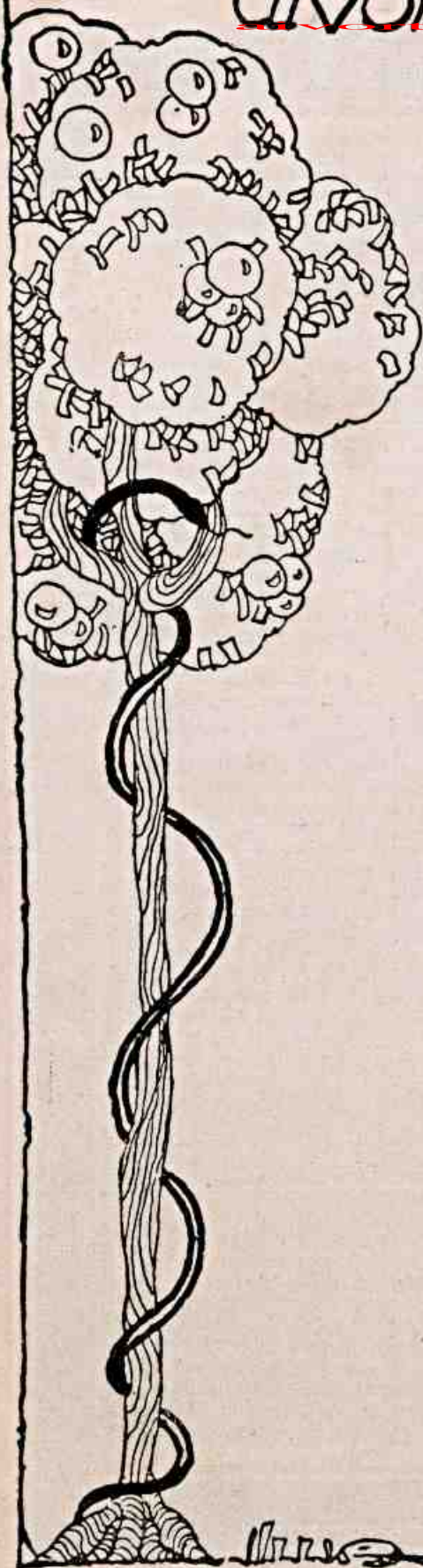
arvore do Bem e do Mal

Claudio França

JORNADAS DE AGONIA

MANUEL GÁLVEZ, *o grande e querido escriptor argentino, cujos romances são lidos com prazer e emoção, aquem e alem do Prata, enriqueceu ultimamente a bibliographia de seu nobre paiz em uma trilogia magnifica sobre a guerra do Paraguay. Publicou em primeiro lugar* Los caminos de la muerte, *dedicado aos soldados de sua patria; depois,* Humaitá, *celebrando o heroismo dos paraguayos. Ambos esses volumes fôram longamente criticados por Gustavo Barrozo na imprensa carioca, seguindo-se a isso uma polemica cortez, mesmo fraternal, desse escriptor brasileiro com o seu confrade portenho. Gálvez, cujo formoso talento todos os brasileiros admiram, deixára se elevar por documentos parciaes e testemunhos suspeitos, de maneira a fazer ao nosso Brasil, á sua acção na campanha e aos seus propositos formidaveis injustiças. Esmiuçando-as, rebatendo-as com documentação insophismavel, Gustavo Barrozo preparou os melhores capitulos de sua obra recente* O Brasil em face do Prata. *Parece que sua argumentação convenceu a Manuel Gálvez, tanto que o seu ultimo volume* Jornadas de agonia *glorifica o nosso exercito e é como uma verdadeira retratação do que antes escrevera.*

Os editores Galdino Loureiro & Cia de S. Salvador acabam de dar á estampa uma bella traducção desse romance de Gálvez, verdadeiro hymno á bravura e á resistencia, ao cavalheirismo e á tenacidade do soldado brasileiro. O traductor, professor Gonçalo Moniz, fez preceder o seu valioso e fiel trabalho duma introducção em prefacio, em que documenta exhaustiva e brilhantemente varios erros, equivocos e enganos do romancista a nosso respeito.

Manuel Gálvez sentirá, desta sorte, que nós sabemos apreciar o brilho do seu estylo, o seu alto valor litterario, o grande apreço em que o temos como escriptor, mas que não podemos, como o demonstrou Gustavo Barrozo e o demonstra o professor Gonçalo Moniz, silenciar sobre pontos em que a verdade historica não pode e não deve ser sacrificada nas azas da imaginação.

A ultima «hora de arte» que se realizou no Atlantic Club, sob a direcção da escriptora Mercêdes Dantas, foi em homenagem aos socios fundadores daquelle «cercle» elegante de Copacabana. As duas photographias desta pagina focalizam as pessoas que tomaram parte no programma da linda festa e os homenageados, ladeando a organizadora da mesma.

ESPINHOS E ROSAS...

Toda mulher gosta de ser festejada na sua vaidade. Dahi o erro de muito homem que acredita nos la-

bios femininos quando estes lhe dizem: «Amo-te!» Esta palavra, ás vezes, significa: «Muito obrigado!»

M.

És Alguém que estendeu, tremula, a mão,
tendo na bôcca a flôr da prece antiga...
e me abençôou, num gesto de perdão,
quando mais mendiguei a Sombra amiga...

Déste-me do teu vinho e do teu pão,
a tua vóz me embalou numa cantiga...
si fui, para a tua alma, um pagão,
eu não sei mais de cór a vida antiga...

Tenho um romance de balcões floridos,
porque tudo o que sonho e sonharia
eu tive em teu unanime perdão!

E hoje, na alleluia dos sentidos,
— a tua vóz é o meu vinho de christão!
— o teu beijo é o meu pão de cada dia!

Para a Europa, a serviço de "Fon-Fon"

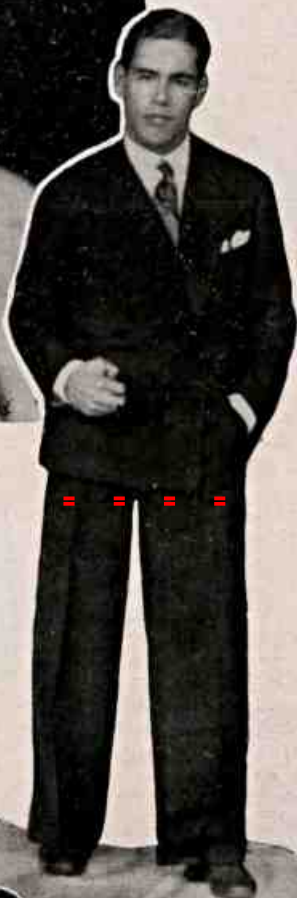
A bordo do transatlantico "Sierra Ventana", que deixou a Guanabara terça-feira ultima, viajaram, com destino a Paris, via Lisbôa, os nossos distinctos companheiros de trabalho, dr. Gustavo Barroso, redactor-chefe de FON-FON e illustre membro da Academia Brasileira de Letras, e Sergio Silva Junior, filho querido do nosso director-proprietario desta revista, sr. Sergio Silva.

Interesses mesmos da Empreza FON-FON e SELECTA S. A. determinaram esta viagem dos nossos companheiros á Europa, onde se demorarão algum tempo não só em Paris como em outras capitaes. Assim é que, entre os objectivos principaes da sua missão ao Velho Mundo, levam o redactor-chefe de FON-FON e seu digno secretario a incumbencia de estudar ali as possibilidades de um vasto plano de melhoramentos de ordem technica a serem introduzidos nas publicações da Empreza FON-FON E SELECTA S. A., afim de que as mesmas possam, dentro de algum tempo, competir, vantajosamente, com as melhores, no genero, existentes nos grandes centros cosmopolitas.

A excursão de Gustavo Barroso e Sergio Silva Junior á Europa attende, desta maneira, nos objectivos da sua finalidade, a uma das maiores preoccupações da direcção de FON-FON E SELECTA, e que é o melhorar quanto possivel, dentro dos moldes dos mais importantes magazines modernos, as nossas revistas, a que o publico sempre distinguiu e honrou com a sua fidalga e desvanecedora preferencia.

O embarque dos distinctos viajantes verificou-se na Estação da Praça Mauá, onde lhes foram levar o seu abraço de despedida, além de suas dignas familias, seus companheiros de trabalho, numerosos amigos e admiradores, jornalistas e figuras de relevo nos circulos intellectuaes e sociaes desta capital.

FON-FON acompanha-os com o carinho e a saudade de quantos aqui ficam a formular sinceros votos pela felicidade e exito de sua viagem, e, tambem, pelo seu breve regresso ao convivio do nosso espirito e do nosso coração.

Gustavo Barroso.

Sergio Silva Junior.

Os nossos companheiros dr. Gustavo Barroso e Sergio Silva Junior, cercados das pessôas que os foram cumprimentar na estação da Praça Mauá, por occasião do seu embarque para a Europa, terça-feira á tarde.

"Impressões Transatlanticas"

THEO Filho é um escriptor curioso, bizarro, mesmo, sabendo dizer, num estylo muito seu e que bem reflecte sua alma, tudo que, sob todos os céos, impressiona seu espirito e sua visualidade artistica. E é um admiravel impressionista o illustre autor de Do vagão-leito á prisão, e de outras varias obras que bem traduzem a inquietude e o encanto de sua alma, sempre que ella se agita e vive num ambiente de aventuras e de surprezas — ou quando, serena e commovida, filma, na pellicula da sua sensibilidade, um aspecto da vida ou da natureza.

Ha muito acompanho com a minha sympathia espiritual o autor de Praia de Ipanema, cujo ultimo livro — Impressões Transatlanticas — acabo de ler. E' uma obra que se lê com agrado, com encanto, tal o sabor de exotismo que suas paginas nos despertam, fazendo-nos lembrar, aqui e ali, aquelle suave evocador e creador de coisas exoticas e maravilhosas que foi Pierre Loti. E Théo Filho tem, realmente, muito da alma de continuo deslumbrada e encantada do autor de Mon frère Yves, Matelot, Les desenchantées, etc.

Um lindo livro o que elle nos deu, ainda ha pouco, com as suas impressões de viagem.

"Mysterios do Rio"

Está fazendo successo nas nossas livrarias a 3.ª edição de Mysterio do Rio, de Benjamim Costallat. Aliás, é dispensavel redundancia dizer que tal ou qual livro do illustre romancista de Guryta, Loucura Sentimental, Katucha — proximo a circular em 2.ª edição — e outras obras, está sendo recebido com exito, porque todos elles trazem, no nome festejado do seu autor, a mais auspiciosa e a mais segura e antecipada affirmação de victoria. E Costallat já tem o seu "grande publico", o seu vasto circulo de leitores, que se não cansam de o admirar, exaltando a obra do escriptor e o fecundo e nobre esforço do infatigavel trabalhador que elle é.

Não é, assim, como geralmente acontece entre nós, tão só a few minority, representada pelo nosso mundo intellectual, quem lhe applaude e consagra a obra: esta já conquistou, tambem, le gros publique, tornando-o, com justos titulos, um dos escriptores mais lidos do Brasil. Mais lido e mais admirado.

Dahi o exito das edições que se esgotam, sempre marcando verdadeiros successos de livraria, como, agora mesmo, está acontecendo com a 3.ª, em circulação, de Mysterios do Rio, um livro em cujas paginas Benjamim Costallat soube reunir e focalizar varios e interessantes flagrantes da alma da nossa cidade e aspectos da sua vida de grande metropole.

Benjamin Costallat acaba de publicar a terceira edição dos «Mysterios do Rio», livro duas vezes glorificado pelo publico e pela critica, em successos que ninguem no Brasil conseguiu ultrapassar. O consagrado autor de «A loucura sentimental» e «Katucha» realiza, entre nós, o milagre das edições que se esgotam, o que não constitue apenas uma victoria literaria, porque é, tambem, uma prova eloquente de que tem leitores, e muitos, numa terra onde quasi não se lê.

"Silhouettes"

A senhora Amelia de Freitas Bevilaqua é um nome de relevo nos circulos da intellectualidade feminina do Brasil de hoje. Sua producção literaria, variada e fecunda, reflecte e traduz bem as expressões de seu culto e intelligente espirito de mulher, deante da vida, da natureza, das coisas, que ella sabe observar com agudeza de visão, sentir com delicadeza emocional, e expressar numa linguagem elegante, simples, espontanea, em que até o colorido, rico e faustoso, obedece a um inconfundivel e justo senso de limitação artistica.

Autora, já, de varias obras, recebidas pela critica do paiz com um criterio de apreciação muito honroso para a distincta escriptora, d. Amelia de Freitas Bevilaqua acaba de dar á publicidade a 3.ª edição de Silhouettes, interessante e movimentado romance ou, antes, novella, porque melhor se enquadra nesta classificação literaria este livro da festejada escriptora patricia.

Esta nova edição de Silhouettes, lançada, ha poucos dias, pela Livraria Freitas Bastos, tem alcançado o exito que era dado esperar, e constitue um elegante e artistico volume de pouco mais de duzentas paginas. E é um lindo volume esse, em que a distincta escriptora, em traços seguros, ora mais leves, ora mais accentuados, dá vida e expressão ao scenario em que movimenta e agita os personagens principaes da sua obra.

MAX LINDER.

Passageiros do «Cap Arcona», que realiza um cruzeiro de turismo pelos paizes da America e da Europa, estiveram em nossa capital, durante alguns dias, numerosos excursionistas argentinos, pertencentes aos circulos mais representativos da vida platina, e que visitaram, curiosamente, todos os pontos pittorescos da terra carioca, indo tambem a Petropolis, a Nictheroy e a outras cidades vizinhas do Rio de Janeiro. Entre as visitas realizadas, nesta capital, pelos nossos amaveis hospedes, sobresahiu á que fizeram ao palacio São Joaquim, onde foram gentilmente recebidos pelo eminente chefe da igreja brasileira, o cardeal d. Sebastião Leme. E' um aspecto dessa visita o que focaliza a presente gravura.

FILIGRANAS

Na parede do faustoso Paço de Balthasar, despota babylonio, a mão do enviado de Deus traçou tres palavras de fogo. O propheta Daniel leu-as: *Mané, Thécel, Pharés*. E traduziu-as: Conta, Peso, Medida.

Eis ahi a synthese do destino humano á face da terra. Tudo nelle, implacavelmente, se regula dentro dessa formula ternaria, que corresponde na sociedade a esta outra: Sabedoria, Justiça e Economia, ensinam os occultistas.

Toda a desgraça do nosso pobre paiz vem do esquecimento com plato em que vivemos dessas tres bases de qualquer nação organizada e progressista. Falta aos nossos dirigentes a Sabedoria. Falta á nossa sociedade Justiça. E nunca soubemos, em verdade, o que fôsse de facto a Economia.

A caminharmos do mesmo geito, chegará o dia em que o destino nos apontará o seu mandado inilludivel: Peso, Conta e Medida. Então, como já o disse Euclydes da Cunha, ou progredimos ou desapparecemos.

O «Alcantara», que conduziu para o seu exilio europeu o presidente deposto do Brasil, dr. Washington Luis, trouxe, de Buenos Aires, segunda-feira ultima, varios politicos argentinos exilados por determinação do governo revolucionario daquelle paiz, e que escolheram a nossa terra para nella residir emquanto durar o seu desterro. Assim, desembarcaram aqui, na manhã daquelle dia, entre outros, os drs. Marcello Alvear, ex-presidente da Republica Argentina; Honorio Pueyrredon, antigo ministro das Relações Exteriores, ex-embaixador nos Estados Unidos e governador eleito da provincia de Buenos Aires; José Tamborini, ex-ministro do Interior; Mario Guido, antigo presidente da Camara Argentina e vice-governador eleito da provincia de Buenos Aires, e F. Ratto, ex-secretario da Fazenda da provincia de Buenos Aires, que apparecem na photographia ao lado, tomada a bordo daquelle paquete historico. São todos figuras prestigiosas e de grande relevo na politica e na sociedade argentinas, pertencendo ao Partido Radical, portanto um dos mais importantes daquella Nação amiga.

UMA TARDE ESPLENDENTE NO PRADO DO JOCKEY CLUB

Assignalou um acontecimento mundano do maior esplendor a reunião turfista que se realizou domingo ultimo, no Hyppodromo Brasileiro. Pode-se dizer que foi uma das mais elegantes tardes sportivas que já tivemos este anno. Nas archibancadas via-se o que o Rio possue de mais raffinés, sem contar as altas figuras sportivas notadamente do turf carioca. Apesar do mau tempo, o imponente prado esteve illuminado por um bello sol, o que constituiu uma surpreza para todos. Dir-se-ia que o proprio astro do dia concorreu para o brilhantismo da festa. O nosso clichê reproduz um flagrante da chegada ao Jockey Club do dr. Getulio Vargas, chefe do governo provisorio, e as archibancadas com a sua numerosa assistência.

HORA DE ARTE

POR BASTOS PORTELA

MERCÊDES Dantas possue o dom de seleccionar e reunir valores legitimamente artisticos. E disso tem dado provas inconcussas.

Uma dellas foi a "hora de arte" — a segunda desta temporada — a qual se realizou na linda séde do Cantico Club.

O salão era um rico bouquet de elegancias. As rosas brancas sorriam, envaidecidas, sob o ouro claro da luz. No ar, um perfume de élite.

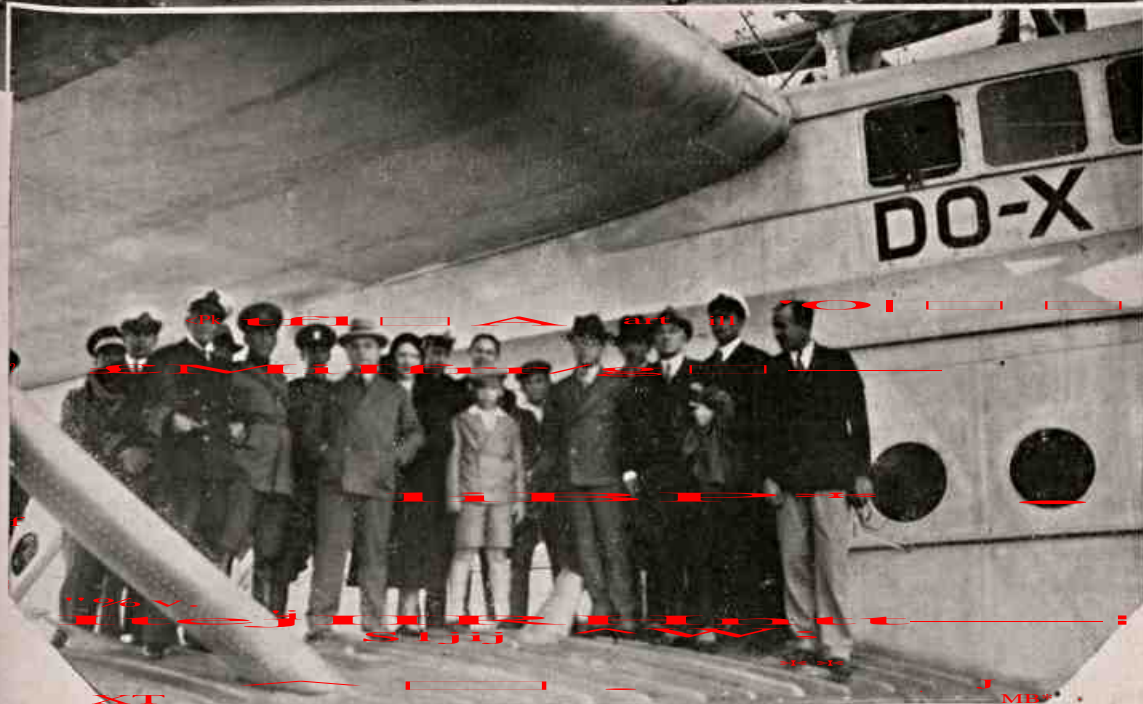
Na noite, destinada ás figuras do programma, surge o primeiro sorriso. E' mlle. Nydia Soledade, com o seu violoncello magico, a dizer, em melodias que choram, um pouco da alma de Saint-Saens e Serge [illegible]ue.

Vem depois a arte declamatoria de Bento Martins, — discar que sabe tirar effeitos surprehendentes dos motivos dos seus poetas predilectos.

A vez encantadora de mlle. Lydia Gomes Pereira. A palestra deliciosa, linda, cantante, de Gastão Penalva, que fala com graça e brilho, sobre este thema expressivo: "O quanto dóe uma saudade".

Maria da Gloria França commovo e encanta com o seu violino lyrico, apaixonado — quando nos faz sentir as bellezas de "Hymne au soleil", de Rinsky Korsakow. Por fim, — ao piano, — mlle. Ornelia da Macedo se revela uma virtuose de grandes possibilidades, — interpretando "Chant des Xorues", de Jounssent.

Uma "hora de arte" que prestigiou, mais uma vez, o elegante cercio e a sua organizadora.

Mercêdes Dantas, porém, não se deve limitar a essa tarefa de congregar espiritos de arte para o fulgor das suas festas de intelligencia e belleza. Deve animal-as tambem com a vivacidade da sua palavra facil e brilhante. Porque, afinal, Mercêdes Dantas é um valor.

O chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, acompanhado de sua exma. familia e outras altas autoridades, realizou, segunda-feira pela manhã, o annunciado passeio aereo a bordo do «Do-X», de onde admirou, num vôo de quasi duas horas, as bellezas panoramicas da terra carioca. O embarque de s. ex. e seus companheiros de excursão realizou-se nas proximidades da ilha das Enxadas, no local onde se achava pousado o grande navio aereo allemão, que decollou e amerissou com exito, fazendo um lindo vôo sobre a cidade e seus arredores.

JARDIM ABERTO — D. Jayme

CUNHA MATTOS

Houve tempo em que o nosso passado parece que só nos merecia desprezo. Rio Branco, entristecido por esse desamor, escrevera que para elle, triste realidade! — somente havia "esquecimento e indifferença da parte de quasi todos, e até escarneo e ridiculo da parte de muitos."

Não podemos mais dizer o mesmo. Felizmente. Pouco e pouco, os escriptores e historiadores foram, nesse sentido, despertando a consciencia dos brasileiros. E' hoje abundam já os livros sobre os vultos e os factos da nossa historia, ainda moça, no emtanto bem cheia de traços gloriosos e de figuras notaveis. Sobretudo começam a interessar as criticas, os ensaios, os romances, a literatura episódica, os depoimentos e as biographias dos nossos grandes homens.

Entre elles, recosta-se em relevo, sem duvida, a figura militar de Cunha Mattos, que de 1776 a 1839, dos fins do periodo colonial até além do meio da segunda decada do primeiro reinado, brilhou nos nossos fastos sociaes, intellectuaes, politicos e guerreiros. A senhora Gerusa Soares enriquece a nossa literatura histórica com um bello e documentado livro sobre a eminente personalidade do fundador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. O valor desta alta instituição de culto á patria e ao saber, a somma de relevantissimos serviços que tem prestado á nação através de longos annos de porfiado labor e de vigilante brasilidade, collocam-na em tão alcandorado fastigio que só o facto de a haver fundado é titulo de benemerencia e de gloria bastante para immortalizar um nome.

O marechal Raymundo José da Cunha Mattos nasceu em Portugal, mas foi, pelo coração, pela vida, pelas obras, pelo espirito mais brasileiro do que muitos brasileiros natos. Adoptando, na aurora da Independencia, a nossa patria, onde já fundamente se enraizara, como sua, deu ao seu serviço, sem medida, as energias do seu cerebro, do seu sentimento e do seu braço "ás armas feito". Serviu-a com galhardia, devotamento, intelligencia e amor. Marechal de campo do nosso exercito, deputado ao nosso congresso, titular de nossas ordens honorificas, honrou como bem poucos a nova patria que escolhera e que nada mais era do que filha daquella, velha, cansada, mas muito gloriosa onde vira a luz do dia.

D. Gerusa Soares, escrevendo com clareza e concisão, demonstrando cultura invulgar e acendrado amor ás nosas tradições, narra a vida do illustre cidadão: sua descendencia, seu berço, sua vocação militar, sua actuação no Brasil com D. João VI e na Independencia, sua actividade parlamentar e administrativa e suas campanhas, desde a do Rossilhão, onde, contra os francezes, recebeu o baptismo de sangue, até a de 1825-1828, quando presenciou a famosa jornada do Passo do Rosario. Commandante geral da artilharia e vice-inspector do Arsenal do Exercito no Brasil-Reino, governador das armas de Goyaz, deputado geral, brigadeiro com funcções no estado-maior de Barbacena em Ituzaingó, companheiro de D. Pedro na reconquista do reino de d. Maria da Gloria, commandante da Academia Militar, vogal do Conselho Supremo Militar, marechal de campo, em todos os postos sempre se mostrou o mesmo fidalgo nas maneiras, no procedimento e no intellecto.

Erudito e investigador, manejara a penna quando largava da espada e, ás vezes, as duas ao mesmo tempo. Escreveu. Escreveu duas das primeiras e mais famosas obras sobre o nosso interior: a Chorographia e o Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão. Narrou mais nas Memorias a campanha restauradora de D. Pedro em Portugal. A ella o seguiu com fidelidade, porém, logo que o principe a terminou, regressou ao Brasil, sua segunda e definitiva patria.

O livro de d. Gerusa Soares merece ser lido pelos que cultivam o nosso passado, pelos que estimam os nossos antepassados. Na sua simplicidade elegante, elle encerra uma viva lição de brasilidade e um elevado exemplo de raras virtudes civicas.

(Photo Annunciato)

«Triangulo de fogo» é como se intitula o novo livro de João Lyra Filho, cujo nome já se firmou nas letras do paiz com o relevo que lhe dá o brilho de seu espirito. Estreando com um poema de larga inspiração, onde se revelou um lyrico de sensibilidade fina, João Lyra Filho reúne, agora, no «Triangulo de fogo», paginas chammejantes de psychologia profunda e de emoção. Depois do poeta, surge, victorioso, o «conteur».

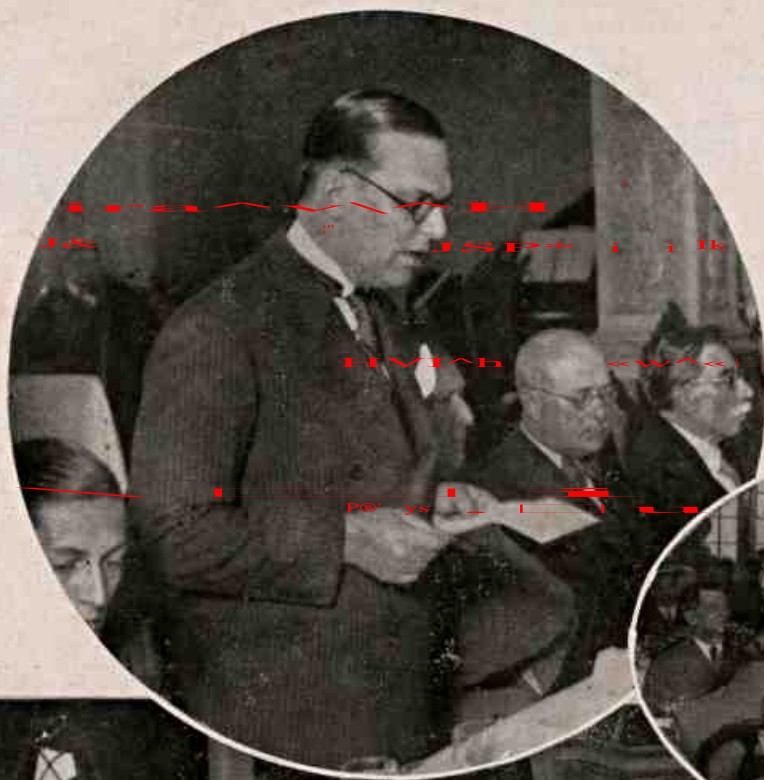
Na exposição de Celso Kelly, no Palace Hotel, a illustre senhora Marques Couto realizou, na tarde de quarta-feira penultima, uma audição das suas composições musicaes, que os artistas professores Ela Todorolsm, Romeu Gitsman e Iberê Gomes interpretaram com grande expressão. Precedeu essa audição, completando a magnifica tarde de arte, que a Associação dos Artistas Brasileiros proporcionou então á sociedade carioca, uma palestra do dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, que teve os seus commentarios brilhantemente animados pelo lápis do nosso prezado companheiro Renato Palmeira.

FILIGRANAS

Conta-se que Franklin definiu o negro como um animal que comia muito e trabalhava pouco. Ha nesse conceito, sem duvida, uma grande injustiça e é de admirar que homem tão eminente o tivesse esposado.

A historia da escravidão nas terras americanas, do Norte ao Sul, ensina o contrario: que o negro foi a verdadeira besta de carga na nossa civilização, trabalhando muito e comendo pouco. Ao esforço do preto se deveu o arroteamento das terras de cultura, o trato dos campos, a abertura dos caminhos e mesmo a *chair á canon* das guerras civis e estrangeiras. De maneira que devemos todos ser mais justos para com os infelizes escravos de nossos avós.

A esculptora Lotte Benter Bcgdanoff inaugurou sabbado ultimo, na séde da embaixada dos Estados Unidos, sob o patrocinio do ministro do Trabalho, dr. Lindolfo Collor, do embaixador norte-americano, sr. Edwin Morgan, e do ministro da Allemanha, sr. Hubert Knipping, uma exposição dos seus trabalhos, que têm interessado vivamente os nossos circulos artisticos.

Teve grande expressão política e social a homenagem que os amigos e admiradores do dr. Assis Brasil, ministro da Agricultura e um dos chefes civis da revolução de 1930, prestaram ao velho lutador, a quem offereceram, no Beira-Mar Casino, um grande almoço de muitos talheres. Tomaram parte nesse ágape não só as altas autoridades da Republica, mas também os representantes de todas as classes, num movimento de solidariedade áquelle illustre político que desde 1924 se collocou ao lado dos revolucionários sinceros. Viam-se na mesa, igualmente, innumeras figuras femininas, que representavam os ideaes e o pensamento da mulher moderna do Brasil, e cujos sentimentos foram, nessa homenagem, brilhantemente interpretados pela senhorita Maria Luiza Bittencourt. O dr. Lindolfo Collor, ministro do Trabalho, e o universitário Sebastião Antonio da Silva foram os outros oradores do almoço em honra do dr. Assis Brasil, que agradeceu em vibrante discurso a homenagem dos seus amigos. Levantou o brinde de honra, para saudar o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, alli representado pelo coronel Gregorio da Fonseca, secretario da presidencia da Republica, o general Leite de Castro, ministro da Guerra, que encerrou o ágape e teve as suas palavras coroadas por fortes applausos. Esta pagina focaliza os detalhes mais expressivos do almoço, vendo-se ao alto o dr. Assis Brasil quando agradecia a homenagem, e á esquerda e á direita, respectivamente, o dr. Lindolfo Collor e a senhorita Maria Luiza Bittencourt, pronunciando seus discursos.

COMO ELLES SÃO...

De Lys Dorison

VIADUCTO do Chá. Noite. Chòvisca. O asphalto brilha como um soalho encerado de fresco.

Gente de roupas escuras, apressada, encapotada.

Uma monotonia derrama-se gelatinosa sobre a cidade.

Agora á esquina assoma uma silhueta esguia. Rosto pallido, algo cançado, olhos grandes, intensamente expressivos. Luvas brancas, pernas altas, bem modeladas. Vestido côr de fogo, assanhado, chapéu branco.

Destaca-se como um annúncio luminoso do scenario escuro e pesado. Novidade. Com passos leves atravessa a rua.

Depois, chapéu côco. Um cavalheiro a acompanhar duas senhoras. Figuras banaes, apagadas. Uma, idosa, outra moça. Pouco cabello. Incolor.

Ellas voltam a cabeça para aquella figura bizarra. O cavalheiro sorri.

— Olha, F l a v i o , como aquella mulher mostra as pernas até as ligas! Elza, não convém que você olhe.

— Uhn! que espalhafatosa!

— Espalhafatosa! Diga, indecente! E que chapéu! Que falta de gosto! Mostrar os joelhos! ridiculo!

— Mas, isto é...

— Não é, Flavio? Eu logo tive a impressão...

O cavalheiro, depois de alguns passos, emquanto as senhoras ainda se voltam tres vezes para examinar aquella silhueta interessante:

— Meu Deus! Já 11 horas! E eu que ainda tenho que ir ao clube!

— Sim? Mas não se esqueça, Flavio. Amanhã vem a senhora do deputado X. com a filha do presidente; você sabe...

— Sei. Não faltarei.

Elle volta a rua. Lá no extremo destaca-se, como uma bandeira rubra, um vestidinho curto, attrahente na solidão.

Elle, estugando o passo, corrigindo o laço á gravata, alcança-a, emfim.

— Desculpe-me...

Ella agragando aos olhos um estranho fogo.

— Senhor...

— Posso convidál-a...

— Si lhe dá prazer...

— Taxi!

— Pésinhos tão delicados não devem ter contacto com o pó da rua, — diz elle, sorrindo.

E de si para si:

— Porque, si alguem nos visse, adeus, casamento! adeus dote! Com uma assim...

Ru-u-u... faz o auto roçando no asphalto.

O dr. Raul Magalhães de Almeida, scientista de mérito, depois de ter reformado os serviços de hygiene do Estado de Minas Geraes, que esteve sob a sua competente direcção durante o governo Antonio Carlos, acaba de assumir o cargo de director da Saúde Publica do Estado do Rio de Janeiro, attendendo ao convite do interventor, general Menna Barreto. No seu novo posto, o dr. Raul Magalhães de Almeida terá opportunidade de pôr em destaque a sua personalidade, já sobejamente conhecida e admirada nos circulos médicos.

COCAINA

Os pobres incommodam com as suas lamurias, mas, os ricos não incommodam menos com as suas ambições.

*

Comparar a mulher ao mar é coisa sediça. Vamos então comparal-a ás estrellas cadentes...

Marion

Os artistas lyricos brasileiros sra. Carmen Gomes e srs. Reis e Silva e Asdrubal Lima, que tiveram brilhante actuação na temporada da Companhia Lyrica Nacional, no João Caetano, por occasião do chá com que os seus amigos e admiradores os homenagearam depois do seu successo no palco daquelle theatro.

O interventor federal em Pernambuco, dr. Carlos de Lima Cavalcanti, que se acha ha dias nesta capital, visitou, a convite da respectiva directoria, o Centro Pernambucano, onde recebeu carinhosa manifestação de apreço dos seus conterraneos residentes na capital da Republica. Saudou o homenageado, em nome do Centro Pernambucano, o nosso brilhante confrade dr. Porto da Silveira, que proferiu vibrante oração exaltando o seu grande Estado e realçando as qualidades pessoaes do interventor Carlos de Lima Cavalcanti.

O Centro Cearense realizou, terça-feira penúltima, uma sessão solenne, afim de prestar a homenagem da sua saudade á memória de Juvenal Galeno, o bardo venerando das «Lendas e Canções» — e de João Cordeiro, notavel figura da abolição e da Republica, ha pouco desapparecidos. Sobre a individualidade do primeiro desses illustres cearenses fez brilhante conferencia o dr. Gustavo Barroso, redactor-chefe de FON-FON e membro dos de maior relevo da Academia Brasileira, falando, depois, a conhecida escriptora Anna César. O dr. Alvaro Bomilcar, festejado escriptor, fez o panegyrico de João Cordeiro e, por ultimo, a doutora Henriqueta Galeno, figura de remarque nos circulos intellectuaes cearenses e digna filha de Juvenal Galeno, que alli era recebida carinhosamente, em eloquente e commovido discurso agradeceu a seus conterrâneos do Centro assim a tocante homenagem tributada á memoria de seu saudoso pae, como o acolhimento affectuoso e cordial com que fôra distinguida no seio daquelle circulo associativo que era uma especie de desdobramento espiritual do seu Ceará distante.

O Centro Maranhense commemorou, na noite de 28 de julho ultimo, o anniversario da adhesão do Estado do Maranhão á independencia do Brasil, promovendo, no salão nobre do Centro Paulista, uma brilhante solennidade, a que compareceram os representantes do chefe do governo provisorio, do ministro da Justiça, do interventor do Districto Federal e do chefe de policia e, pessoalmente, o illustre escriptor Coelho Netto. Foi executado, para uma fina assistencia, um lindo programma de arte, organizado pelo presidente do Centro Maranhense, nosso confrade Walfredo Machado, e pela senhorita Dolores Cruz.

TREPAÇÕES

A duvida nasceu de uma assignatura tomada pelo illustre cavalheiro, para a temporada de comedia franceza.

Elle foi visto muito interessado na bilheteria do Municipal, e alguem, que o surprehendeu, levou o facto ao conhecimento da esposa.

Madame acreditou, a principio, que o marido desejava fazer-lhe uma surpresa, proporcionando-lhe uma temporada de theatro tão do seu agrado.

Por isso, esperou calada.

O marido, porém, não se manifestou.

Ella, habilmente, submetteu-o a um interrogatorio...

Elle teve a pouca intelligencia de negar que nunca havia procurado a bilheteria do theatro para coisa alguma.

Então, *madame* explodiu, num acesso de raiva!

O escandalo cresceu de importancia, porque o cavalheiro não achou desculpa plausivel para o caso.

Os vizinhos ouviram as ameaças de *madame*, que de então para cá não tem feito outra coisa senão discutir com o marido, sempre que este volta á casa.

Uma *peça* extra programma do Municipal...

No intervallo do theatro francez, no corredor, um grupo commentava a ausencia de certas figuras obrigatorias de uma época que não vae longe.

Os acontecimentos politicos, a crise, os grandes factores da mutação brusca por que passou o paiz teriam modificado o aspecto da sociedade.

E algumas figuras faziam, positivamente, falta...

Eram como uma especie de reliquia que fazia bem contemplar.

Mas, haviam desertado, algumas para nunca mais...

A promettida moralização dos negocios publicos teria afugentado para sempre os profissionaes dos negocios administrativos, que passeavam a sua importancia pela sala oiro e rosa do nosso grande theatro, muito bem acompanhados...

— Estavam fazendo falta, — commentava o divertido grupo do corredor.

A physionomia do theatro era outra: uma physionomia pacata, quasi burgueza, inexpressiva...

Nem deputados, nem senadores!

Nem *russas* e outros animaesinhos interessantes...

Como os tempos mudam!

(Photos De los Rios)

Terá inicio, no proximo dia 14, a temporada official de comedia brasileira que o artista-emprezario Jayme Costa vae realizar no theatro João Caetano, com o apoio da Prefeitura do Districto Federal, obtido graças á bôa vontade do illustre interventor Adolpho Bergamini. Os artistas com que Jayme Costa formou o elenco de sua companhia são figuras de prestigio no nosso meio theatral, o que constitue uma garantia segura do exito dessa temporada que se aguarda com tanto enthusiasmo. A peça de estréa será a comedia «A estrada dos Deuses», do autor brasileiro Abbadie de Faria Rosa, um victorioso nas letras theatraes. Jayme Costa, que é um artista de valor incontestavel, soube cercar-se de elementos que só poderão concorrer para o successo dessa sua nova tentativa em prol do legitimo theatro brasileiro. Entre esses elementos, é de justiça destacar a actriz Lygia Sarmento, figura interessante e uma das «estrellas» daquella temporada, cuja photographia publicamos aqui, juntamente com a de Jayme.

Ao nosso lado, um *trepador* emerito dizia a uma dama de alta escola:

— Ainda não pude comprehender a razão da assiduidade de fulano e da mulher, ao theatro francez. Elle é um ignorante, diplomado... Ella, digna companheira do marido... Não percebem patavina do francez, desconhecem a lingua, mas não faltam, e, o que é mais estranho, applaudem furiosamente a Sergine!

A dama que ouvia o cavalheiro arriscou:

— Mas, acaso serão unicos, nessas condições?...

O interpellado concordou que não eram unicos. Havia mais gente que fazia companhia ao casal.

Ouvimos risinhos abafados... Quando o *trepador* voltou as costas, a dama, dirigindo-se para uma amiga proxima, disse apenas isto:

— Coitado! Fala o roto do esfarrapado... Ainda ha dias o surprehendi numa situação deploravel deante de uma franceza de rua, sem saber como perguntar o bonde que devia tomar...

Nós então é que sorrimos, pensando que o cavalheiro havia tomado o bonde errado!...

O ANNIVERSARIO DO "O GLOBO"

O Globo festejou, no dia 27 do mez proximo findo, o 6.º anniversario da sua fundação.

E' opportuno recordar aqui a historica ascenção desse valente campeão das idéas e dos principios liberaes.

Surgindo sob a orientação do inolvidavel Irineu Marinho, o renovador da imprensa vespertina carioca, o qual tinha a seu lado, além de outros valores lidimos do periodismo brasileiro, a intelligencia fecunda de Eurycles de Mattos, recentemente fallecido, o O Globo logrou, dentro em pouco, granjear as mais sólidas sympathias populares. E' que, feito para o povo, e consagrando-se, intemeratamente, á defesa dos interesses nacionaes, não podia deixar de sentir-se prestigiado, como até hoje tem sido, pela população carioca.

Orientado, presentemente, pela mocidade radiosa de Roberto Marinho, seu director principal, conta O Globo com a operosidade e o espirito dynamico de Herbert Moses, outro director, e com a proficiencia technica e o caracter puro de Octavio Soares, seu director-secretario.

Muitos são ainda os profissionaes que se distinguem na redacção do sympathico diario: Horacio Cartier, polygrapho de largas pompas; Eloy Pontes, mestre do commentario ferino; Rafael Barbosa, espirito filigranado de requintes; Orestes Barbosa, humorista original e terrivel sarcasta... E quantos mais! Não esqueçamos Manuel Gonçalves, o chronista de visão profunda; Barbosa Corrêa, estylista galante; Netto Machado, critico de arte; Pereira [illegible], observador percuciente; Costa Ramos, o narrador de estylo fascinante; Paschoal Femroni, entrevistador malicioso... Emfim, todos elles são merecedores de uma referencia gentil, porque possuem uma biographia de marcado destaque, em nossas letras e no jornalismo carioca.

* * *

As commemorações do anniversario d'"O Globo foram, este anno, acrescidas das homenagens prestadas a Irineu Marinho e Eurycles de Mattos, constando ellas de romarias aos tumulos desses inesqueciveis jornalistas, no cemiterio S. João Baptista, e missa na igreja de S. José.

Varias figuras das mais representativas do Congresso Feminista, ha pouco reunido nesta capital, prestaram significativa e carinhosa homenagem a uma de suas dignas collegas — a doutora Carmen Velasco Portinho, offerecendo-lhe um chá de cordialidade na séde da Associação Christã Feminina, como demonstração do seu grato reconhecimento pelos esforços e efficiencia de actuação por ella desenvolvidos durante os trabalhos daquella assembléa da mulher brasileira.

A FELICIDADE

na lyra de dous poetas e uma poetisa

Por Paulo Gustavo

FELICIDADE!... velho thema de todos os escriptores, mormente dos poetas de todos os tempos, sempre de olhos voltados para o céo, para as coisas longinquas e inattingiveis, para os sonhos impossiveis de tão altos!...

Felicidade!... velha e dolorosa preoccupação de toda a Humanidade, ansiedade em que inutilmente se consomem as pobres creaturas humanas e que as lyras dos poetas tentam, em vão, reduzir a rythmos, reproduzir em imagens.

Ainda agora, em tres livros de versos que me foram generosamente offerecidos pelos autores, é retomado o eterno e doloroso thema.

O primeiro tem mesmo por titulo a mais linda e mentirosa das promessas — «Felicidade». Sua autora, a poetisa Coryna Rebuá, acredita na ventura, como acredita no amor, e diz logo no poema inicial:

«Felicidade
«E' flôr feita de neve...»

Para Venturelli Sobrinho, o maravilhoso bardo de «Alvorecer»,

«Felicidade é uma ave azul [que canta
«De vergontea em vergon- [tea, palma em palma,
«Si o caçador Destino não [a espanta
«Do bosque d'alma...»

Mas Prado Maia, o inspirado poeta de «Dia de Sol», acha que a felicidade é

«... como a nuvem, que [além deslisa...»

Flôr de neve, ave azul nuvem... para os tres autores a felicidade existe.

Mas onde?, perguntarão os lábios do leitor. Em que consiste a felicidade? No amor? Na gloria? Na riqueza?

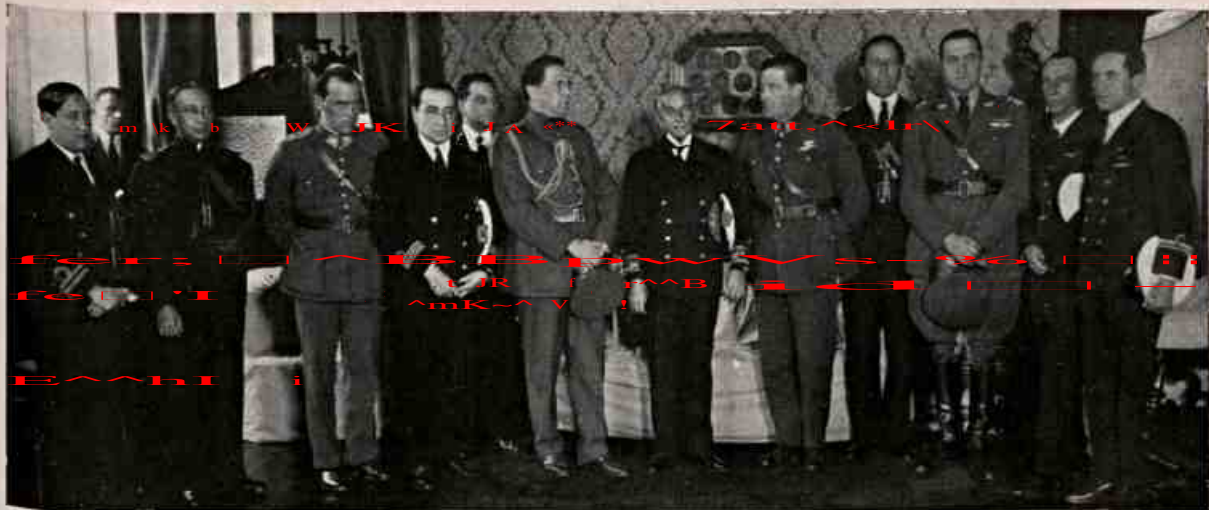
Ninguém admirará que a poetisa indague:

«Felicidade...
«Que é a felicidade?...»

E responda promptamente:

«A vida que vivemos, meu [querido.
....
«Felicidade
«E' seres meu
«E eu
«Tua, querido!»

Mas todo mundo esperaria que Venturelli Sobrinho e Prado Maia, ambos militares, ambos vi-

Um flagrante da cerimonia religiosa do casamento da senhorita Luiza Maria Franco, filha do dr. Zacharias Affonso Franco, com o sr. Claudionor Rodrigues de Carvalho. Foi celebrada pelo revmo. conego dr. Mac Dowell, na matriz de S. Francisco Xavier.

Os aviadores brasileiros que tomaram parte nas embaixadas aereas que levaram ao governo e ao povo da Argentina, num «raid» de confraternidade sul-americana, as homenagens do Brasil pela passagem da grande data da Nação platina, regressaram de Buenos Aires e Montevidéo, que tambem visitaram, trazendo em sua companhia varios collegas argentinos e uruguayos, distinctos officiaes do Exercito e da Marinha daquelles paizes amigos. Segunda-feira pela manhã, os nossos pilotos e os seus collegas platinos foram recebidos pelo sr. ministro da Marinha, almirante Protogenes Guimarães, a quem apresentaram cumprimentos e com quem palestraram longamente sobre o exito da viagem da esquadrilha aerea brasileira. Os nossos visitantes são o capitão-tenente Portillo e o tenente Meglaz, respectivamente, da Marinha e do Exercito argentinos, e os capitães Baru e Gutierrez, do Exercito uruguayo, e tenente Botto, da Marinha deste paiz, e que apparecem no presente grupo em companhia do almirante Protogenes e dos officiaes brasileiros.

vendo, como eu, entre os apetrechos e as ameaças de guerra, dando e recebendo ordens, correndo perigos, desprezando a vida, procurassem a ventura na gloria. Grande illusão! E' que elles, como eu, como todos nós, fizeram aos corações sensíveis aquella mesma pergunta dos versos de Bilac:

«Que fazer para ser como
[os felizes?...»

E obtiveram a mesma resposta enganadora e cruel: — «Ama!»

Prado Maia diz claramente nesse lindo poema «O amôr é Você»:

«Porque a felicidade eu
[sei que está no amôr
«E o amôr é Você!»

Para os tres, pois, a felicidade existe e está no amor. A differença única que se descobre no modo por que encaram o grande e eterno problema é quanto á duração, á fidelidade ou á volubilidade da ventura. Coryna Rebuá pensa que essa creatura é uma amiga muito gentil, muito fiel, muito dedicada e affirma mesmo que

«Ella vive cantando
«E quer ficar
«Um tempo infindo...»

Porém, Venturelli Sobrinho e Prado Maia discordam de tão optimista opinião. O primeiro diz no poema «Turmalinas Azues»:

«Mas a felicidade...
«E' sempre, para nós, co-
[mo si nevoa fosse...»

O segundo, no poema final do seu admiravel livro, assim se refere á ventura:

«E's como a nuvem, que
[além deslisa:
«Cerca-te um nimbo de
[claridade...
«E vaes seguindo, branca,
[indecisa,
«Fóra do alcance da nossa
[mão!»

E' que Coryna Rebuá, como mulher, é mais resignada e contentou-se com o muito que o destino lhe deu:

«Rainha
«Do meu céo que construi
«Na calma
«Que me vem
«Do amor constante!...»

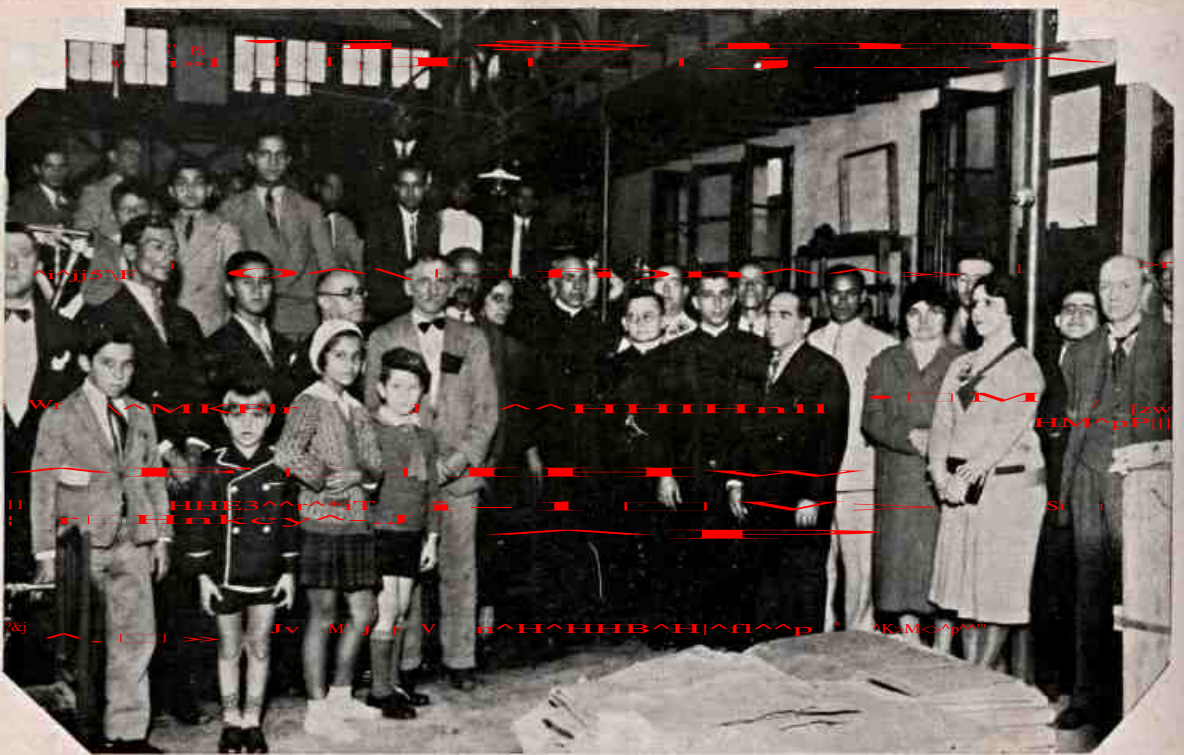
Ella propria construiu o seu céo e, installando-se nelle, vive feliz. Não será isto mesmo a felicidade?

Cabe ao leitor responder.

Mas, a mim, parece que tudo isto está certo. A felicidade deve existir e estar no amor, porque o amor foi a única coisa que trouxemos do céo, ou melhor, que Eva trouxe de lá para perder o mundo, como perdêra o paraiso. E' o eixo da vida, é a origem de todas as nossas venturas e todas as nossas desgraças.

A felicidade deve existir. Apenas, deve ser alguma caminhante silenciosa, toda vestida de rosa, mas calçando botas de sete-leguas. Quando atravessa o jardim da nossa alma, vae

(Conclúe na pag. 42)

A colonia suissa desta capital reuniu-se sabbado á noite, na séde do «Home Suisse», para commemorar, com a presença do sr. ministro Albert Gertsch, o 640.º anniversario da fundação daquella prestigiosa e florescente Nação européa, que decorreu naquella data.

Figurava no programma da «Semana Pró-Patronato», que se realizou nesta capital de 26 de julho ultimo a 2 de agosto corrente, uma festa em homenagem á imprensa, e que teve logar na tarde da penultima terça-feira, na séde do Patronato das Crianças Pobres de S. João Baptista da Lagôa, á rua Real Grandeza, 174, tendo feito a saudação aos jornalistas presentes o revmo. padre J. Cabral. A nossa photographia representa um aspecto dessa recepção á imprensa carioca.

A União dos Empregados do Commercio do Rio de Janeiro realizou, na noite de quarta-feira penultima, em sua séde social, uma festa para commemorar o 23.º anniversario de sua fundação. Compareceu pessoalmente, como convidado de honra, o sr. ministro do Trabalho, dr. Lindolfo Collor, que presidiu á solennidade inicial, á qual se seguiu animado baile, com a presença de muitas familias.

---

tão de manso que nem a sentimos. E só mais tarde — ás vezes tantos annos, tanto tempo depois! — é que sabemos que ella passou, que nos fez venturosos e que se foi, talvez para sempre, deixando, no emtanto, rastros indeleveis nas saudades que nos legou.

A saudade é o signal das venturas passadas.

A saudade é a alma de uma felicidade que morreu.

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

A vertigem do tango tomava-lhes as almas.

"QUANDO O MUNDO DANSA..."

Producção

Metro-Goldwyn-Mayer

Com a seguinte distribuição:

Bonnie, JOAN CRAWFORD; Bob, LESTER VAIL; Bert Scranton, CLIFF EDWARDS; Rodney, WILLIAM BACKEWELL; Jack Luva, CLARK GLABE; Della, NATALIE MOORHEAD; Sylvia, JOAN MARSH.

BONNIE Jordan, a aloucada Bonnie, figura suprema de formidaveis farras que toda Nova York commentava, enchia de continuos sobresaltos o pobre, embora millionario, Mister Stanley Jordan, que não sabia onde buscar meios de corrigir a filha e o filho, Rodney, rapaz dado, entre outras cousas, a andar na companhia de contrabandistas de bebidas.

Bonnie Jordan, não obstante ser assediada por Bob, um rapaz que a ama com sinceridade, nunca se rendera a grandes amores. Um dia, entretanto, mais aloucada que nunca, ella vae além dos limites, numa das suas pandegas, e, como resultado, Bob, mais do que Bonnie, sentiu preoccupações enormes...

Dá-se um terrivel "crack" na Bolsa e o pae de Bonnie, vendo-se arruinado, é victima de uma lesão cardiaca. Sem dinheiro, sem recursos, Bonnie e Rodney se vêm na

O despertar dum sonho!

contingencia de procurar emprego. Bonnie arranja um logar como reporter de um grande jornal. Seu irmão, entretanto, menos preoccupado com o futuro, não se lança tão rapidamente á conquista de um ganha pão, e não tarda que lhe appareçam certos amigos que melhor seria não apparecessem...

Dias depois, Rodney fazia parte do corpo de "vendedores" de bebidas, das bebidas que Jack Luva, um contrabandista, espalhava por toda Nova York. Sem ver nesse meio de vida alguma deshonestidade, Rodney tudo occulta, entretanto, da irmã, que continuava a se fazer cada vez mais estimada no jornal onde trabalhava.

Um crime impressionante abala a metropole: Scranton, um reporter, justamente o collega favorito de Bonnie, fôra massacrado por varios bandidos! Todas as suspeitas recaem sobre os assalariados de Luva, e, de facto, assim era. O homem que primeiro d ra o golpe

Segredos.

Continencia!

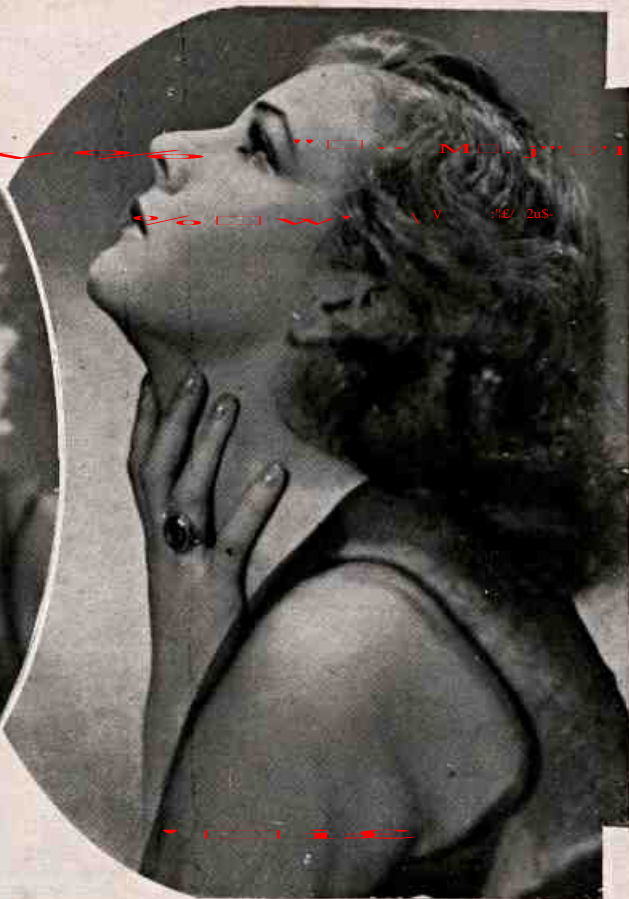
para a morte de Scranton era Rodney Jordan!

Disposto a deslindar o mysterioso caso, o director do jornal a que pertence Bonnie, decide utilizar-se dos prestimos da actividade notavel da pequena. Assim, Bonnie é destacada para fazer diligencias no "cabaret" de Jack Luva. A Bonnie não foi difficil tomar a incumbencia, uma vez que ella, admiravel bailarina, é contractada facilmente por Jack Luva.

Sabendo de tudo que se passava e se passara recentemente nos bastidores do "cabaret", Bonnie chega a uma conclusão, uma dolorosa conclusão: o responsavel maior pela morte de Scranton era seu irmão, Rodney, que aliás estava prisioneiro de Jack Luva.

Não tarda que Luva descobra a identidade de Bonnie. Esta, para salvar o irmão, corre para onde elle se encontra, e lá já está Jack Luva, que os intima a se renderem. Rodney, aproveitando uma distracção de Luva, prostra-o com um tiro, mas não sem receber um tiro de um auxiliar do bandido.

Mortalmente ferido, Rodney fallece minutos depois, nos braços de Bonnie, que, mesmo naquelle momento, não faltou ao seu dever, telephonando para a redacção e expondo tudo que se passara. Bob, sabedor da elevação do caracter de Bonnie, apparece-lhe, implorando-lhe que se torne sua esposa, no que ella concorda, porque já soffrera bastante, lutando pela vida, e porque, afinal, gostava immenso de Bob...

As consequencias do desvario.

Uma "estrella" que surge...

...no céo da Fox. Elissa Landi [illegible] em Vanessa. Não era preciso confessal-o. Lê-se-lhe nos olhos profundos e sensuaes. Educou-se na Inglaterra. O nevoeiro londrino não lhe apagou a chamma viva da alma ardente. Correu para o theatro, depois de ter obtido em Oxford uma cultura espiritual superior. Chegou a sêr a coqueluche do publico londrino. Mas o theatro era um campo limitado. Não a satisfez. O cinema attrahia a sua alma, como um iman. E filmou na Inglaterra, na França, na Suecia. Em Paris foi companheira de Menjou em "My Kid of a father".

Mas Hollywood era a attracção, o ideal, a força dominadora do seu progresso artístico.

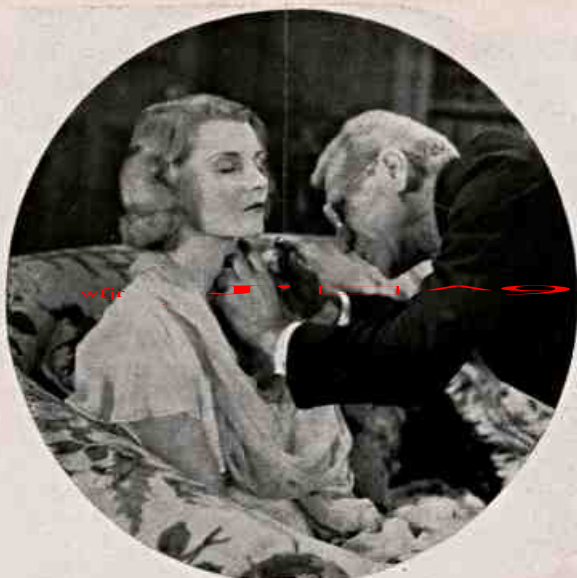
A Fox sentiu lhe a belleza, a graça, o talento. E ella entrou na Fox como uma verdadeira vencedora. O publico carioca vae conhecel-a em *Corpo e alma*, ao lado de Charles Farrell. Será dentro em pouco um dos maiores idolos das nossas platéas.

E' uma admiravel artista e uma encantadora mulher. Fixem lhe o nome: Elissa Landi!

Fez um exame minucioso.

DRACULA

Um film da Universal

Conde de Drácula	BELA LUGOSI
Mina	HELEN CHANDLER
John Harker	DAVID MANNERS

PUXADO por oito fogosos animaes, seguia a diligencia, aos solavancos, pelas estradas sinuosas que cortavam as altas montanhas. Os passageiros não eram muitos, mas tinham pressa de chegar antes do pôr do sol, pois á tarde daquelle dia sobreviria a sinistra «Noite de Walpurga», a noite do mal!

E' chegaram, effectivamente, antes que as sombras cobrissem os Alpes da Transilvania. Um delles, porém, não desceu ao termo da jornada, declarando que teria de ir mais além, ao desfiladeiro de Borgo, onde encontraria a sege que o deveria levar ao castello do conde Drácula. Ao ouvirem de Renfield essas palavras, o estalajadeiro e sua mulher tremeram. Drácula, o homem vampiro, que se transformava em lôbo e em morcego para sugar o sangue dos vivos! Rindo dessas tolices, o viajante insistiu. Deveria ir. Tinha negocios a tratar com Drácula e não acreditava em superstições.

De certo modo apavorado, o cocheiro poz a diligencia de novo em marcha. Em Borgo, lá estava a carruagem. O ar fúnebre do conductor do vehiculo e o aspecto do carro não deixaram de causar impressão ao joven e ousado forasteiro. E Renfield chegou ao castello, onde o esperava Drácula. O que era esse castello, perdido na immensidão daquellas montanhas, que lembravam o fim do mundo, não ha quem o possa descrever. Tudo ali causava pavor, arrepios de frio. O homem de espirito mais forte não se sentiria tranquillo em meio daquellas coisas que só recordavam a morte.

Depois de uma breve conversa com Drácula, communicando-lhe que o arrendatario da abbadia de Sarfax estava concluido e que elle para lá o poderia transportar.

Renfield perdeu os sentidos. Drácula aproximou-se delle e...

Alto mar. O «Veta», navio fantasma, que conduzia Drácula, durante o dia encerrado no seu caixão, para delle só sahir á noite, quando Renfield o despertava, era batido rijamente pelos elementos em fúria. Navio e carga, porém, chegaram á Inglaterra, dirigindo-se Drácula para a abbadia, em volta da qual o povo tecêra as lendas mais sinistras.

Uma noite, no theatro, Drácula travou relações com o dr. Seward, que lhe apresentou sua filha, Mina, e uma amiguinha desta, Lucy. Seward era director de um famoso sanatorio e residia proximo á abbadia. Os dias se passaram e, com surpresa, soube-se da morte de Lucy. O facto causou estranheza e, presentindo nelle um mysterio, Seward recorreu a um grande scientista, que, após pesquisas pacientes, chegou a resultado surprehendente. Lucy fôra victima de um vampiro!

Se não se tratasse do celebre professor Van Helsing, verdadeira autoridade no mundo scientifico, Seward teria tomado a coisa como pilhéria. O collega duvidava e Van Helsing, depois de ter observado Renfield, que dizia precisar devorar seres sangüíneos para manter a propria vida, resolveu enfrentar o mysterio.

Certa manhã, um tanto mudada, Mina acordou com pequenas manchas na pelle, localizadas na garganta. Van Helsing logo tirou a conclusão de estar correndo perigo a vida da moça. Mas quem seria o demonio que escolhera para sua nova presa a filha gentil de Seward e noiva de John Harker? Agindo habilmente, Van Helsing poude, por fim, chegar a uma conclusão logica. O vampiro era Drácula. Estabeleceu-se a luta entre o grande homem de sciencia e o algoz de Mina, já então uma criatura absolutamente differente, incapaz de dominar a propria vontade, attrahida para o abysmo que a seduzia.

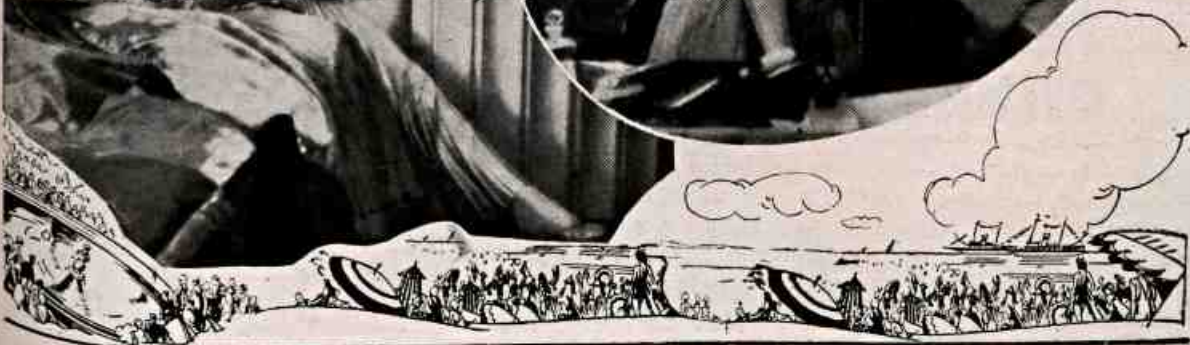
Passaremos por alto varias peripecias e diremos que Van Helsing e John Harker perceberam que Drácula, alta madrugada, conduzia Mina para a abbadia. Penetraram em Carfax, correram-lhe os subterraneos. Rompia o dia. Encontraram Drácula num dos sarcophagos. O que se lhes deparara... Evidentemente o outro estava vazio. ... era que, com o approximar-se o sol, o vampiro tinha abandonado a sua presa, retornando precipitadamente ao seu funebre esconderijo.

Mina é encontrada mais morta que viva. Recobra os sentidos e narra o que se passára, de accordo com as supposições de Van Helsing. Reabrindo o caixão de Drácula, crava-lhe uma faca no coração.

E' foi assim que o monstro, o conde Drácula, definitivamente desappareceu da face da terra.

O seu olhar irado dizia toda a sua cólera.

Revelações do mysterio.

A PARAMOUNT apresentará em 10 de Agosto:
no IMPERIO e SÃO JOSÉ
Um idílio na Côte D'Azur, fantazia romantica nos moldes de «Alvorada de Amor», com

NOTAS DE ARTE

DE OSCAR D'ALVA

DECIO VILLARES — A morte vem ceifando em pouco tempo grandes figuras da arte brasileira, senão da arte musical. Hontem, Henrique Oswald; hoje, Decio Villares. Mas quão differente o destino de ambos! O musico viveu feliz e glorificado, e, morto, cresceu-lhe a gloria. O pintor e estatuario passou a vida sem gloria; e muito soffreu, conhecendo até as torturas da miseria; e, morto, o seu nome ainda não foi, como devera ser, alvo da merecida glorificação. Entretanto, é justo assignalar que Henrique Oswald foi um grande musico, como ha muitos, e Decio Villares, um grande poeta plastico como ha poucos. Decio Villares, além de ser um artista illuminado pela philosophia nova, era dotado de verdadeiro genio plastico. As suas creações tinham o cunho das dos mais extraordinarios cultores da artede todos os tempos. O quadro de *Paulo e Francesca* e o busto de *S. Paulo* poderiam, sem exagero, ser assignados por qualquer das maiores celebridades da pintura e da esculptura dos aureos tempos da Grecia e da Renascença: Zeuxis ou Raphael, Phidias ou Miguel Angelo. Oxalá saibamos os seus patricios resgatar, pelo culto perenne da sua memoria, a indifferença, o descaso, o abandono em que o deixámos morrer. Oxalá o governo actual, que se diz constituido para republicanizar a Republica, saiba remir a falta dos governos anteriores, adquirindo, para a pinacotheca do Estado, os primores da obra de Decio Villares, e, seguindo-lhe a orientação philosophica, não continue a pratica anti-republicana de galvanizar o ensino academico privilegiado, que só serve para multiplicar o peor dos charlatanismos, que é o charlatanismo diplomado, e impedir o surto das verdadeiras capacidades, scientificas ou artisticas, medicas ou juridicas, technicas ou philosophicas. Decio Villares foi exemplo vivo de paladino, martyrizado defensor, da abolição dos privilegios academicos, á custa dos quaes pullulam mediocridades de toda ordem, com os titulos officiaes de sabios, artistas, musicos, juristas, engenheiros ou philosophos. Os verdadeiros artistas são como Decio Villares: não precisam de diplomas privilegiados para attingir aos mais altos cimos da arte. O governo pode e deve auxilial-os, mas sem nenhum privilegio. E' essa a verdadeira politica republicana. Por ella viveu e morreu o extraordinario pintor de *Paulo e Francesca*, o incomparavel esculptor do busto de *S. Paulo*. Honremos-lhe a sagrada memoria.

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO — Dos mais sensacionaes da temporada, o concerto da O. P. R. J. — 9.ª de assignatura e 11.ª da série iniciada — realizado no T. M. em a noite de 27 de julho findo, sob a regencia de Burle Marx e com o concurso da grande pianista brasileira, uma das maiores do mundo — Guiomar Novaes. Dando mais solennidade á festa musical, compareceu o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas.

Villa Lobos, com 3 *Dansas africanas*; Chopin, com o *Concerto em fá menor*, op. 21, para piano e orchestra; Reznicek, com *Symphonia da Dansa*, foram os autores ouvidos. Grande, extraordinario contraste! A balburdia, a confusão, as sonoridades discordantes (a par de algumas bellezas) caracteristicas das composições do musico brasileiro e do musico germanico em saliente opposição com toda a musicalidade do poema epico-lyrico do excepcional artista polonez. Embora, no genero, peças applaudiveis e applaudidas, especialmente *Kankukus*, de Villa Lobos, e *Czardas* e *Tarantela*, de Reznicek, a verdade é que todas essas *Dansas* são, por assim dizer, arte exterior, arte materialista; musicalizam sensações; evocam homens e povos através da sua mentalidade barbara ou selvagem. O *Concerto* de Chopin, ao contrario, é arte interior, arte espiritualista; musicaliza sentimentos, evoca homens e povos depurados pela civilização. Se o concerto da Philarmonica fosse ouvido por tribus selvagens ou populações incultas, teriam sido homenageadas com frenesi as obras de Villa Lobos e Reznicek; mas passaria quasi ou totalmente despercebida toda a composição de Chopin. Faltaria áquelle publico primitivo, a facilidade de comprehender a belleza sentimental do poema chopiniano. Eis por que concordamos em que se admirem e se applaudam, por seu valor technico, as estylizações de themas selvagens ou barbaros, como os que formam as *Dansas* de Villa Lobos e Reznicek, mas não acreditamos tenham, para as nossas almas de civilizados, valor emotivo bastante, que justifiquem applausos enthusiasticos, verdadeiramente sinceros, salvo numa ou noutra passagem. Como quer que seja, porém, os tres numeros foram pretexto para mostrar toda a virtuosidade do notavel regente, que é o joven maestro Burle Marx. As *Dansas* foram regidas com notavel mestria. Parecia que os dansarinos abrolhavam da orchestra e mimavam no ar as coréas que a musica desenhava. Por isso mesmo comprehendemos as palmas finaes que galardearam as *Dansas africanas* e a *Symphonia da Dansa*. Presente ao concerto, o maestro brasileiro recebeu repetidas ovações de grande parte do publico. E já que falamos em Villa Lobos, noticiemos que o musico patricio passa na Europa por *compositor brasileiro, mas francez de adopção*. E', pelo menos, o que se lê numa das chronicas musicaes de Gustavo Samazeuilh, publicada na *Revue Mondiale*. Será verdade? E' possivel admittindo-se, como nós, que todo homem, verdadeiramente civilizado, é natural da terra em que nasceu e, cidadão de Paris, que Paris é a França e o Occidente, é a Europa, é a Terra, como lhe chama Augusto Comte; mas, cremos, não é nesse sentido que deve ser tomada a opinião do chronista; é talvez no de dar ao artista brasileiro o cunho francez para lhe explicar o valor, roubando-o assim á arte brasileira. Seja como

(Conclue na pag. 59)

O LEÃO DA METRO-GOLDWYN-MAYER
REAL MAGESTADE DA TELA
GRETA GARBO
A UNICA - em
INSPIRAÇÃO
com
LEWIS STONE
ROBERT MONTGOMERY
10 DE AGOSTO
PALACIO THEATRO
Cia. Brasil Cinem.

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

fôr, a indiscutivel verdade é a outra opinião do critico, inserta na mesma chronica, quando diz do nosso maestro: ... "doué d'un tempérament indéniable, et d'une fécondité dont il a parfois une tendance à abuser.... Que M. Villa Lobos arrive à discipliner ses élans, à se méfier parfois de l'abondance de sa plume: il peut aspirer à la plus enviable place parmi les musiciens de sa génération." Foram essas as palavras escriptas a proposito de uma audição na Sala Gaveau, na primavera de 1930, quando se executaram varias composições de Villa Lobos, entre as quaes justamente as *Danças*, que lá figuraram como *afro-brasileiras* e aqui só como *africanas*. Parece-nos juizo perfeito sobre o compositor brasileiro. Coincide mais ou menos com o que dissemos em nossa chronica do concerto V. L. realizado aqui no Rio, em 22 de setembro de 1925, no I. N. M.

Exito sem par, foi o alcançado pela divina interprete do piano, que é Guiomar Novaes. Podem outros mestres do teclado a igualarem e mesmo a excederem em força, em agilidade, em bravura, mas nenhum a excede e poucos a igualam no magico poder de vocalizar o piano, de dar voz ao ingrato instrumento. As suas mãos sobre o teclado cantam, não tocam. A phrase melodica de Chopin, que nasceu e morreu com elle, ninguem exprime melhor que a nossa gloriosa patricia. Como interprete, Guiomar Novaes é Chopin redivivo. A execução do 2.º tempo do *Concerto*, desse poema de amor, que é o apaixonadissimo *Larghetto*, excedeu, em poder emotivo, a tudo que se pode imaginar de mais perfeito, mesmo a interpretação, que nos parecera inexcedivel, dada quinze dias antes, pelo genio planistico de Iso Elinson. Guiomar Novaes sublimou ainda mais toda a sublimidade da musica de Chopin. A sala inteira ouviu-a num profundo silencio, num silencio verdadeiramente religioso. Todo o auditorio viveu minutos de incomparavel extase. E a emoção e o enthusiasmo continuaram, ouvindo-se ainda a "Paderewsky dos Pampas" cantar mais alguns numeros extraordinarios, que a platéa delirantemente solicitava e applaudia. Mais uma inesquecivel noite de arte deve o Rio á genial pianista.

MARIA SABINA — Foi uma ascensão o recital de Poesia que realizou no Trianon, na tarde de 29 de julho a senhorita Maria Sabina. Dizemol-o assim porque os effeitos artisticos produzidos foram em escala ascendente. Se agradaram simplesmente os contos da 1.ª parte; se emocionaram bastante varias interpretações da 2.ª; enthusiasmaram realmente os numeros da 3.ª, em que a recitalista viveu os proprios versos. Cumpriu assim Maria Sabina todo o original programma annunciado: "ERA UMA VEZ.... MARIA SABINA cantará: Guilherme de Almeida — a)*Era uma vez* — b)*Branca de Neve*; Jorge de Lima — *Poema de duas mãozinhas*; Luiz Martins — *Bilhete para d. Felicidade*; Onestaldo de Pennaforte — *Escrava*; Jayme d'Altavilla — *O bilhete apressado*; Henriqueta Lisbôa — *A escolha*; Ary Pavão — *Preto velho*; Mauricio Goulart — *Diabinho*; Hermes-Fontes — *Tres ou quatro mentiras*; — RYTHMOS DA TERRA MORENA — MARIA SABINA interpretará: Maria Eugenia Celso — *Peccados*; Raul Bopp — *Marabaxo*; Catullo Cearense — *O poeta do sertão*; Oswaldo Santiago — *O divorço vem ahi*...; Vargas Netto — *Fumo crioulo*; Deomar Bariense — *Mocambos do Tigipió*; Ascenso Ferreira — *O Samba*; Mardokeu Nacre — *Moleque Pachola*; Olegario Mariano — *As Potrancas*; — DO PAIZ SEM CAMINHOS — MARIA SABINA viverá: *As palmeiras*, *Dualidade*, *Sonho vegetal*, *Painel da Tarde*, *Cartas de Amor*, *Uns Braços vazios*, *Canto de Fé* — versos seus."

A senhorita Maria Sabina é mais um exemplo vivo de quanto o estudo contribue para aperfeiçoar e até revelar dotes naturaes, que sem elle não se revelariam. Sempre gostamos dos versos da poetisa de *Agua dormente*, mas não nos agradava muito a sua arte de declamar. Agora não. Applaudimos, senão sempre, muitas vezes, tanto a autora como a interprete. Ficamos mesmo verdadeiramente emocionado ouvindo *As palmeiras*, *Sonho vegetal*, *Painel da tarde*, *Uns*, *Canto e Fé*, acima de tudo, esse esplendido poemeto lyrico, que é *Cartas de amor*.

E' de assignalar-se o gosto com que a illustre dictriz se adornou e adornou a scena para *contar*, *interpretar* e *viver* os poemas que declamou. Foi todo um ambiente de arte o que se viveu nas 2 horas passadas no Trianon, vendo e ouvindo o recital de Maria Sabina. Espontaneos e repetidos applausos, muitas flores saudaram a recitalista.

PINTURA SEM TINTA

UMA exposição curiosa de quadros — que não foram todos por pincel, penna nem lapis, — desperta, em Londres, grande interesse.

A pintura é feita com folhas e petalas de flores e casca de arvores.

E' um trabalho tão perfeito, que mesmo ao mais minucioso exame se julga pintura á oleo.

Paizagens, figuras, de tudo se viu nessa exposição. Copias de quadros dos grandes mestres foram feitas pelo mesmo processo.

O artista chama-se W. J. King.

"Nunca tive lições de arte, — disse o sr. King, ao reporter do *Tit-Bits*. — Quando criança, tinha inclinação para a pintura, mas não m'a ensinaram. Com o tempo, comprei uma caixa de tintas e pratiquei até me aperfeiçoar por mim mesmo. Tornei-me um bom pintor a oleo e, um dia, apanhei uma folha de tão bello colorido, que me occorreu a idéa usar folhas para fazer quadros.

Desde então, quasi não peguei num pincel.

"Levei annos na experiencia antes de achar as folhas necessarias para a gradação de todas as côres. Apanho-as, metto-as na prensa e exponho-as á luz para ver si a côr é fixa. Conservo-as, então, para o momento opportuno.

"Fazer quadros com folhas não é tão difficil como parece, embora me custasse adquirir efficiencia nesse sentido.

"Tomo um grande cartão, esboço o quadro; depois corto as folhas em pedacinhos e grudo-as. Quando quero accentuar o effeito, colloco muitas, umas sobre as outras. A colla não prejudica o colorido.

"Não posso pintar fóra de casa, mas tenho bôa memoria e, tendo visto uma ou duas vezes uma paizagem, sei reproduzil-a de lembrança.

Tambem faço figuras em relevo e tenho modelado copias de vasos do British Museum, usando papelão e fazendo as figuras e desenhos com folhas".

A MILESIMA QUARTA

DE J. BELMONT

SO' e a pé pela estrada poeirenta, don Juan Tenorio caminhava, naquelle dia em direcção á villa d'El Bonito, que uma colina da Andaluzia guardava, como uma joia, agarrada á sua encosta.

Seu camareiro, na vespera havia dito a Tenorio:

— Sabe, senhor, que as moças d'El Bonito, são famosas pela belleza?! E a mais bella de todas, conforme dizem, é Rosario Mayor, estalajadeira do lugar.

— Está bem, rapaz, respondeu don Juan, batendo no hombro, do gaiato. Um desses dias, irei visitar a tal Rosario. Estalajadeira, não é? Devéras! O pretexto é optimo para entabolar conversa com a amavel personagem.

Então, por aquella tarde, don Juan, tentado pela pureza do céo, pela suave quentura dum sol de setembro, dirigia-se, em ar de passeio, á sorridente villa andaluza.

Pensava — em caminho, na ultima amante — a mil e tres — que havia abandonado, naquella propria manhã, desesperada e gemendo:

— Por piedade, não me abandone, meu querido.

Mas o bem amado partiu, amante que nada tinha a censurar-lhe... nada, senão uma coisa! O facto de se parecer com as mil e duas outras que a haviam precedido.

O crepusculo cahia quando Juan chegou a El Bonito. Bem guiado pelos camponezes, batia, minutos depois, á porta de Rosario.

Uma deslumbrante creatura veiu abrir-lhe a porta. A flexibilidade do corpo, o brilho dos olhos negros, a extraordinaria delicadeza dos traços, impressionaram don Juan — o proprio Juan!

— O velhaco do meu creado, não me enganou! pensou elle.

Rosario desappareceu para deixal-o entrar.

— Minha belleza, perguntou Juan, póde-se comer e pousar em sua casa?

— Senhor, respondeu a joven, que logo reconhecera em don Juan, alto personagem, senhor, quarto e comida muito modestos, mas si quizer ser indulgente...

E, sorrindo, ella apontou-lhe uma cadeira ao lado duma grande mesa de páo.

Juan tirou o chapéo, o capote e sentou-se. A penumbra invadia já a vasta sala de jantar. Das cordas enfumaçadas pendiam dois ou tres presuntos; sobre as paredes, penduradas em pregos, havia resteas de cebolas e alhos e tambem um grande ramo de plantas aromaticas: louro, mentho, thymo, aipo que derramavam por toda a sala um aroma picante e agreste.

Rosario activava-se; cortou uma fatia de presunto, bateu uns ovos e emquanto a *omelette* cozinhava lentamente, ella acabava de temperar uma salada de pimentões vermelhos e verdes. Depois, collocou deante de Juan uma grande brôa escura, uma caneca de vinho fresco, uma melancia aberta que parecia geada rosea e um cesto de junco trançado cheio de pesados cachos duvas azues.

A' luz de duas lampadas, don Juan ceiou com appetite, sem tirar os olhos a deslumbrante estalajadeira e sem perder occasião de lhe dirigir um galanteio; depois, acabada a refeição, elle levantou-se e aprofundando sobre Rosario, o olhar ao mesmo tempo voluptuoso e autoritario, que havia reduzido tantas creaturas bellas á desgraça, aproximou-se da rapariga tentando abraçal-a.

Mas Rosario desvencilhou-se logo, dizendo com voz suave mas firme:

— O senhor, recebeu a hospedagem que me pediu mas não conte com mais nada senão, a comida e a cama. Perderia o seu tempo e eu conto com vizinhos prestimosos, promptos a me attenderem ao primeiro appello.

Don Juan olhava Rosario, muito surpreso. Não estava habituado a semelhantes palavras.

Immediatamente foi buscar uma bolsa muito pesada e jogou-a sobre a mesa.

— Uma linda creatura como tu, disse elle, tem direito a presentes. Estou apto como vês, a render essa homenagem que a tua belleza merece. Com isso podes comprar todos os cabeções e adamascados, todas as camisetas finas, todos os brincos e todas as fitas que possas desejar.

Um sorriso malicioso illuminou o rosto de Rosario.

— Senhor, disse ella, do conteúdo dessa bolsa, quero acceitar alguma coisa.

Com os diabos! murmurou Juan com imperceptivel dar de hombros.

— Então, continuou Rosario, dá-me uma moeda de oiro... uma só! (a bolsa tinha bem uma centena). Ella pagará o preço da ceia e do quarto onde o senhor vae dormir... Uma só moeda!... E está muito bem pago. Mas juro por todos os santos que não acceitarei mais.

A surpresa de Juan Tenorio ia crescendo:

— Ah! Só isso, pequena, serás sincera, por acaso? Donde virá tanta virtude?

— Senhor, ha um anno que Hernandez, o marido que eu adorava, deixou-me pelo Paraiso. Jurei ser fiel á sua memoria e nenhum homem, sinto-o bem, teria o poder de fazer-me quebrar a jura. Nenhum, senhor, nem mesmo o famoso don Juan Tenorio cuja reputação de seductor chegou até cá.

Juan olhava fixamente Rosario.

— Sabes quem eu sou, pequena? Sou a pessôa cujo nome acabas de pronunciar.

Mas, com seus bellos olhos calmos, a joven prendia o olhar do irresistivel.

— E' bem possivel, senhor; o senhor tem realmente a physionomia altiva que convem a don Juan e parece-se, conforme pretende-se que se pareça com o senhor, com o quadro do archanjo Migul, que orna a nossa igreja. Mas repito-lhe: não pertencerei antes a don Juan Tenorio, que a qualquer outro homem.

Ouvindo Rosario, Juan sentia pouco a pouco, certa emoção invadil-o. Ligeira esperança brilhava-lhe nos olhos. Sonhava: "Será possivel isso?" Esse fatal poder de seducção que me arrasta, independente da minha vontade, ao qual tenho que ceder porque assim quer o meu destino e que me torna o coração pesado e fatigado, esse terrivel poder que nunca encontrou resistencia, que, como herva venenosa, semeia a meus passos a vergonha, o odio e o desespero, será elle emfim, posto em desafio pela pequena estalajadeira dum albergue? Oh! amar castamente uma mulher, fraternalmente e poder lavar nessa pura ternura toda a lama de minhas torpezas e minhas crueldades!"

Don Juan ficou por alguns instantes perdido como num sonho, depois passou a mão pela testa e disse com voz inteiramente mudada, suave e lenta, á joven que continuava deante delle, sempre impassivel:

— Ouve... em todas as tuas palavras, Rosario, eu creio, quero crêr. Por tua vez, peço que tenhas confiança nas minhas. Sou bem esse Juan Tenorio, de que me falavas, mas não o cavalheiro alegre e vivo que tu imaginas, sem duvida. Eu soffro, Rosario; todos os meus successos deixaram-me um travo. Eu quereria pousar a minha fronte entre as mãos frescas duma mulher e falar-lhe como á uma irmã. Consentes que vamos nos sentar um momento no banco do teu jardim? Eu respeitar-te-ei, juro, e tenho tanta necessidade, vês, de sentir um coração bater, não contra o meu, mas muito perto delle, como um coração amigo...

Rosario, sem pronunciar palavra, deixou-se conduzir ao jardim. Fazia uma esplendida noite de fim de verão; as arvores, os lagos, os altos tufos de papoulas de pesadas cabeças curvadas, as roseiras cujas flores vermelhas eram como uma flamma cheirosa, todos os vegetaes, emfim, pareciam recolher-se para melhor saborearem as caricias lunares. De todos os lados, no campo, o coalhar das rãs parecia carrilhões de campanario cristalinos.

Don Juan e Rosario sentaram-se no banco. Por muito tempo, com a cabeça castamente inclinada para a joven, o seductor falou... Falou do seu passado e de suas aventuras, de sua existencia sumptuosa e desolada, de sua solidão — só tinha como amigo, esse creado astucioso e entromettido — do vasio de suas paixões e da grande fadiga de sua alma.

Rosario, a pequena estalajadeira nem tudo comprehendia, mas ouvia a voz magica de don Juan. De repente, explodiu em soluços e lançou-se sobre o peito do rapaz.

— Juan, Juan, gritou ella nervosamente, não sei o que se passa em mim. Tua presença, o som da tua voz perturbam-me, embriagam-me... amo-te, Juan...

Tenorio, a principio attonito, sentiu ganhar-lhe immensa decepção. Sempre, sempre, seria victima do feroz desejo?

Seu bello semblante, ha pouco calmo e socegado, crispou-se. Desatou os dois braços macios e frescos com que Rosario lhe enlaçava o pescoço, depois, sem uma palavra, entrou no albergue, jogou a capa sobre os hombros, tomou o chapéo, pendurado na parede e tornou pela estrada branca de luar.

E emquanto Rosario, a millesima quarta amorosa, ficava estupefacta na soleira da casa, don Juan afastava-se, e, de sobr'olho franzido, os labios finos crispados de ironia, remoia, como se morde uma flôr entre os dentes, a amargura de sua ultima illusão perdida.

POEMA IMPOSSIVEL DE SAUDADE

A tarde morre
Bem devagarinho...
A praia deserta, o céo,
O horizonte infinito,
Tudo muda,

Tudo vae ficando differente...
O meu corpo é quasi inerte.
(Apenas a respiração muito forçada
E uma vez por outra
Um longo suspiro: uma magoa louca e sem explicação.)
Mas a minh'alma,
Ás vezes pequenina,
Sumidinha,
Envolve agora toda a natureza.
Envolve o mar, o céo, a praia... tudo!

Correndo
Pulando
Saltando,
Numa ansia louca,
Num afan louco, sem descançar.

E o meu corpo,
Menino impossivel
Que tudo quer, que tudo imita,
Sente um desejo immenso
De abraçar, de dominar
Todo o espaço, todas as coisas infinitas!
. . . .
Um ansia louca de sonhar!...

DANILO LÔBO TORREÃO

ONDE A FELICIDADE?

A. Marrocos de Araújo

NA mesa estreita de um *bar*, onde um *garçon* servia a cerveja espumante, o Pinto, meu velho companheiro, fazia o elogio da vida do medico.

— Não póde haver melhor carreira. E' rendosa e independente. Reune o util ao agradavel. Eu, si ainda me fôra possivel estudar, iria formar-me em medicina. Só então seria feliz.

Articulava ainda as ultimas palavras, quando, apressadamente, se aproxima de nós o dr. Monteiro, medico, gritando para o *garçon*:

— Um *cognac!*

Notava-se pela sua physionomia que alguma coisa o contrariava. Estava pállido, tremulo, inquieto. E antes que lhe dirigissemos qualquer pergunta, começou elle a falar com palavras entrecortadas, visivelmente emocionado:

— Si lhes contar o que me aconteceu hoje... Estava em casa a lêr, quando recebo um telephonema do Mario Pontes, que vocês conhecem, chamando-me com urgencia á sua residencia.

Cinco minutos depois, tomava o automovel, que, velozmente, fonfonando, me transportou á sua casa. Recebeu-me elle na sala. Estava pállido, desfigurado, com os cabellos crescidos. Cumprimentou-me e começou a falar: " — Dr. Monteiro, resolvi chamál-o hoje, como ultimo recurso, para tentar ainda uma vez salvar a vida da minha filha. Ha trinta dias arde em febre. Já chamei todos os clinicos da familia. Nenhum conseguiu, apesar do esforço que empregaram, debellar a doença que lhe mina a saúde, dia a dia."

"E, depois que terminou a exposição da molestia, que ameaçava arrancar á vida o seu rebento querido, apparece na sala, banhada em lagrimas, a sua mulher, d. Armida, exclamando:

" — Dr., tenha pena de mim. Salve a minha filhinha. Meu Deus, que soffrimento! Era tão rosada, alegre, cheia de vida, e hoje está tão pállida, magrinha, com os ossos a furar a pelle.

Dr., faça tudo que fôr possivel para não deixar morrer aquelle meu anjo!"

"Fiquei atarantado, perturbado, com aquellas exclamações. Conduziram-me ao quarto, onde estava a criança.

Num leito, entre alvos lençóes, quedava um corpinho definhado, com labios descorados. A febre queimava-lhe a pelle. Depois de um exame detido, meticuloso, dei-lhe uma injecção e expuz o methodo de tratamento a ser observado.

"Retirei-me dizendo que, si a pequena peorasse, poderiam chamar-me, que viria com urgencia.

"A' tarde, já me estava apromptando para voltar á casa do Mario, quando um automovel fonfona á minha porta. O *chauffeur* chamou-me e disse-me que a pequena estava morrendo e que o Mario pedia que eu chegasse lá, sem perda de tempo.

"Tomo o carro e, quando me aproximo da casa, ouço um choro convulsionado. O pobre Mario recebeu-me á porta, com as mãos na cabeça, quasi sem poder articular uma palavra, voz embargada pelo pranto. Com difficuldade, conseguiu dizer-me:

" — E'... tarde... dr... Monteiro... Morreu... ha pouquinho..."

"Estendi-lhe a mão e abracei-o, externando meus sentimentos de pesar. Sahi.

Aquella scena enlutou-me a alma.

"Eu, meus amigos, si tivesse dinheiro, nunca mais clinicaria. Decididamente, não ha peor carreira do que a do medico!..."

* * *

E, gritando:

" — *Garçon*, repete o *cognac!*" — retirou-se.

Então, voltando-me para o Pinto, que estava muito triste, disse:

— Viste? Que tal a vida de medico?

E, pondo-lhe a mão no hombro:

— Amigo, na terra não ha felicidade completa.

A COMEDIA POR THESE

De Maurice Dekobra

O autor de "O estrangulado" assistia ao ensaio do ultimo acto de uma de suas comedias. Tinha uma confiança absoluta no effeito dramatico da penultima scena, isto é, no encontro do banqueiro arruinado com o noivo de sua filha Odette.

Os protagonistas passavam das palavras aos factos, e, num paroxismo de odio, se pegavam e se esbordoavam como dois carregadores, rolando pelo chão e lutando furiosamente sob os olhos cheios de lagrimas de Odette, que se havia afastado para um canto do aposento.

No terceiro ensaio, o autor, de pessimo humor, voltou-se para o director de scena, e disse-lhe:

— Repare como se agarram!... E' uma tolice: ali não ha vida. O fingimento é perfeito, é notavel!... Farão rir o publico e assassinarão minha comedia.

— Diga!...

— Creio que será necessario estudar perfeitamente esta scena, si não quizermos um desastre.

O director, que é um homem pacifico e franco, responde:

— Parece-me que o senhor tem razão. Como poderemos sanar essa passagem

— E' preciso encontrar uma solução!

— Perfeitamente: conheço, como a palma de minha mão, Tolosa, o campeão da cintura de ouro de 1907...

— E...?

— ... pedir-lhe-ei que inicie Sargasse e Moulinet nos conhecimentos da luta romana e no pugilato.

— A idéa não é má. E quanto mais depressa comece, melhor.

No dia seguinte, do theatro dos "Pequenos Deuses" chegou Tolosa. Chegou no momento exacto em que começavam os ensaios da scena mater da comedia por these.

Observou, mudo, calado, como todo aquelle que se dispõe a recolher argumentos de critica. Depois exclamou, de repente:

— Isso não!... Parece mais um assalto de jiu-jitsu entre um tártaro e um cochinchino, do que luta romana. O publico protestaria... Que significam essas palmadas insignificantes; essas pernadas de collegiaes jogando uma partida de *football*, e essas pancadinhas de solteirona hysterica que perdeu toda a esperança de conquista?

Tolosa falou com eloquencia em prol do sport favorito dos banhos e gymnasios da velha Roma...

Depois de mil e um argumentos, se combinou que Sargesse, o banqueiro arruinado, e Moulinet, o noivo de Odette, ensaiariam todas as manhãs, durante duas horas, todos os golpes inventados e por inventar da luta romana...

Durante uma semana, todas as coisas continuaram em seu logar: os dias succediam-se, invariavelmente, com suas vinte e quatro horas e sua respectiva noite astronomica. Apenas os personagens centraes de *O estrangulado* haviam variado, por isso que conheciam perfeitamente todas as regras licitas e prohibidas da luta...

* * *

Afinal, chegou a noite do ensaio geral. O publico precipitava-se no theatro, dando a impressão tácita de que ali ia occorrer alguma coisa... Agradavel?... Desagradavel?... Colossal?... Microscopico?... *Chi lo sa!...*

Os criticos chegavam aos grupos, attrahidos pelo complicado e profundo labyrintho psychologico de *O estrangulado*. Muitos delles, aboletados em suas poltronas, preparavam as estylographicas (algumas das quaes ainda não estavam pagas) para a redacção do juizo final.

O primeiro acto começou e terminou sem accusar nenhum accidente catastrophico.

O segundo, idem, idem...

Não é preciso dizer que para o joven autor a acceitação ou recusa daquella obra tinha uma significação algo semelhante á vida ou á morte. Assim, o autor, nervoso, e o director, inquieto, trocavam olhares bem expressivos. As palavras que se cruzaram foram contadas: ninguem que as houvesse escutado saberia dizer si eram de esperança ou desespero.

(*Continúa na pagina seguinte*)

A COMEDIA POR THESE

(Conclusão)

— Parece-me que isto não entra nem a canhão!

— Não desespere. Esperemos o terceiro acto. O exito ha de vir...

O velario foi descerrado. Começava o terceiro acto. Desde as primeiras scenas, o joven autor parecia respirar melhor, com mais animo. Tudo marchava magnificamente. O publico vibrava de emoção. A cada momento a sala rebentava em applausos:

— Soberbo! ... Formidavel! ...

O joven autor jamais sonhára com um successo daquelle tamanho... E os applausos e as exclamações continuavam.

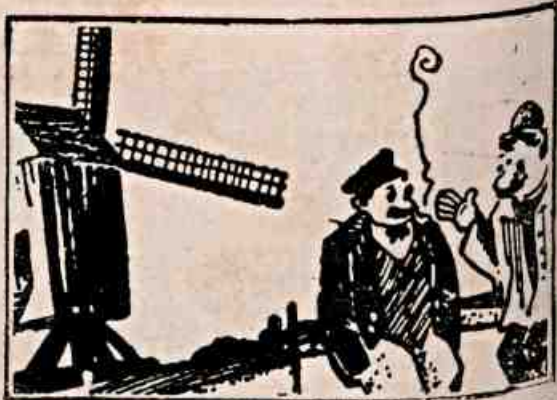
Agora, Sargasse, o banqueiro arruinado, e Moulinet, frente a frente e com o cenho franzido, atacavam a scena capital... O dialogo desenvolvia-se ás mil maravilhas. Não havia a menor duvida: a exaltação entre os dois homens ia produzir um effeito que faria época.

Ali estão, um deante do outro, olhando-se ferozmente. Observam-se dos pés á cabeça, ameaçadoramente... Tudo aquillo parecia o preludio de uma tempestade de nervos...

Sargasse levanta-se, de repente, de sua secretaria, e, com olhos terriveis, contempla o noivo de sua filha. Depois ergue os punhos no ar, executando uma serie de ameaças... Novamente os dois se olham e... Sargasse cáe sobre Moulinet como si fosse um felino...

A batalha começa... Agora ali estão em um corpo a corpo... Moulinet cáe ao chão: os musculos de seu rosto se contrahem de tal fórma, que falam com eloquencia dos esforços que realiza para que o pae de sua noiva não o vença.

Odette levanta-se da poltrona em que estava sentada e se approxima, pallida e desconcertada, tremendo qual humilde folha arrastada pelo vendaval das paixões, até o centro do scenario onde seu pae está engalfinhado com seu amado... Espera as palavras do ponto. Este grita pelo baixo: "Estás vencido, miseravel, mão pagador, canalha!..." São palavras que Salgasse deve repetir, coroando seu triumpho sobre o pretendente de sua filha.

Mas, de repente, os papeis se invertem, porque Moulinet, depois de um violento golpe de cintura, cahiu

— Homem! Não tinhas dois moinhos neste terreno?
— Sim, mas como o vento anda escasso, agora, derribei um, para que o outro aproveite todo o que existe...

Sobre o pae de Odette. Sargasse roda pelo soalho, mas fazendo grande esforço para não se deixar dominar por seu adversario. Scenas rapidas... Golpes estrepitosos...

Em seu camarote, o joven autor se agita, presa de convulsões... Que significa aquella mudança de golpes que retarda o desenlace da comedia?... Levanta-se, febril, e corre para o camarote de Tolosa, que, com sua figura de Hercules, o enche completamente.

— Tolosa, que diabo estão fazendo esses dois imbecis?... — pergunta o autor, desesperado.

— Ora... brigando!

— Mas, eu não escrevi isso!...

— Então, para que me mandou chamar?

E, sem perder de vista seus alumnos, Tolosa continúa, enthusiasmado:

— E' interessantissimo, querido amigo! Eu tinha a certeza de que elles se apaixonariam por esse nobre sport!...

Subito, o grito agudo de uma mulherzinha loira — Odette, a filha do banqueiro arruinado e noiva de Moulinet:

— Mas olhem: estão lutando de verdade! Esplendido!

Uma sonora gargalhada chega até os ultimos recantos do theatro. Os jovens da platéa e das torrinhas e alguns soldados licenciados começam a applaudir enthusiasticamente:

— Agora, Leão!

— Cuidado com o directo na nuca!...

— Agora, Leão!

— Coragem, Moulinet!... Não te afflijas por Odette! Eu tratarei della!...

Odette, a noiva infeliz, que espera o desenlace da luta, resolveu sentar-se e contemplar tranquillamente aquella exhibição de pugilato e luta havaiana...

Os criticos furiosos, os criticos que não brincam com as theses, as senhoras espantadas, as familias que estão quasi perdendo o ultimo carro da Metro, sahem correndo, protestando.

Os amantes do sport, os melhores amigos do autor, que vibram de alegria, ficam applaudindo os que ainda continuam lutando... São doze e meia da noite...

Lá dentro, afundado em um sofá da directoria, está o autor, completamente sem sentidos...

Algumas pessôas caridosas fazem-no aspirar ether e saes inglezes...

— Que lindo, mamãe!
— Que, filhinha?
— Alli está uma cabra que mandou frisar os chifres.

: : : NOITE DE FANDANGO : : :

Os torsos altivamente imperti-gados uns deante dos outros, os pés ageis que sapateavam no solo da praça, bruscamente immobili-zaram-se com a ultima nota do fandango. E os braços alçados, cahiram ao longo das ancas. En-tão, Dominica abriu o leque pin-tado com uma corrida de touros vermelho e oiro, e o Basco esfo-guseado, de rosto raspado que, du-rante toda a noite, saltára deante della, ao rythmo endiabrado da musica, lançou-lhe em tom baixo, rouco imperioso um: "Até logo, Dominica, vou esperar-te atraz da capella do ermita."

As grandes palpebras azuladas de Mominica bateram duas vezes e ella fez "sim" com a cabeça, abanando-se de vagarinho.

E, como já lhe voltasse as cos-tas o rapaz, deixou o baile, onde as lampadas electricas presas ás folhagens dos platanos faziam brilhar seus negros cabellos lisos e, caminhando a passos rapidos embrenhou-se pelo atalho cheio de pedras que conduzia á sua casa solitaria.

A noite estava quente e tão luminosa que, com quanto não houvesse lua, distinguia-se a for-ma da rapariga, na encosta da montanha.

Dominica pensava no Basco que caminhava tambem, pela monta-nha, para ir esperal-a no logar do encontro. Ella o revia na partida de pelota dominical, com o braço alongado pela *raquette* de palha que elle dirigia para o trajecto da pequena bola sibilante com o fim de colhel-a no vôo e tornar a jo-gal-a de encontra á parede branca do frontão.

Em breve, o Basco agil e mus-culoso ia apertal-a nos braços! Um calafrio voluptuoso percorreu a carne de Dominica. O tempo de su-bir até á casa, afim de afastar suspeitas do irmão. Batita que a espreita com tal zelo que finge deitar-se... Depois ella desceria pelo mesmo caminho para ir ao encontro do amante...

Algumas pedras rolaram atraz de si e ella voltou-se. A sombra dum homem surgia no caminho.

Eh! Batita, que eu não te havia visto, quando sahi. Pensei que já estavas em casa e receiava que não me esperasse para te deitares.

O homem, sem responder, conti-nuou a subir o caminho e, vendo que elle estava de máu humor, Dominica calou-se. Deram alguns passos em silencio, depois reconhe-ceram o ruido da cascata que saltava das rochas.

A casa delles era alli, baixa, es-condida sob as duas grandes aza-negras do telhado.

A joven entrou seguida do ir-mão que pousou a lanterna sobre a mesa da casinha.

— Boa noite, disse ella logo, pois tinha grande pressa em reu-nir-se ao amante, vou deitar-me, dansei muito!

E galgou a estreita escada que conduzia ao seu quarto, por cima da cocheira.

Bateu a porta, poz-se immovel, de orelha alerta, esperando que Batita fôsse deitar-se. Um quarto d'hora passou.

Os animaes, em baixo, reme-xiam-se na cocheira... a fonte, ao longe, dava saltos sobre as ro-chas. Um grillo cantava no muro: "Dorme", disse Dominica, quasi alto, pois experimentava forte ale-gria com a idéa de poder escapar, finalmente. Jogou sobre os hom-bros a capa preta, com medo do frescor da madrugada, escondendo os cabellos sob uma mantilha.

: : : D E J E A N M O U R A : : :

Depois lentamente, devagarinho, abriu a porta... mas logo que deu volta á chave, a porta cahiu sobre ella com tal violencia que recebeu uma grande pancada no peito e cambaleou, dando um grito.

Batita havia entrado no quarto. Fechou a porta, poz a chave no bolso e partiu para o joven. Cerrou os queixos e ella teve tanto medo que gritou protegendo o rosto com o braço: "Batita!"

Elle agarrou-a pelos hombros com tal brutalidade que ella cahiu de joelhos, e lançou-lhe em basco, o insulto que se dirige ás raparigas que vendem o corpo.

Depois, elle deu uma ordem que a fez urrar de horror e arrastar-se a seus pés.

Alguns instantes mais tarde, pelo caminho da montanha desciam a mantilha e a longa capa negra da amorosa.

Sua passagem, era rapida, levada por lufadas ligeiras e a vegetação de entre os rochedos, segurava o fugidio manto de lã, como si a montanha quizesse prender aquella que ia ao encontro do amante.

A fórma negra nem desceu até a aldeia. Ao contrario, de repente subiu a encosta da montanha e o caminho tornou-se ainda mais aspero, mais emmaranhado. Todas as plantas agarravam. Depois, bruscamente cahiu a noite, as estrellas não mais brilhavam. Immoveis carvalhos exhibiam a sua ramaria negra.

As hervas murmuravam!

— E's tu, Dominica?

E dois braços musculosos cruzavam-se sobre a capa negra.

O corvo que, havia muito pairava no céo, acabava de cahir sobre o cadaver do montanhez que jazia ao fundo dum barranco, quando o manto negro retomou o caminho através a montanha para voltar á casa solitaria.

Agora, ella não era tão rapida e a cabeça pendia sob a mantilha...

E ás apalpadelas, subiu a escada que conduzia ao quarto. Deu volta á chave que ficára na fechadura... Então uma fórma lançou-se sobre elle, rugindo:

— Miseravel, miseravel, mataste-m'o!

A' luz da lanterna collocada sobre a mesa, Dominica, semi-nua e feroz, olhava o irmão que a havia despojado da casa e da mantilha para, disfarçado nellas, ir ao encontro de seu apaixonado. Depois de uma luta selvagem, elle prendeu-o no quarto e ella adivinhou a vingança que premeditava o irmão, cioso da honra da familia.

A joven continuava a vociferar.

— Mataste-m'o, mataste-m'o! Miseravel! Assassino!

Elle tirou então uma faca que trazia escondida, debaixo da capa.

— A justiça está feita, disse elle, pousando a faca sobre a mesa.

Fez-se uma grande mancha de sangue que a luz amarellada da lanterna descoloria.

Horrivel pensamento atravessou o cerebro da moça e um grito estridente partiu-lhe da garganta:

— Ladrão! Ladrão!

Ella jogou-se sobre elle.

Queria esbofeteal-o, mordel-o, estrangulal-o. Para melhor enganar o Basco, Batita havia se servido de sua capa e sua mantilha. Sentindo-se ferido, o amante teria julgado que era ella quem o matava!

Batita repelliu-a brutalmente e ella foi cahir sobre o leito batendo com a cabeça na madeira. Então, sem mesmo lançar-lhe um olhar, elle partiu. Agora elle podia dormir em paz.

Dominica não fugiria mais de casa.

PALAVRAS SUPERFLUAS...

GERVASIA, ao lado de Ricardo, adormecido, observa-o. Nenhuma outra luz no grande quarto delles, senão a que vem de fóra — luz do lindo luar de verão que fazia e que se espalha sobre a terra. Não é a primeira vez que ella assim observa seu amante. Sempre atacada de insomnia, ella aproveita suas longas vigilias a apreciar seu somno calmo de homem e gosta de contemplal-o, na penumbra, com a sua physionomia franca, desprovida de qualquer mascara, na sua inconsciencia de ser visto.

Ha algum tempo, passava-lhe pela mente uma impressão fugidia: "Com quem se parece elle?"... Depois, isso desfez-se, como uma pequena vaga sem importancia que tivesse rolado, sem rumor, na praia immensa de immensa felicidade em que, já ha mezes, ella propria se sente arrastada por uma onda maravilhosa.

Nessa noite, de repente, voltou-lhe aquella impressão: "Mas quem é que elle me faz lembrar?"...

Envolve-o num exame agudo, intenso, demorado. Aquelle rosto, tão alvo, cheio de carne sadia e pelle macia... A curva do queixo a sahir até os maxillares estreitos e bem delineados. A linha da fronte a accusar uma cabeça bem feita, de cabellos castanhos e sedosos.... E nesse quadro de ossatura fina, os traços: duas orbitas muito cavadas, onde a palpebra, pequena e bambeada, esfumada em azul, toma, quando em repouso, um ar de inexprimivelmente triste.

Gervasia vê moverem-se os cilios duros por força das imperceptiveis contracções da pelle. E esse ligeiro e perpetuo movimento empresta, tambem elle, aquelle recanto cerrado e mysterioso da vida, um aspecto de inquietação. O pequeno nariz, direito — um nariz feminino — respira docemente pelas suas narinas, de impecacavel desenho. Sob o seu delicado e fino bigode, que não vae até as commissuras, a bocca, um pouco grande, apresenta labios iguaes, de uma carnação medea e delicada, sem rugas cortantes. E' terna, indecisa e um tanto ironica. Mesmo durante o somno, ella se retorce, ás vezes, para a direita, num gesto de estranha ironia.

— Com quem se parece elle? — repetia Gervasia, obstinada, desta vez, em acertar. Sim... Elle se parece com alguem, unicamente quando está a dormir e quando faz esse mesmo gesto, repuxando um pouco a bocca... Mas, com quem?... com quem?...

Então, lentamente, como um fantasma que se condensasse e tomasse feição concreta, um nome e uma pessôa lhe surgem do fundo do passado.

— Oh! — murmurou Gervasia, estupefacta: é Jorge! E' com Jorge que elle se parece!...

Gervasia, por occasião da guerra, tinha dezoito annos apenas. E, no delirio desse momento, casou-se, um tanto apressadamente, com um rapaz tão criança quanto ella. Elle rompeu aquelle cyclone de horror durante trinta mezes. Ao completarem-se trinta e um de campanha, Gervasia estava viuva de Jorge Hermeret.

Tão pouco o tivera na intimidade que não chegara a se familiarizar com os detalhes da sua physionomia. Quatorze annos depois, um trabalho de memoria secreta lhe mostra em Ricardo, cuja maturidade conserva tal juventude, o reflexo desse marido que passou, fugaz, pela vida — esse primeiro marido quasi menino, em cuja physionomia ainda se não haviam precisado as linhas masculas do homem.

Menina, tambem ella, amou-o e, como menina, logo o esquecera, sem que o seu desapparecimento lhe tivesse despertado grande soffrimento.

Si a Ricardo é que ella veiu amar como mulher, com os seus sentidos, seu coração, sua alma. Desde, porém, que ella recordou e disse: "E' Jorge!...", que o fita melhor, relembra detalhes, confronta traços. Depois, satisfeita, sorri, depõe um beijo na testa de Ricardo e consegue adormecer, já livre do pequeno enervamento da sua obsessão.

Ao amanhecer, e nos dias seguintes, dominava-a o espanto da sua descoberta e é Ricardo quem lhe diz, de repente:

— Quererás dizer-me, Gervasia, em que vives a pensar?

— Penso que te pareces com alguem...

— Não tenho a pretenção de ser um especimen unico!

— Sim... mas com ai-

Sanne Leuba

quem com quem já dormi!...

— Gervasia!

Ella ri.

— Ah! Ah! Tanto procurei, durante tempos, com quem te parecias, que acabei me lembrando!...

— Realmente? E com quem é?

— Com o Jorge?

Ricardo arregala os olhos.

— Jorge?

— Sim, querido. O meu primeiro marido...

— Ah! Hermelin... Herme...

— Hermeret.

— Isso mesmo. Elle tinha vinte annos e eu tinha quarenta e dois!

— Isso não vem ao caso... O typo... esse, sim. Tu e elle se parecem de uma maneira fantastica!

Ricardo fica um tanto pensativo e um tanto enervado. Depois diz:

— E o sr. Thierret também se pareceria commosco?

Gervasia distende o olhar pelo mundo das suas recordações, a evocar a imagem do bruto de quem a lei, ha tres annos, a separara.

— Não! De modo algum... Nada de commum!

E accrescenta, espantosamente confusa, sem bem saber o que dizia:

— Além disso, eu só amei a vocês dois.

— Comprehendo, disse Ricardo: é o typo...

E foi o "desastre". Um desastre muito simples. Desde esse dia, o crystal imponderavel não vibra com o mesmo som. A ligeira ruptura nelle verificada não é senão um pequeno risco de diamante, mas foi isso bastante para alterar sua harmonica e pura vibração.

Para Ricardo, Gervasia já não é aquella que o escolheu e amou — a mulher em pleno conhecimento da vida e do dom de si mesma. Mudou o calor das caricias. A alegria do coração já não tem aquelle antigo colorido. O orgulho do homem amado, do homem eleito, já não a banha no oiro da sua ardente e zelosa chamma de amor. Humilhado, elle tem a impressão de ser um reflexo, uma recordação viva dos primeiros amores de sua amante — um Hermeret aperfeiçoado...

E na alma de Gervasia faz-se um mesmo trabalho. Ella substituiu a angustia, a afflicção de saber com quem se assemelharia Ricardo pela angustia de se indagar se não seria victima de uma absurda suggestão do subconsciente; se a memoria profunda não teria, ha muito tempo, reconhecido os traços de Jorge e, acquiescido, antes della mesma, áquella união...

E procura analogias moraes, intellectuaes, buscando penetrar no abysmo do passado...

A paz quotidiana perturba-se, de vez em vez, com pequenas desintelligencias e discussões ociosas, um tanto amargas... A poeira dos dias encobre a "cicatriz", a fenda aberta no crystal, e que se torna escura...

Uma noite, Gervasia, levianamente, mergulha nos seus pensamentos, chama "Jorge" a Ricardo. Elle, que a beijava, no momento, recúa, afasta-se para o outro lado da cama, sem uma palavra, sequer não respondendo ao que ella lhe diz com a bocca crispada e os olhos fixos na sombra. Gervasia tenta rir, para disfarçar, e é peor. Chora, depois, e é tudo inutil. Sacode-o pelos hombros. Zanga-se. Roga. Noite funebre.

Tudo acabou. Não haverá mais nenhuma salvação para esse amor que tão fragil tolice matou. E ninguem poderá impedil-o de morrer porque nada mais poderá eliminar desses amantes que se amam verdadeiramente o corrosivo veneno de uma palavra superflua...

A menina — Desculpe-me, Pedrinho. Esqueci-me de convidar-te para o pic-nic de amanhã. Mas, queres ir?

Pedrinho, (offendido) — Agora é tarde. Já pedi a Deus que mande, amanhã, um aguaceiro.

O Dedo pollegar

Sherlock Holmes

Entre todos os problemas submettidos ao meu amigo Sherlock Holmes durante os annos da nossa intimidade, apenas dois lhe foram indigitados por mim: o que dizia respeito ao dedo pollegar do engenheiro Hatherley, e o que se referia á loucura do coronel Warburton. Este ultimo é sem duvida o mais interessante para um espirito tão observador como o era o seu, e todavia, é tão singular o primeiro nos seus primordios, tão dramaticos os pormenores, que merece a pena de ser relatado, comquanto o meu amigo não houvesse encontrado ensejo de empregar nelle o conjuncto das suas portentosas faculdades de analyse. A historia foi reproduzida nos jornaes, mais de uma vez; como, porém, succede sempre, uma simples local impressiona menos o leitor, do que uma série de factos desdobrando-se a seus olhos e desvendando a pouco e pouco o mysterio que os envolvia. Os pormenores deste caso produziram, nessa data, funda impressão no meu animo e dois annos decorridos não bastaram para attenuar-lhe o effeito.

Deu-se o facto durante o verão de 1889, pouco tempo depois do meu casamento. Voltára eu a tomar conta da minha clientela civil, e havia-me finalmente apartado de Holmes, que continuava a residir em Baker-Street, onde eu ia vel-o ameúde; havia conseguido, até, que elle perdesse um tanto os seus habitos de bohemio, a ponto de vir por vezes á nossa casa. A minha clientela augmentava constantemente, e como eu residisse perto da estação de Paddington, contava alguns clientes entre os empregados do caminho de ferro. Um destes, a quem eu havia curado de uma longa e dolorosa enfermidade, era incansavel em entoar-me louvores e extremava-se em me enviar todos os doentes sobre os quaes dispunha de alguma influencia.

Um dia pela manhã, um pouco antes das sete horas, veiu acordar-me a criada, batendo-me á porta para me participar que estavam á minha espera no consultorio dois individuos da estação de Paddington. Vesti-me á pressa, consoio, por experiencia, de que os ferimentos dos empregados eram gravissimos muita vez.

No momento em que eu descia a escada, sahia do meu gabinete o conductor de comboio, meu velho amigo, fechando cuidadosamente a porta atraz de si.

— Elle ali está, segredou, apontando para o aposento de que acabava de sahir, e não foge.

— Quem? perguntei eu, porque os modos do meu interlocutor parecia denotarem um mysterio.

— E' um novo doente, segredou. Eu proprio quiz trazel-o, pois que assim o tinha mais seguro. Está ali e não ha que recear que fuja. Agora tenho que me retirar. Vou dar ordem á vida, como o doutor.

E afastou-se, sem me dar tempo de lhe agradecer.

Entrei no meu gabinete e encontrei-me com um individuo sentado ao pé da mesa. Trajava com simplicidade um fato completo de côr esverdeada, e puzera o bonet de panno em cima dos meus livros. Trazia embrulhada uma das mãos num lenço, todo elle manchado de sangue. Com respeito á edade, vinte e cinco annos, quando muito. O rosto, masculo

do Engeheiro

Por Conan Doyle

em extremo e muito falto de côr, produziu-me a impressão de um homem abalado por violentissima commoção.

— Sinto incommodal-o a semelhante hora, sr. doutor, disse elle, mas succedeu-me esta noite um desastre muito sério. Cheguei agora mesmo no comboio da manhã, e perguntando por um medico, em Paddington, deparei com uma bôa alma que se prestou obsequiosamente a acompanhar-me, á sua casa. Entreguei o meu bilhete á criada, mas vejo que o deixou em cima da mesa.

Peguei no cartão e li: Victor Hatherley, engenheiro hydraulico, 16, A. Victoria Street, 3.º andar.

— Sinto havel-o feito esperar, redargui, sentando-me. Fez a viagem de noite, coisa um tanto monotona, não é verdade?

— Ah! Lá quanto a isso não posso dizer que fosse monotona a minha noite, respondeu, a rir, com riso nervoso que o punha todo numa convulsão.

Querendo sustar uma crise, cuja imminencia antevia, exclamei:

— Basta! Socegue!

E enchi lhe um copo de agua.

Mas foi debalde. Não pude atalhar um violentissimo ataque de nervos, um desses ataques de que se não acham isentas as mais energicas naturezas em seguida a um grande abalo. Por fim, acalmou-se, mas ficou abatido e um tanto envergonhado.

— Portei-me como um homem fraco, disse elle, offegante.

— Qual!... Beba!...

Deitei na agua umas gottas de cognac e acto continuo vi assomar-lhe ás faces exangues alguma côr.

— Isto vae melhor! affirmou. E agora, se quizesse ter a bondade de tratar do meu dedo pollegar, ou antes do sitio em que elle existia?

Desatei o lenço, descobrindo a mão, e ao ver a ferida, estremeci, a despeito do sangue frio adquirido por longa pratica. Restavam-lhe apenas quatro dedos, e no sitio do pollegar existia somente uma superficie vermelha e esponjosa de aspecto medonho. O pollegar fôra cortado ou arrancado cérce.

— Santo Deus! exclamei. E' um ferimento horrivel. Deve ter sangrado immenso!

— Muito, sem duvida. Com o golpe até desmaiei, e supponho que permaneci por muito tempo sem dar accordo de mim. Quando recuperei os sentidos, sangrava muito. Apertei então quanto pude o lenço em redor do pulso, e atei-o com o filamento de uma planta.

— Está obra perfeita. Merecia ser cirurgião.

— Aprendi-o no decurso dos meus estudos para engenheiro. Entra na minha especialidade.

— Esta ferida deve ter sido feita por um instrumento pesadissimo e muito afiado, observei, depois de havel-o examinado.

— Foi. O instrumento era semelhante a um cutelo de açougueiro.

— Foi um desastre, não é assim?

— Não, senhor.

— Como! Um attentado?

— Exactamente.

— Mas isso é horrivel!

(Continua na pagina seguinte)

Molhei-lhe a ferida, limpei-a, pensei-a, isto é, envolvi-a em algodão e liguei-lhe a mão com ligaduras phenicadas. O meu paciente permaneceu todo o tempo reclinado na cadeira, sem se mexer; notei, porém, que mordia os beiços frequentes vezes.

— Como se sente? perguntei-lhe depois.

— Muito bem. O seu cognac e o curativo fizeram de mim outro homem. Sentia-me fraco quando aqui cheguei. E' que eu passei um mau bocado!

— Não falemos nisso, para lhe não excitar os nervos.

— Já estão mais socegados. E dahi, tenho que contar a historia á policia. Todavia confesso-lhe que, a não ser o testemunho evidente da minha ferida, não me acreditariam o depoimento, tão extraordinario é e tão destituido de provas. E no caso de quererem proceder a um inquerito, as indicações que tenho para dar são tão vagas que duvido muito que me possam fazer justiça.

— Ah! exclamei eu, si o caso envolve um problema que deseja ver resolvido recommendo-lhe instantemente que venha commigo a casa do sr. Sherlock Holmes, meu amigo, antes de appellar para a policia official.

— Já ouvi falar nesse sujeito, e muito estimaria entregar-lhe o meu negocio, comquanto eu, já se vê, tenha ainda que recorrer á policia. Se quizesse dar-me duas linhas de recommendação para esse senhor?

— Farei mais. Eu proprio o acompanharei á casa delle.

— Ficar-lhe-ei immensamente grato.

— Vamos tomar uma carruagem. Chegaremos á hora propria de almoçar com elle. Convem-lhe?

— Com a melhor vontade. Não socego emquanto lhe não contar a aventura.

— Muito bem. A minha creada vae chamar uma carruagem. Conceda-me um instante; volto já.

Subi ao meu quarto, expliquei em duas palavras o caso a minha mulher, e dahi a cinco minutos, ia rodando em um carro, com o meu novo cliente, em direcção a Backer Street.

Sherlockk Holmes, conforme eu suppunha, estava a matar o tempo na sua sala, embrulhado no robe de chambre, a ler as columnas de annuncios do *Times*, e fumando a sua cachimbada antes do almoço, cachimbada que era um composto de residuos e sobejos da vespera, postos a enxugar com o maximo cuidado e amontoados no canto da chaminé. Recebeu-nos com a costumada affabilidade, encommendou um supplemento de bifes de grelha e de ovos, e comeu-os comnosco com grande appitite.

Quando acabamos, accommodou o nosso hospede em um sofá, poz-lhe uma almofada debaixo da cabeça, um copo de agua com uns pingos de cognac ao alcance da mão, e disse-lhe:

— Vejo que não foi banal a sua aventura, sr. Hatherley. Estenda-se para ahi, e faça de conta que está em sua casa. Fale, se as forças lh'o consentem, mas páre, mal se sentir fatigado, e vá reanimando as forças com o auxilio deste estimulante.

— Obrigado, respondeu o doente. Sinto-me outro, desde que o doutor me pensou a ferida, e creio que o seu almoço completou a cura. Desejo abusar o menos possivel do seu tempo, tão precioso e entrarei, desde já no assumpto.

Sentou-se Holmes em ampla poltrona, semi-cerrados os olhos, e assumiu aquella sua attitude quebrantada, que tanto contrastava com a sua indole viva e animada. Sentei-me defronte e silenciosos, escutamos a singular narrativa do sr. Hartheley.

— Convem que saibam que sou orphão e solteiro. Moro sozinho, em Londres, num aposento mobiliado. Exerço a profissão de engenheiro hydraulico, e adquiri bastante experiencia durante os sete annos de aprendizado que tive em casa de Venner e Matheson, firma muito conhecida de Greenwich. Concluia eu o meu tempo, ha dois annos, quando a morte de meu pae veiu pôr á minha disposição meios sufficientes para me estabelecer por minha conta. Nessa conformidade aluguei um escriptorio em Victoria Street.

"E' sempre difficil a estréa em negocios, mas com certeza tive que lutar com maiores difficuldades que outro qualquer. Pelo espaço de dois annos bem contados apenas me appareceram duas consultas e um trabalho de pouca importancia. Eis quanto me tem produzido a minha profissão. Durante este lapso de tempo, os meus rendimentos liquidos montaram a vinte e sete libras e meia. Cada dia, das 9 da manhã ás quatro da tarde esperava eu debalde no meu cubiculo os vizitantes que nunca appareciam e já principiava a perder a paciencia e a suppôr que nunca viria a ter clientela.

Mas hontem, no momento mesmo em que me dispunha a sahir do escriptorio, entrou o meu empregado a participar-me que desejava falar-me um sujeito. Apresentou-me um cartão de visita com o nome do coronel Lysander Stark, e logo em seguida vi entrar o proprio coronel.

Era um homem de estatura mais que mediana, mas de magreza tal, como me não recordo de ter visto outro semelhante. O nariz e a barba salientavam-se naquella cara talhada a machado, e a pelle das faces pareciam como que esticadas sobre as maçãs do rosto, accentuadissimas, aliás.

Magreza tão extraordinaria dir-se-ia constituir o seu estado natural, e não ser effeito de qualquer enfermidade, a tal ponto o seu olhar era brilhante, e ligeiro e agil o seu modo de andar. Trajava com esmero, mas singelamente, e apparentava orçar pelos quarenta annos.

— O sr. Hatherley? perguntou com um tal ou qual sotaque germanico. Recommendaram-m'o, não só pela sua capacidade como engenheiro, mas tambem pela sua discreção á toda a prova.

Cumprimentei, muito ufano com a amabilidade, e disse:

— Ser-me-á licito perguntar quem foi que lhe deu tão lisongeiras informações?

— Hum! será melhor, talvez que eu lhe não responda desde já. Soube, da mesma fonte, que é orphão e solteiro, e que vive em Londres sozinho.

— E' exactissimo, retorqui, mas não vejo qual a relação que isso possa ter com os meus predicados profissionaes. Suppuz que viria consultar-me acerca de qualquer questão do officio.

— Sem a minima duvida. E todavia, tornava-se necessario o preambulo, visto que, se tenho necessidade de um individuo da sua profissão, é mistér tambem que elle seja de uma discreção absoluta, *absolutissima*. Creio que me terei feito entender.

Ora, esta qualidade encontra-se mais nos celibatarios do que em homens que vivem no seio da familia.

— Se eu lhe der a minha palavra em como guardarei segredo, respondi eu, póde contar commigo, em absoluto.

Mirou-me fixamente, emquanto eu falava, e estou certo de nunca ter visto olhar mais desconfiado e inquiridor.

— Com que então, promette? disse elle por fim.

— Sim, senhor, prometto.

— Silencio absoluto e completo, antes, durante e depois? Nem sombras de allusão ao assumpto, quer por palavras, quer por escripto?

— Dei-lhe já a minha palavra.

— Muito bem.

Ergueu-se de chofre, atravessou o gabinete rapidamente, e abriu a porta. Não havia ninguem no corredor.

— Optimo! exclamou ao voltar. Sei que os empregados têem por séstro ser curiosos a respeito dos negocios dos patrões. E agora, podemos conversar á vontade.

Acercou da minha a sua cadeira e principiou novamente a examinar-me com o mesmo olhar prescrutador e reflexivo. Senti de subito invadir-me um sentimento de repulsão e direi até de pavor, em presença dos modos singulares daquelle homem esquelético. O proprio receio de perder um cliente não póde impedir-me de manifestar impaciencia. Então, disse-lhe:

— Queira expôr-me o seu caso. O meu tempo é precioso.

Deus me perdôe esta ultima phrase, que era apenas uma mentira; mas sahiu-me sem querer, da bocca.

— Acceitaria acaso sessenta libras por uma noite de trabalho?

— Certamente!

— Quando digo uma noite de trabalho, deveria dizer uma hora. Necessito unicamente do seu parecer a respeito de uma prensa hydraulica que funcciona mal. Se nos fizer ver por onde é que ella claudica, nós mesmo a poderemos concertar. Que responde?

— Que a tarefa me parece facil e magnifico o salario.

— Sou do mesmo parecer. Póde vir esta noite pelo ultimo comboio?

— Posso.

— A Eyford, no Berkshire. E' um logarejo situado nos confins do Oxfordshire, e dista sete milhas de Reading. Sahe de Paddington um comboio que o porá alli ás 11 horas e quinze minutos, aproximadamente.

— Muito bem.

— Irei buscal-o de carruagem.

— Visto isso, fica longe da estação?

— Fica. A nossa casa é num descampado, distante da estação de Eyford sete milhas puxadas.

— Sendo assim não chegaremos lá antes da meia noite, e supponho que não encontrarei comboio que me traga para Londres. Tenho então que passar lá a noite?

— Com certeza. Hospedal-o-emos sem que isto nos traga incommodo.

— Causa-me um certo transtorno. Não seria possivel estar de volta a uma hora mais pratica?

— Não é, e foi exactamente para lhe compensar esse incommodo nocturno que lhe offerecemos ao senhor, ainda moço e desconhecido, honorarios equivalentes aos que poderia exigir-nos uma celebridade da sua profissão. Não obstante, se prefere desistir do negocio, ficará a proposta sem nenhum effeito.

Puz-me a pensar nas sessenta libras esterlinas que cahiam como sopa no mel.

— De modo nenhum, accudi, e folgarei immenso em me conformar com os seus desejos. Não se me dava, porém, de saber mais claramente o que é que de mim exigem.

— Lá por isso não seja a duvida. E' naturalissimo que a promessa que lhe exigimos lhe excitasse a curiosidade. Quero que proceda com absoluto conhecimento de causa. Tem a certeza de que ninguem nos escuta?

— Certeza absoluta.

— Pois então, ouça. Não ignora, sem duvida, que a gréda é um producto valioso e que na Inglaterra apenas se encontra em dois pontos.

— Effectivamente.

— Ha tempos, comprei um pedaço de terreno, pouco importante, a dez milhas pouco mais ou menos de Reading, e tive a sorte de descobrir um jazigo; reconheci tambem que se prolongava pelas propriedades dos nossos vizinhos, tanto para a direita como para a esquerda, e que devia ser muito mais abundante nas terras destes do que nas minhas. Aquella bôa gente ignorava em absoluto que as suas propriedades continham um producto tão precioso, e era naturalissimo que eu, por meu interesse, quizesse comprar-lhes os terrenos antes que elles lhes descobrissem o valor.

"Infelizmente, não dispunha de capital que chegasse. Confiei o segredo a varios amigos, e aconselharam-me a que explorasse muito á calada o modesto jazigo existente nas minhas fazendas, realizando por este meio a quantia necessaria para comprar as dos vizinhos. Foi o que fizemos, e, no intuito de facilitar as nossas operações, adquirimos uma prensa hydraulica.

Ora, esta prensa, conforme lhe disse já, desarranjou-se, e desejamos o seu parecer a tal respeito. Guardamos, porém, o nosso segredo com toda a cautela, pois que se viesse a constar que frequentavam a nossa casa engenheiros hydraulicos, o caso chamava a attenção, deve comprehender, e uma vez conhecida a verdade, lá se ia pela agua abaixo a probabilidade de adquirirmos os terrenos e de levar a effeito o nosso projecto. Eis o motivo por que lhe exigi a promessa de não dizer seja a quem fôr que ia a Eyford esta noite. Espero que me terá comprehendido?

— Perfeitamente. O que eu ainda não percebi muito bem, é para que lhe póde servir uma prensa hydraulica tratando-se de extrahir a gréda que se encontra simplesmente cavando.

(Continúa no proximo numero)

Os Genios Americanos

(Noite. A bandeira de Antonio Dias, fundador de Ouro Preto, adormeceu nos abarracamentos.)

.. ..

Dormem. Silencio. Agora a corrubiana geme
Soprando pelos céus. Cada estrellinha treme,
Treme, treme... e desmaia á santa claridade
Azul, que o espaço inteiro, a pouco e pouco, invade...
N'um pico da montanha o mingoante fluctúa.
E o céu cahe sobre a matta em caricias de lua...

Antonio Dias vela. Ao suave encantamento
Do luar cadendo, deixa em somno o acampamento.

Esbatem-se na bruma as montanhas em torno.
Fluidamente, se esfaz das coisas o contorno.
Bailam, como avejões, os troncos esqueletos
Entre as sombras da matta. Os gigantescos fétos
São genios de cocar, immoveis nos barrancos...
As aguas da cascata erguem phantasmas brancos
Passando entre os cipoaes e a galharia escura...
O mysterio é uma voz e a solidão murmura...
Os responsos da matta, atterrorante e calma,
Aos incensos da flor, o vendaval ensalma...

Pela selva, profunda, immensa, indefinida,
Crepita surdamente o tumultuar da vida
Na luta sem clamor, medonha, ansiosa, bruta,
Do mundo vegetal que, em batalha, disputa
A seiva, o espaço, a altura... A convulsão que agita
O tronco moribundo e a frágil parasita
Hysterica, a apertál-o em braços delirantes...
A asphyxia da folha; as lutas anhelantes
Da raiz sob a terra, entre os pedrouços broncos;
O ansiado competir dos galhos e dos troncos
Na escalada da luz... o esmagamento, a morte
Do fraco, inermemente, — e a victoria do forte,
Que abre, sereno, aos céus, as flores, de uma em uma!...
Mas a luta não se ouve e a floresta reçuma
Sómente a grande paz de um somno perfumado...

Caminha o bandeirante, em scismas mergulhado...
— Por certo, antes de mim, nestes sertões trevosos
Passaram outros mais, ardidos e ambiciosos...
Tourinho penetrou nestes mattos sombrios...
Até onde? Não sei. Nestes montes e rios
Colheu talvez o Arzão aquella amostra de ouro...
Bueno soube o roteiro — e dizem que um thesouro
Logrou tambem achar, que outros, como eu, procuram...
O indio ficou-se em paz. "Entradas" já não furam
Agora estes rincões para os levar captivos...
Pedras?!..". Buscaram dois que não são mais dos vivos...
Si as descobriram, foi com elles o segredo.
Nem os filhos siquer de Marcos de Azeredo
As encontraram nunca!... E Paes Leme?... Em sete annos
De lutas, que colheu?... Maleitas... desenganos...
Mataram Don Rodrigo e a Montanha de Prata
Ficou perdida! O seu espectro inda enche a matta
Que o Borba, em proscripção e Mathias Cardoso
Reviraram debalde, ó sertão pavoroso!...
Fiei de achál-a porém, como, em teu seio escuro,
Uma terra dourada e feliz, que procuro...

(Fulmina nos ares, rapida, uma esphera de chammas. A serra estronda ao longe.)

A MÃE-DO-OURO

(Nos ares, branca como uma névoa inundada de luar.)

Quando vês, branca e leve, a neblina da serra,
Mal podes suspeitar nesse véo — a Mãe-do-Ouro,
Que, alta noite, a fender o sólo, estouro a estouro
O metal vae gerando e na montanha o encerra...

Eu sou bella, ó mortal, como os sonhos que douro!
A volúpia sem par nas minhas carnes berra...
Mas, guai, si alguma vez tu me vires na terra,
Núa, cabello ao sol, resplandecente e louro!...

Ha no effluvio subtil que o meu olhar derrama
Mysterios de prazer e delírios de chamma,
Desejos infernaes, promessas de infinito...

Fecha os olhos, porém!... Quem viu meu seio branco
Procura-me, a sangrar, de barranco em barranco,
— E morre incontentado, amoroso e maldito!...

(Esvae-se pelo céu, num diluculo, deslizantemente.)

Gargalhada. Estálos de ramos. Tropeado no matagal. Apparece Curupira, pequeno e verde, torto, cambaio, pulando sobre a única perna.

CURUPIRA

Tenho na matta montes de prata,
Tenho um thesouro de gemmas e ouro!
Tenho as espaldas
De serras... serras... tudo esmeraldas!...
E aguas rolantes — tudo diamantes!...
Queres metaes? queres riquezas?
Luta commigo!
Penetra as invias asperezas,
Corre o perigo
De féras, brenhas, incertezas
E pavores que não digo...

Quem me affrontar
E me vencer,
Será senhor
Do encanto... E — olhae! —
Si algum tombar
Ou esmorecer,
Frio de horror,
No encontro...

O URUTAU

(Roscando desoladamente os pios, no fundo da matta.)

Aaaai!... Aaai!...
Aai!... ai!... ai! ai! ai! ai!

Curupira faz um arreganho de visagem. Solta uma gargalhada estridente e foge aos pinchos, de rosto para traz, com os dentes muito brancos entre os labios, phosphorecendo. Perde-se na escuridão das arvores.

A agua do regato cresce. Murmura mais doce, lisa e illuminada como um espelho de prata.

A YARA

(Fria. A agua escorrendo dos cabellos verdes. De meio corpo fóra do rio.)

Ai! Beijo d'agua!
Acaricia a minha espadua!...
Que languor! que languir sinto no corpo,
No labio frio, no olhar morto!...

O' Bandeirante,
Que vaes seguindo um sonho grande!...
Não me vês? não me vês tão linda e langue?!..."

No fundo da agua parada
Eu tenho leitos de esmeralda...

Vem! Não queres descer aos meus palacios?
Terás meus labios
Cheios de beijos...
E eu te farei dormir, de olhos roxos, cansados,
Entre os meus braços
E os meus dois seios...

(Espraia-se, esmaecendo á superficie da agua.)

Boitatá phosphorêa entre as arvores, acima do chão, como um raio de luar passeando na matta.

BOITATÁ

Luz das pedras, luz dos mortos, luz das selvas, luz de tudo
Que fermenta, que irradia, que condensas no teu mudo
Laboratorio, ó Morte-Vida! luz que encerra
A emanação do pyrilampo e a dos metaes presos na terra!...
Boitatá...
Alma penada,
Alma das coisas, dispersada...
Do que foi... do que será...

Não fujas do meu lampejo,
Que uma energia está dormindo
Onde os fogachos dardejo,
Frouxo, luzindo:
Thesouros da montanha...
Sementes do porvir...
Fluido... alma... vida... força estranha,
Que faz nascer e faz florir.

Escuta...
Esta matta, esta serra escura e informe, enorme,
E' a madre genetriz de um mundo, uma éra [illegible]

Tempera essa alma resoluta,
Penetra as brenhas! Anda! Luta!
Que has de encontrar, num sonho lindo,
Virgem, sorrindo,
Num leito de ouro, em luras de granito,
E vestida de musgo e de sombras velada,
A tua linda desposada:
A princeza que espera acordar ao teu grito!

Ella dorme encantada... além... além... além...

A ESTRELLA DA MANHÃ

(Purissima. Apparecendo entre dois ramos da floresta).

A Gloria te beijou! Desperta-a! Vem!...

(Illumina longamente a testa do bandeirante, que estremece, encaminhando-se para o acampamento adormecido.)

ALMEIDA COUSIN

(Da epopéa "Itamonte").

TOSSE?

HUSTENIL

OS MELHORES RESULTADOS POSSIVEIS!

Attesto que tenho empregado na minha clinica, com os melhores resultados possiveis, o

ELIXIR DE NOGUEIRA

do Pharm.-Chim. João da Silva Silveira.

Bahia, 27 de março de 1916.

Dr. Eutychio da Paz Bahia.

CHAMAMOS A ATTENÇÃO PARA OS INNUMEROS ATTESTADOS MÉDICOS E DE PESSOAS CURADAS QUE VEM PUBLICANDO DIARIAMENTE O GRANDE DEPURATIVO

ELIXIR DE NOGUEIRA